



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

MARIA DAS GRAÇAS BENTO GONÇALVES E OLIVEIRA

**PALAVRA E CIDADANIA EM HISTÓRIAS DE VIDA E TEXTOS
ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Recife-PE
2009

MARIA DAS GRAÇAS BENTO GONÇALVES E OLIVEIRA

**PALAVRA E CIDADANIA EM HISTÓRIAS DE VIDA E TEXTOS
ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Karl Heinz Efken
Co-Orientadora: Profa. Dra. Marígia Ana Aguiar

Recife-PE
2009

O48p

Oliveira, Maria das Graças Bento Gonçalves e

Palavra e cidadania em histórias de vida e textos argumentativos de alunos do ensino fundamental / Maria das Graças Bento Gonçalves e Oliveira ; orientador Karl Heinz Efken ; co-orientador Marígia Ana Aguiar, 2009.

170 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2009.

1. Cidadania. 2. Análise do discurso. 3. Crianças - Linguagem.
4. Jovens -Linguagem. I. Título

CDU 801

**PALAVRA E CIDADANIA EM HISTÓRIAS DE VIDA E TEXTOS
ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARIA DAS GRAÇAS BENTO GONÇALVES E OLIVEIRA
Prof. Dr. Karl Heinz Efken

Dissertação de Mestrado, submetida à Banca Examinadora, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovação: _____

Data: 02/04/2009

Prof. Dr. Karl Heinz Efken
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador – Membro Efetivo

Profa. Dra. Lívia Suassuna
Universidade Federal de Pernambuco
Examinadora Externa – Membro Efetivo

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
Universidade Católica de Pernambuco
Examinador Interno – Membro Efetivo

RECIFE
2009

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal.

Mikhail M. Bakhtin (2003)

Ao companheiro Mário Agostinho, pela crença nesta trajetória estudantil, ajudando a superar as adversidades de retorno à Universidade, numa parceria de amor e incentivo à minha qualificação profissional.

Ao meu filho Marcos Vinícios, pelo dedicado apoio no processo de construção deste Trabalho, com quem dividi as horas mais difíceis da jornada.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é o princípio e o sustento de todos os meus sonhos, lutas e realizações, a quem, simplesmente chamo de Deus.

Àquele que chegou a ser Mestre em toda significação do termo, Jesus Cristo, e conseguiu ultrapassar, em pedagogia, os demais da humanidade.

À Autarquia Educacional de Salgueiro e à Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, ambientes de minha convivência acadêmica por mais de vinte anos.

À FACEPE – Fundação de Amparo, Ciências e Tecnologia do Governo do Estado de Pernambuco, pela Bolsa concedida.

À Ex-Prefeita, Cleuza Pereira do Nascimento, Professora e amiga, pela confiança com que sempre prestigiou a minha pessoa, pela simplicidade e magnitude de ações, no gerenciamento da cidade de Salgueiro por, três mandatos eletivos.

Aos meus filhos Mário Henrique, Maria Raquel e, extraordinariamente, a Marcos Vinícios, pela compreensão e gestos concretos no acompanhamento de todo o processo, desde a elaboração do Projeto até a conclusão do Texto final.

Ao meu querido pai Félix, em memória, por acalentar o sonho de ter uma filha “doutora”;

Ao meu prezado orientador Prof. Dr. Karl Heinz Efken, pelo apoio, sugestões valiosas, questionamentos compartilhados, compreensão nas adversidades e dedicação, dispensada na construção desta Pesquisa.

À Professora, co-orientadora, Dra. Marígia Aguiar pelos constantes auxílios ministrados, disponibilidade e paciência, desde a elaboração do Projeto para seleção do Mestrado à redação final deste Texto.

Aos professores do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem pelos caminhos que indicaram, pelas idéias compartilhadas.

Aos gestores e docentes das Escolas pesquisadas, pelo convívio e troca de experiências na expectativa de que este Trabalho ultrapassará as vias do pedagógico e invadirá o humano de cada um de nós na construção da Escola Cidadã.

Aos sujeitos da Pesquisa, adolescentes e jovens estudantes, pela vivência tão intensa, com os quais aprendi que saber narrar não é apenas, um ato de memória, é uma atividade de interação verbal estimuladora da tomada de decisão e de ressignificados, no desenvolvimento do exercício da cidadania.

Àquelas pessoas que com muita sutileza, eficácia e solidariedade são responsáveis pela transformação desse sonho em realidade: o Prof. Jorge Cândido, pelas aulas de Inglês e revisão dos trabalhos acadêmicos; aos colegas e, particularmente, a Auricélia Gondim pela amizade, presença incentivadora e companheirismo, nas viagens de Salgueiro a Recife; à Mãe Lica, pela dedicação e firmeza com que apóia as minhas iniciativas, com sua sábia experiência nos seus 83 anos; à Maria Jeane pela dedicação e carinho ao administrar todas as atividades domésticas, facilitando a minha disponibilidade para realização deste trabalho; à minha neta Teresa Raquel, pela graciosidade com que atendia os apelos da Vovó, nas horas de estudo, as quais foram subtraídas da atenção que, por direito, deveria ser, a ela, dispensadas.

RESUMO

O desenvolvimento do presente trabalho foi encaminhado, a partir de reflexões que associam a pluralidade do significado do termo cidadania à transversalidade dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente, no que diz respeito à Ética e à Cidadania, na visão de linguagem dos estudos de Bakhtin, como interação em que as relações sociais se constituem, tendo, em vista, que a cidadania deve ser tratada, como exercício teórico-prático e se constrói no cenário das decisões políticas, econômicas e educacionais. Esta Investigação parte da hipótese de que a linguagem permeia todas as atividades da formação cidadã e se reflete, no discurso do aluno e, também, se as escolas possibilitam o desenvolvimento da cidadania, por meio dos seus discursos, materializados no Projeto Político-Pedagógico. Para demonstrar que o caráter dialógico da linguagem é fator determinante, na constituição do sujeito e que as vivências de cidadania são representadas pela interação verbal com o outro e com o mundo, a pesquisa foi realizada em três Escolas Urbanas da Rede de Ensino de Salgueiro-PE, sendo duas Escolas Públicas – Estadual e Municipal – e uma Escola de iniciativa privada. Justifica-se a escolha dessas escolas, para se ter uma visão mais aprofundada das diferentes percepções dos alunos, concluintes do Ensino Fundamental, considerando as diversidades socioeconômicas desses alunos e a política de gestão de cada escola. A amostra é constituída de doze sujeitos, de ambos os sexos, escolhidos pelas professoras de Língua Portuguesa e gestoras das escolas selecionadas, entre os alunos matriculados na 8ª série. Para alcançar os objetivos, toma-se, como princípio metodológico, a análise qualitativa, por permitir a exploração em níveis que abrangem o contexto da linguagem e da cidadania, nos textos dos alunos, representados nas entrevistas, nos textos narrativos e argumentativos. O *corpus* é analisado a partir de três categorias: uma que, situada no texto da entrevista, permitiu perceber os significados de cidadania construídos no discurso do aluno e as outras duas conduziram, respectivamente a análise das produções escritas, sustentadas nos conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia. Essa análise demonstrou que a linguagem é uma atividade de interação social, permeia todas as atividades de construção da cidadania e se reflete na produção textual do sujeito aluno.

Palavras-chave: Cidadania, Transversalidade, Histórias de Vida, Dialogismo, Polifonia

ABSTRACT

This work development has been lead, through reflections that associate citizenship term meaning plurality to PCN transversality, regarding to Ethics and citizenship, to language viewpoint, in Bakhtin's thought, as interaction and, even, the place where the social, rapports constitute themselves, departing from the particular view that citizenship must be dealt with as theoretical-practical exercise and is built, constructed in political, economical and educational decisions scenery. This Research departs from the hypothesis which according to that language permeates, comes throughout citizenship formation all activities and reflects itself in the pupil's, student's discourse and, still it – this Research – searches finding out whether the schools enable citizenship development, through their discourses, materialized in their PPP^s – Political-Pedagogical Project. In order to demonstrate, show up that language dialogical character is a decisive, determining factor in subject's constitution and that citizenship living experiences are represented, portrayed through verbal interaction with the other one, the "alter", and with the world itself, this Research was accomplished in three (3) Salgueiro's-PE teaching net urban schools, being two (2) of them Public Schools – State^s (province's) and municipality's ones – and one (1) of them ruled by private schools net. One may justify the choice regarding to these schools, aiming at having, forming a deeper perception about Basic, Fundamental Teaching concluding student's, pupils different viewpoints, considering these pupils, student's social and economical diversities and every school management, administration politics. The Sample consists of twelve (12) subjects, from both the sexes, chosen by teachers on Portuguese Language and selected schools' managers, administrators, among the students, pupils registered in the eighth (8^a) series. In order to attain these aims, one takes, as a methodological principle, the qualitative analysis, since it – the above-mentioned kind of analysis-allows, permits the investigation in levels that comprehend language and citizenship context, in the pupil's, student's discourses, represented, portrayed in their interviews, in their narrative and argumentative texts. The "corpus" is analyzed in three categories. One of them, placed in the interview text, allowed, permitted perceiving the citizenship meanings, built, constructed in the pupil's, student's discourse. The other two ones have led, respectively, to the written productions analysis, upheld in dialogism and polyphony bakhtinian, concepts this analyses showed up that language is a social interaction activity, permeates all social participation and citizenship construction activities and is reflected in subject-pupil textual production.

Key words: Citizenship, Transversality, Life Histories Dialogism, Poliphony

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Índices de polifonia no texto.	51
Quadro 2 – Classificação de tipos de intertextualidade	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 Linguagem e cidadania	21
1.1.1 A pluralidade de significados do termo “cidadania”	22
1.1.2 Os Temas Transversais na perspectiva do exercício da cidadania.....	28
1.1.3 Dimensão ética e cidadania	31
1.2. A dialogicidade da linguagem e a constituição dos sujeitos na visão de Bakhtin.....	35
1.2.1 Revisitando as concepções de linguagem e de sujeito	35
1.2.2 Encontrando sentido nas leituras bakhtinianas	39
1.2.3 As múltiplas faces da palavra	41
1.2.4 Articulação dos conceitos: dialogismo, polifonia, intertextualidade, heterogeneidade, enunciado	44
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	62
2.1 Caracterização do campo da pesquisa	62
2.2 Os sujeitos do estudo	66
2.3 Instrumentos metodológicos: levantamento dos dados e categorias de análise.....	68
2.4 Constituição do <i>corpus</i>	70
CAPÍTULO 3. CATEGORIAS E ANÁLISE DOS DADOS	73
3.1 Categoria 1 – O significado de cidadania no discurso do sujeito-aluno e da escola	74
3.2 Categoria 2 – Dialogismo: o diálogo entre interlocutores	85
3.2.1 A minha vida/No meu governo	85
3.2.2 Minha vida é uma comédia/Na minha candidatura.....	87
3.2.3 Superação/Recurso para população	88
3.3 Categoria 3 – Polifonia: voz e vozes no texto.....	90
3.3.1 Vida de altos e baixos/ Sou o que Salgueiro merecia	91

3.3.2. Minha Infância/ “Para ser o que queremos devemos cumprir e fazer”	93
3.3..3 Uma História de Vida/Discurso de uma Prefeita	95
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	
A – Entrevistas	111
B – Texto 1- Histórias de Vida.....	132
C –Texto 2 –Se eu fosse candidato(a) a Prefeito(a)	153

INTRODUÇÃO

O advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos últimos anos, tem despertado muita atenção, mais do que isso, suscitado grande interesse para a construção de uma real escola cidadã. Muitos fatores têm contribuído para isso, sendo mais evidente a existência de uma sociedade cada vez mais plural e que exige a atuação de sujeitos capazes de exercerem influência no contexto em que atuam lingüística, política e socialmente. Isso porque a construção da cidadania acontece no cenário social das decisões políticas, econômicas e educacionais.

A referida afirmação está apoiada em parte da Legislação Educacional Brasileira, que define os princípios e fins da educação nacional o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Constituição Federal, Art.205 e LDB nº 9.394/96, Artigos 1º e 2º). Para concretizá-los, as instâncias governamentais dos Poderes Públicos têm investido em programas de formação continuada para gestores escolares e professores e vêm modificando conteúdos programáticos e estratégias de ensino.

Tendo em vista que as Políticas Públicas buscam, também, aproximar as responsabilidades da Família, da Comunidade e do próprio Estado, com o intuito de melhorar a qualidade de vida das crianças e jovens e, conseqüentemente, assegurar a construção da cidadania, a atual Constituição Brasileira preconiza os direitos sociais, conforme prevê seu Artigo 6º, e os direitos civis e políticos consoante o Artigo 5º, como preceitos de construção de uma plena cidadania.

Para responder a isso, o Estado brasileiro passou a ter 65% do seu orçamento de investimento e custeio aplicados nos setores sociais, para cumprir a promessa de universalizar a Previdência Social, a Saúde, o Ensino Fundamental, Médio e Superior, a Habitação e o Saneamento, ficando 35% para as instâncias estratégicas da Justiça, da Segurança, da Defesa e da Infra-Estrutura, Energia e Transporte.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, por sua vez, dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente (Art. 18), assegurando-lhes meios e

oportunidades, a fim de lhes facilitar “o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (Art.3°).

Daí por que se optou em trabalhar, nesta pesquisa, com o tema *palavra e cidadania nas histórias de vida e de textos argumentativos de alunos concluintes do Ensino Fundamental*. Para isso, fundamentou-se este estudo nos principais objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propostos para o Ensino Fundamental:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira, crítica, responsável e constitutiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas (BRASIL – Introdução, 1998, p.55).

Por conseguinte, no contexto atual, a escola vive o grande desafio de não propiciar, apenas, condições de aprendizado de conhecimentos, de saberes e de habilidades, mas o de favorecer o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, conforme preconiza a Lei nº 9.394/96 (LBD Art. 2º). O foco dessa Lei para a Educação Básica é formar o cidadão, dotado de capacidade reflexiva e autonomia de decisão frente aos problemas da vida pessoal, civil e profissional.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, constatou-se a necessidade de se abordarem os chamados Temas Transversais, mais precisamente a Ética e a Cidadania, utilizando a linguagem, por meio de narrativas das histórias de vida e textos argumentativos do sujeito-aluno. Isso porque se acredita que essa prática contribui para o fortalecimento da cidadania, no processo das mudanças sociais, assim como, apontam os PCN:

a transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito do conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construído na realidade do aluno. (BRASIL, 1998, p. 30).

Assim, a problemática dos Temas Transversais abrange os diferentes campos do conhecimento, ou seja, nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos em relação aos Temas Transversais. Por outro lado, a complexidade de questões sociais, tais como direitos humanos, educação ambiental, orientação sexual e saúde, dentre outras, tem apontado a necessidade de que estas sejam trabalhadas de forma contínua, sistemática, abrangente e integradas em todas as áreas do currículo, no decorrer do início da escolaridade, e que continuem sendo tratadas cada vez com mais possibilidades de reflexão, compreensão e autonomia. No Projeto Educativo da Escola, a perspectiva da transversalidade busca romper o confinamento da atuação dos professores às atividades pedagogicamente formalizadas e ampliar a responsabilidade na formação cidadã dos sujeitos.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam uma proposta de conteúdo que deve servir como referencial de orientação para que as escolas possam ampliar seus Projetos Educativos, abrangendo questões sobre Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo. Abordar todos esses temas, em sua totalidade, é questão demasiadamente complexa para ser tratada neste trabalho. Mas busca-se refletir sobre a questão da Ética e da Cidadania, na perspectiva de que a linguagem tem caráter dialógico na constituição dos sujeitos e de que as vivências de cidadania são constituídas na linguagem e pela linguagem objetivadas.

O interesse pela temática emergiu das experiências docentes da pesquisadora e de sua atuação em atividades nos campos do planejamento e da gestão de entidades educacionais, quando da participação nos debates regionais e locais sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e a elaboração dos Projetos Político-Pedagógicos nas escolas.

Acentua-se, igualmente, a participação em diversos segmentos da sociedade civil organizada que trabalham em defesa de crianças e adolescentes em situação de risco, abandono e marginalização social, na qualidade de membro do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, da Comissão de Defesa a Violência Infanto-Juvenil e da Pastoral Familiar. Essa participação aguçou a

curiosidade de saber como a cidadania está sendo tratada no interior da escola e fora dela, e reforça o compromisso inerente à vocação para o trabalho educacional.

O referido interesse está estreitamente relacionado, por um lado, com as investigações que a Lingüística tem apresentado sobre a concepção de ensino e aprendizagem da língua, e por outro lado, à tomada de consciência de cidadãos, por expressivos segmentos populares, no desenvolvimento e participação democrática da sociedade civil organizada nas decisões governamentais.

Assim, ver o homem como responsável pela sua realização, em parceria com os demais, significa pensar que a “vida é dialógica por natureza e o diálogo é a única esfera possível no campo da linguagem”, como diz Bakhtin (1997). Isso significa que a linguagem favorece a argumentação, o poder de leitura e explicação da realidade. Sem esses poderes, os cidadãos têm menos possibilidades de serem livres. Portanto, a linguagem não é apenas resultado de uma interação social, se não constituinte da própria natureza da *condição humana*.

Nessa perspectiva, é oportuno lembrar que esta dissertação é resultante de um projeto de pesquisa vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Educação e Organização Social do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco.

Para a realização dessa pesquisa, foram selecionadas, como campo de estudo três escolas: sendo uma Escola da Rede Estadual de Ensino, uma Escola da Rede Municipal e uma terceira, da iniciativa privada, todas elas situadas na cidade de Salgueiro, estado de Pernambuco. Justificou-se a escolha dessas escolas, objetivando-se uma visão mais aprofundada das diferentes percepções dos alunos, concluintes do Ensino Fundamental, considerando as diversidades socioeconômicas desses alunos e a política de gestão de cada escola. A amostra foi constituída de doze sujeitos, de ambos os sexos, escolhidos pelos professores de Língua Portuguesa e dos gestores das escolas selecionadas, entre os alunos matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental, quanto à concepção e vivência de cidadania, expressa nas narrativas de histórias de vida e em textos argumentativos.

Partindo dessa perspectiva, foram definidos “a priori” os seguintes questionamentos:

- *O que dizem os alunos sobre cidadania?*

- *A produção textual reflete que concepção de cidadania?*
- *Como os alunos representam em seus discursos, materializados em textos, a participação em atividades desenvolvidas, no interior da escola ou fora dela, voltadas para o exercício da cidadania?*

Para encontrar possíveis respostas para esses questionamentos, o objetivo geral da presente Dissertação foi estabelecer correlações entre palavra e cidadania a partir de produções textuais, orais e escritas, de alunos concluintes do Ensino Fundamental. Entre os objetivos específicos procurou-se investigar, no contexto das entrevistas realizadas com os sujeitos participantes, as vivências de cidadania na interação do sujeito, com o outro e com o mundo. Buscou-se ainda, identificar no Projeto Político-Pedagógico das escolas selecionadas quais são os pressupostos para a formação cidadã com embasamento nos Temas Transversais sobre Ética e Cidadania, bem como, verificou-se a manifestação de dialogismo e de polifonia nas histórias de vida e nos textos argumentativos.

No primeiro Capítulo, examinou-se a multiplicidade de significados do termo “cidadania”, conforme a conceituação de Pinsky (2003), Carvalho (2004), Bittar (2004), e outros teóricos. Realizou-se uma análise dos Temas Transversais, no que diz respeito à dimensão da Ética e da Cidadania, dentro da ótica da dialogicidade da linguagem, e à constituição dos sujeitos na visão da teoria bakhtiniana, articulando as noções de dialogismo, polifonia, intertextualidade e heterogeneidade. Também foi feita uma breve abordagem sobre texto, gênero e produção textual.

O segundo Capítulo trata do processo metodológico da pesquisa, fez-se uma caracterização do campo de estudo, justificando-se a escolha dos instrumentos de pesquisa, a definição das categorias de análise e a sistematização dos dados coletados, objetivando definir as possíveis contribuições deste trabalho para o avanço do conhecimento.

No terceiro Capítulo, encontra-se o *corpus* desta Dissertação e a sua análise; o *corpus* foi constituído das *entrevistas* e das *produções textuais*, representadas por narrativas de histórias de vida e texto argumentativo. A análise baseou-se em três categorias: a primeira, situada no discurso das entrevistas, o que permitiu perceber os significados de cidadania construídos na interação verbal do

sujeito com o outro e com o mundo. As duas outras categorias conduziram a uma análise das produções escritas – texto narrativo e texto argumentativo - sustentada na visão bakhtiniana de linguagem, especificamente, no entendimento dos conceitos de dialogismo e de polifonia.

Por último, apresenta-se a conclusão a que se chega ao final do desenvolvimento desta investigação.

CAPÍTULO 1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Linguagem e cidadania

A linguagem se desenvolve e se desdobra, coletiva e individualmente, em um contexto sócio-cultural. É através dela que, cotidianamente, são construídos sentido por sujeitos enquanto produtores ou recebedores de textos orais e/ou escritos. O direito de sujeito de linguagem se fortalece quando se leva em conta que a linguagem é uma atividade constitutiva, de caráter dialógico. Sentimentos, idéias e ações são expressas pela linguagem, na interação verbal com os semelhantes.

Isso implica em uma reflexão sobre a escola como espaço socialmente organizado para desenvolver a prática que oportuniza aos alunos a aquisição de competências, no tocante à linguagem, que lhes possibilitem resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais, alcançar participação no mundo letrado e desenvolverem a cidadania.

Na Conferência Mundial da Educação para Todos, ocorrida em Jomtiem, Tailândia no ano de 1990, o Brasil e outros países assumiram o compromisso de garantir às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos uma educação básica de qualidade.

A referida conferência foi assistida por representantes do mundo inteiro. Nela, chegou-se à conclusão de que a alfabetização é um dos fatores para resolver um dos problemas mais urgentes da sociedade; a realização plena do ser humano ocorre, através da educação e promovê-la é fundamental para o desenvolvimento das nações.

Assim sendo, explica-se a educação como uma ferramenta extremamente indispensável para combater a pobreza e a desigualdade, elevar os níveis da saúde e bem-estar social. A educação cria bases para um desenvolvimento econômico sustentável e para a manutenção de uma democracia plena e duradoura. Por este motivo, a educação foi incluída na lista dos oito “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas”, que fixou para o ano de 2015 o prazo limite para promover a educação básica para todas as crianças do planeta.

Nessa perspectiva a tradução dos direitos universais inerentes a todos os seres humanos, encontra sua particularização na efetivação social, política, econômica e cultural do conceito de cidadania. Nesse contexto, a linguagem perpassa todas as dimensões da vida, inclusive a da formação humana e, em especial, da formação escolar. A cidadania passa necessariamente pela educação, pois não é algo dado, mas é constituído historicamente.

Nesse sentido, há uma ligação dialética entre ambas as realidades a linguagem e a cidadania. Por meio da linguagem, e nela, constitui-se a cidadania. E o exercício da cidadania, por sua vez, oportuniza o desenvolvimento das práticas sociais de linguagem, na conquista da convivência democrática em sociedade.

1.1.1 A pluralidade de significados do termo “cidadania”

O termo “cidadania” é polissêmico, agregando, nessa perspectiva, muitos significados. Múltipla, também, é a percepção dos autores sobre o tema. A multiplicidade conceitual da cidadania se expressa, por exemplo na concepção dos autores Vilani (2002), Pinsky (2003), Griesse (2003), Bittar (2004), Carvalho (2004), Liberato e Silva (1993), Lando (1993), Wanderley (2000), entre outros, e serve ao propósito de demonstrar que o caráter dialógico da linguagem reflete, de certa forma, a natureza das vivências interativas do sujeito, com o outro e com o mundo, eixo articulador desta dissertação..

Os vários significados atribuídos à palavra *cidadania* abrangem, além dos direitos civis, políticos, sociais e outros direitos que emergem da sociedade atual, com sua imensa pluralidade cultural; amplia-se, assim a noção de cidadania. É aí que floresce a terceira geração de direitos denominados de metaindividuais, isto é “são direitos metaindividuais porque se referem aos direitos dos indivíduos enquanto membros de uma categoria ou grupo social específico.”, como discorre Vilani (2002)

A realidade social, por ser constituída de diferentes classes e grupos sociais, é contraditória, plural e polissêmica, expressando-se pela presença de *diferentes pontos de vista* e de projetos políticos. Dessa maneira, são contraditórios, também, seus valores. As relações educativas entre gestores, professores, agentes administrativos, demais profissionais e estudantes no âmbito da escola são também

plurais e dialéticas. A referida relação se define na vivência da escolaridade em sua forma mais ampla, desde a estrutura escolar, passando pelas formas como a escola se insere e se relaciona com a comunidade, até as relações entre trabalhadores da escola, a delegação de responsabilidades e poder decisório, as relações entre professor e aluno, *o reconhecimento dos alunos como cidadãos e a articulação dos diferentes saberes*.

Nessa perspectiva, afirma Pinsky:

afinal de contas, cidadania é participação, é ter direitos e obrigações [...]. Operacionalmente, cidadania pode ser qualquer atitude cotidiana que implique a manifestação de uma consciência de pertinência e de responsabilidade coletiva. Nesse sentido, exercer a cidadania tanto é votar como não emporcalhar a cidade, respeitar o pedestre nas faixas de trânsito e controlar a emissão dos ruídos. (PINSKY, 2003, p.19-114).

Assim, a ampliação dos horizontes conceituais de cidadania faz postular a definição de uma realidade de efetivo alcance de direitos, materializados na justiça social, de reais práticas de igualdade, no envolvimento com os processos de construção do espaço político, do direito de ter voz e ser ouvido, bem como, da satisfação das condições necessárias ao desenvolvimento humano.

De tal modo, exercitar a cidadania não significa, em momento algum, delegar ao Estado a tarefa de gerenciar políticas públicas, ações estratégicas ou investimentos adequados em justiça social. A cidadania está em evolução e ganhando novas dimensões, deixando de representar, apenas, o *cidadão eleitor*. Surgem outras possibilidades de participação política do sujeito, com o intuito de se atingir os objetivos esperados do Estado Democrático de Direito. Entretanto, Bittar (2004) alerta que a definição de cidadania se encontra um tanto quanto restrita e apegada à tradição, marcada por práticas assistencialistas e paternalistas de Estado.

Todavia, observa-se, no contexto social brasileiro, que o elemento político da cidadania é resultado de reivindicações e lutas da classe trabalhadora. A extensão dos direitos políticos amplia, para todos os sujeitos, a possibilidade de participação no poder público, relativizando a concepção da cidadania como direito de voto.

Defende-se a idéia de que o sujeito deve ser integrado na sociedade. Daí o elemento social da cidadania que se vincula à geração dos direitos sociais, os quais incorporam garantias trabalhistas, acesso aos benefícios da Saúde, Previdência Social, Educação Pública. Essa gama de direitos supõe um Estado participativo que garanta o bem-estar social de toda a população. Nesse sentido expressam Liberato e Silva:

o elemento social da cidadania tem como premissas o direito a um mínimo de bem-estar social e segurança econômica, direito de compartilhar o patrimônio social e de viver como ser civilizado de acordo com os padrões vigentes na sociedade. (LIBERATO E SILVA, 1993, p.5).

Por sua vez, Griesse (2003) discorre sobre as várias interpretações dadas ao termo cidadania, na atualidade, o qual abrange, além de direitos civis, outros direitos relacionados à nova geração de direitos multiculturais dos sujeitos enquanto seres humanos (parte da humanidade) e/ou dos sujeitos enquanto membros da sociedade. Griesse (*Ibidem*) entende a cidadania como uma forma de reivindicar e lutar pela inclusão social.

Noutro viés dessa cidadania geradora dos direitos metaindividuais, emerge, na sociedade atual, o cidadão que submetido a um consumismo compulsivo e excessivo, que o afasta das preocupações com a política e com os problemas coletivos da humanidade. De acordo com Carvalho (2004), a introdução de um mercado que regula a vida econômica e social afasta o cidadão da possibilidade de intervir, de participar dos rumos da vida social, uma vez que estes são determinados pela dinâmica do mercado, e como conseqüência, o pensamento liberal renovado insiste na redução do papel do Estado.

Para se contrapor a esse cidadão consumidor, a escola pode ser um dos agentes transformadores dessa sociedade, por meio de um processo educacional que seja um *espaço para informação, formação, construção de significados e aprendizagens*, na perspectiva dos quatros pilares da educação¹: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser e aprender a conviver.

¹ Os quatro pilares da educação supramencionados são apontados em *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (cf. DELORS, 1999, p. 101-102). As teses desse Documento sobre a Educação foram acolhidas pela comunidade brasileira e passaram a integrar os eixos das políticas educacionais no cenário mundial.

Portanto, é necessário introduzir uma nova maneira de pensar no contexto dos debates que estão sendo feitos sobre “educação” e “educação para e na cidadania”, situando a educação no contexto dos desafios da atualidade. A política educacional precisa converter-se em um instrumento que conduza o sujeito-aluno a um diálogo *criativo* com as incertezas do seu tempo, condição necessária para a formação cidadã.

Em decorrência disso, não se pode mais ignorar a tendência à *universalização da cidadania*. Como lembra Morin (2001), o ser humano carrega em si o caráter ternário da sua própria condição humana que é ser, ao mesmo tempo, *indivíduo/sujeito/espécie*. O autor convida à reflexão do conceito de cidadania terrestre, *a uma comunidade com destino planetário*, quando afirma:

[...] a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim uma das vocações essenciais da educação do futuro serão o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadão da Terra (MORIN, 2001, p.61).

Nessa perspectiva, a educação para a cidadania planetária precisa desenvolver nos indivíduos uma consciência ampliada a respeito dos limites do conceito de *cidadania* e considerar as interações dos seres vivos, a dimensão ética, a responsabilidade com o planeta e o despertar para uma profunda consciência ambiental. Tal consciência extrapola os estreitos limites da educação tradicional, centrada na lógica da competição e dos processos acumulativos, ao produzir riquezas, não considerando os limites da natureza e a necessidade dos outros seres do cosmo.

Assim sendo, a cidadania ambiental florescerá, apenas, em sistemas educacionais que privilegiem os processos dialéticos, democráticos e participativos, em que a *lógica seja a da solidariedade e do diálogo*. Para reforçar essa idéia, Lando, inspirando-se no pensamento do político e pensador francês Tocqueville, defende a idéia de que “[...] a cidadania pressupõe que cada cidadão tem que ter o mínimo de possibilidade social para expressar suas opiniões, e tem que ter o mínimo de possibilidades sociais para reivindicar seus direitos” (LANDO, 1993, p.17).

Nessa polissemia do conceito de cidadania, inscreve-se, também, o conceito de *cidadania cultural*, vinculado à comunidade nacional, ao Estado-Nação, que, segundo Carvalho (2002, p. 115), leva à fragmentação da cidadania, vista como identidade nacional. A *identidade nacional* única se fragmenta em identidades parciais, baseadas em gênero, etnia, idade, condições físicas, opções sexuais. A identidade coletiva se particulariza em pequenos guetos.

Ainda quanto aos diferentes sentidos do termo cidadania, Wanderley distingue:

[...] a cidadania passiva – aquela que é outorgada pelo Estado, com a idéia moral de favor e da tutela – da cidadania ativa aquela que institui o cidadão como portador de direito e deveres, mas, essencialmente criador de direitos para abrir novos espaços de participação política (WANDERLEY, 2000, p.158).

Portanto, no bojo da análise dessa diversidade dos conceitos de cidadania, compreende-se que educar não é tarefa exclusiva da escola. O exercício da cidadania exige que a prática de educar ultrapasse os muros da escola. A cidadania plena não é um exercício individual, mas coletivo, e se expressa de forma privilegiada nos processos de interação verbal, isto é, na interação pela linguagem.

Linguagem, aqui, entendida como *ação interindividual*², orientada para uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Pela linguagem se expressam idéias, pensamentos, intenções, estabelecem-se relações interpessoais e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade, da sociedade e o rumo de suas (re) ações.

Nesse sentido, interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva. Em outros termos, quando um sujeito interage verbalmente com o outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e familiaridade que tem da posição social e hierárquica que ocupam ambos (o locutor e o interlocutor).

² cf. BAKHTIN, Sobre Linguagem como ação interindividual, ver Marxismo e filosofia da linguagem (1997) e Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa– terceiro e quarto ciclo (1998)

Assim, o entendimento de que linguagem é interação verbal e as manifestações de cidadania podem ser expressas pela Palavra, ancora-se no pensamento de Bakhtin quando ressalta:

a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...] é o modo mais puro e sensível de relação social. [...] O material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra. [...] A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação, assim não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. (BAKHTIN, 1997, p.36-38).

A palavra “cidadania” aparece, várias vezes, no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em que os Temas Transversais se ligam, sendo colocada como um dos objetivos do Ensino Fundamental. E a cidadania em sua pluralidade de significados está incluída em torno da “necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos” (BRASIL, 1998, p. 5)

Na introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, o Ministro de Educação, na época, Paulo Renato Souza, faz a seguinte enunciação:

o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade amplia-se [...] e aponta para a necessidade de construir uma escola voltada para a formação de cidadãos [...] pretende-se criar condições nas escolas que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 8).

Nessa mesma concepção, o Documento, em linhas gerais, se caracteriza por:

- mostrar a importância da comunidade na escola, de forma que o conhecimento aprendido gere maior integração e inserção no mundo; a prática comprometida com a interdependência *escola – sociedade* tem como objetivo situar as pessoas – cidadãos – desde o primeiro dia de sua escolaridade;
- explicitar a necessidade de que é preciso que as crianças e os jovens deste País desenvolvam suas diferentes capacidades, enfatizando que a *apropriação dos conhecimentos é base para construção da cidadania* e da sua identidade e que todos são capazes de aprender e mostrar que a escola deve proporcionar ambientes de construção dos seus conhecimentos e de desenvolvimento, de sua inteligência, com suas múltiplas competências;
- evidenciar a necessidade de tratar os temas sociais urgentes, chamados – temas transversais – no âmbito das diferentes áreas curriculares (BRASIL, 1998, p. 10).

Nesse contexto, ao longo dos PCN³, a cidadania está colocada como um exercício teórico-prático a ser tratado dentro da escola. O Documento apresenta a escola como um *locus* no qual se devem instituir as representações necessárias ao desenvolvimento da cidadania. O texto dos PCN, também, reforça a indissociabilidade entre cidadania e democracia, colocando a escola como ambiente próprio para que efetive o aprendizado da cidadania, através do estímulo à convivência democrática. “A formação da cidadania se faz, antes de tudo, pelo seu exercício, *aprende-se a participar*, participando, e a escola será um lugar possível para essa aprendizagem, para promover a cidadania democrática no seu cotidiano” (BRASIL, 1998, p. 37).

Nessa direção, os Temas Transversais por tratarem de questões sociais contemporâneas que tocam profundamente o exercício da cidadania, oferecem inúmeras possibilidades para o *uso vivo da palavra*, para o trabalho integrado de várias áreas, permitindo a diversidade dos pontos de vista e as formas de enunciá-los e, também, a convivência com outras posições ideológicas, oportunizando, enfim, o exercício democrático.

Sabe-se, também, que o trabalho com a escrita e a oralidade do aluno, no tratamento dos aspectos polêmicos inerentes às questões sociais, abre possibilidades para a *argumentação – capacidade relevante para o exercício da cidadania*. A aprendizagem dos temas da transversalidade curricular precisa estar necessariamente, inserida em situações reais de *intervenção no âmbito da própria escola*. Essa curiosidade motiva a investigação de como os sujeitos envolvidos nesta pesquisa representam suas concepções e vivências de cidadania, através de seus discursos.

1.1.2 Os Temas Transversais na perspectiva do exercício da cidadania

Nos PCN, a cidadania é eixo central, em torno do qual os Temas Transversais traduzem as preocupações da sociedade brasileira e correspondem a questões importantes e presentes, sob várias formas, na vida cotidiana. A transversalidade consiste em incorporar os objetos e conteúdos dos Temas

³ Doravante, utiliza-se a denominação PCN, quando se tratar de Parâmetros Curriculares Nacionais

Transversais às áreas específicas de conhecimento do Ensino Fundamental. O texto propõe uma educação comprometida com a cidadania baseada na Constituição Brasileira, elege os princípios segundo os quais a educação escolar deve orientar-se: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação, corresponsabilidade social⁴. Os Temas Transversais são questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demanda transformações macrossociais, bem como, atitudes pessoais, exigindo, portanto, “ensino e aprendizagem de conteúdos relativos à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal” (BRASIL, 1998, p. 26).

A problemática dos Temas Transversais abrange diferentes campos do conhecimento, ou seja, nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito desses temas. Por outro lado, a complexidade de questões sociais, tais como direitos humanos, educação ambiental, orientação sexual e saúde, dentre outras, tem apontado a necessidade de estas serem trabalhadas de forma constante e sistemática, abrangente e integrada, em todas as áreas do currículo, no decorrer da escolaridade; sugere-se que ainda continuem sendo tratadas cada vez mais com possibilidades de exercícios reflexivos, compreensão e autonomia no projeto educativo da escola, na perspectiva transversal de romper o confinamento da atuação dos professores às atividades, pedagogicamente formalizadas e ampliar a responsabilidade na formação cidadã dos sujeitos.

Dessa forma, destacam-se, entre os objetivos indicados pelos PCN, para o Ensino Fundamental, os seguintes:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e constitutiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.
- utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p. 55).

⁴ No documento PCN - Introdução - Temas Transversais encontram-se explicitados a fundamentação e os princípios que norteiam o trabalho com as questões sociais na escola, bem como, a relação de transversalidade entre os temas e as áreas curriculares.

A transversalidade preocupa-se com o estabelecimento possível, na prática pedagógica, de uma nova forma de se aprender sobre a realidade, vinculando os saberes teoricamente sistematizados sobre os desafios da vida real e os seus respectivos processos de mudança e transformação. A transversalidade pode ser assim definida:

promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito do conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construído na realidade do aluno. (PCN, 1998, p. 30).

Desse modo, a inclusão dos temas transversais na prática pedagógica procura atribuir sentido social aos procedimentos e conceitos presentes nos diferentes campos do conhecimento. Entende-se, portanto, a Escola como um espaço vivo no qual a cidadania venha a ser exercida a cada momento, fazendo com que os alunos se apropriem do espaço escolar e reforcem os laços de identificação com ela. No interior da escola, existe vasto campo de atuação para o efetivo exercício da cidadania. Como na sociedade, a escola ou a sala de aula podem – e devem – ser um aprendizado de cidadania, na medida em que instituem práticas comunicativas, no seu interior e na relação com a comunidade.

Nessa direção, o trabalho com os temas sociais se concretiza nas diversas decisões tomadas pela comunidade escolar,⁵ o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição das prioridades a serem eleitas no Projeto Educativo da Escola buscando-se um tratamento didático que contemple a dinâmica e a complexidade da contextualização dos Temas Transversais, dando-lhes a mesma importância das demais áreas curriculares, com o devido respeito às diferentes realidades locais e regionais.

Pelo que até aqui foi esboçado, pode-se afirmar que os PCN apresentam uma proposta de conteúdos que devem servir como referencial e orientação para que a estrutura curricular das escolas brasileiras possa fazer a inserção, transversal aos denominados conteúdos curriculares tradicionais,⁶ e as questões sobre Ética,

⁵ A comunidade escolar compreende os gestores, os professores, os alunos e demais profissionais com atuação na escola.

⁶ Referência aos conteúdos das áreas curriculares: Português, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Artes, Educação Física e Língua Estrangeira.

Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo. Abordar todos esses temas, em sua totalidade, é questão, demasiadamente complexa para ser tratada neste espaço, mas é possível tecer comentários sobre Ética e Cidadania.

1.1.3 Dimensão ética e cidadania

No que diz respeito à Ética, observa-se que, em todos os documentos dos PCN, respeitadas as especificidades dos demais Temas Transversais, existem questões que envolvem conduta humana, normas e valores. É possível, também, afirmar que tais questões perpassam todos os tipos de relacionamento humano, tanto na família, como na escola e no trabalho.

É a partir das questões complexas e dos conflitos que se propõe:

perceber os limites das respostas oferecidas pela moral e a necessidade de problematizar essas respostas, verificar a consistência de seus fundamentos. É aí que entra a ética. A ética é a reflexão crítica sobre a moralidade. Ela não tem um caráter normativo, pois, ao fazer uma reflexão ética, pergunta-se sobre a consistência e a coerência dos valores que norteiam as ações, busca-se esclarecer e questionar os princípios que orientam essas ações para que elas tenham significado autêntico nas relações (PCN, 1997, p. 52).

A distinção que se faz, contemporaneamente, entre ética e moral tem a intenção de salientar o caráter crítico da reflexão que permite um distanciamento da ação, para analisá-la constantemente e reformulá-la sempre que necessário. Por ser reflexiva, a ética tem um caráter teórico⁷. A dimensão moral tem caráter histórico e uma dimensão pessoal. Os seres humanos, por se caracterizarem como seres livres, tem possibilidade de escolha. Escolher significa comparar e valorar. A responsabilidade é, portanto, o núcleo da ação moral, este constituído por vários elementos que se cruzam. Entre eles, ressalta-se a liberdade traduzida na possibilidade de fazer escolhas, de tomar partido. Cada ser humano posiciona-se diante de um conjunto de valores que não foram criados por ele, isoladamente, mas no contexto das relações com outros seres humanos.

⁷ Ter caráter teórico, não significa dizer que a ética é abstrata ou metafísica, descolada das ações concretas. Não se realiza o gesto da reflexão por mera vontade de fazer um exercício de crítica.

Ética e Cidadania constituem os princípios fundamentais da vida democrática. O caráter social da vida dos seres humanos é um processo, uma construção da qual participa cada indivíduo, na relação com os outros. São práticas dialógicas, vivências de alteridade, de consideração e valorização da presença do outro como constituinte da identidade de cada indivíduo. Cada pessoa é, sem dúvida, singular, distinta de todas as outras. Tal singularidade, entretanto, se constitui na relação, no contexto material e simbólico da vida coletiva. Quando se ignora o outro, quando se age como se ele não existisse, deturpa-se essa compreensão de singularidade, fazendo com que se instale o individualismo. Assim, “a cidadania é liberdade em companhia” como está expresso nos PCN (1998, p. 55).

Essa afirmação remete ao pensamento de Bakhtin/Voloshinov (1997), cujos pressupostos permitem compreender as necessidades de estudo da linguagem que consideram o aspecto ativo do sujeito, no caráter relacional de sua construção. O autor concebe um sujeito dialógico, que sendo um eu-para-si é, ao mesmo tempo, um eu-para-o-outro, condição que torna possível essa identidade relacional, responsável/responsiva. O sujeito, ao compreender a si mesmo, e ao outro, na e pela linguagem, constitui sentido e se apropria de seu papel na organização da vida social e no exercício da própria cidadania, no convívio escolar e social.

Assim, a dimensão ética perpassa todas as relações educativas que se desenvolvem na escola: o cotidiano escolar está permeado, totalmente, de valores que traduzem princípios, regras, ordens, proibições. A Ética é um eterno pensar, refletir, construir. E, na escola, sua presença deve contribuir para que os sujeitos possam tomar parte nessa construção, como seres livres e autônomos para pensarem e julgarem, para problematizarem, constantemente, o viver pessoal e coletivo, fazendo o exercício da cidadania.

No campo da Ética, guarda-se a proposta de uma educação de valores, os quais são de diversas ordens e estão presentes na vida escolar: na aprendizagem das diversas áreas do conhecimento, nas atitudes dos professores, na sala de aula e na equipe escolar. Portanto, a linguagem, sendo dialética, é também uma instância de comunicação que aproxima pessoas, coloca-as em interação, define o *lugar* do qual se fala, e com quem se fala, como também agride, afasta, questiona. A linguagem permeia situações consensuais e contraditórias.

Entende-se a escola como lugar privilegiado para o desenvolvimento da cidadania, porque é um dos primeiros espaços públicos a que as crianças têm acesso, de forma sistematizada. Compreende-se, então, a cidadania como participação social, como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, como está indicado nos PCN (1998, p. 55)

Ao agir no mundo, construindo sua vida, na relação com os outros, o ser humano o faz com vistas à sua realização. Dessa forma, pensar questões éticas é pensar os modos pelas quais se comportam os sujeitos, para consigo e perante outros sujeitos porque a eticidade do convívio está posta em evidência como afirma Bittar:

[...] na formação do convívio, sente-se uma crise ética, na medida em que o outro (*alter*) foi expulso do campo. [...] este modo de ação consciencial afeta todo campo de projeção da constituição da consciência coletiva, do pulsar em direção ao outro, do existir, do conviver, do estar-posto-no-grupo... (BITTAR, 2004, p. 6)

Assim, o caráter social dos seres humanos é um processo, uma construção, da qual participa cada indivíduo na relação com os outros. As relações entre as pessoas são mediadas pelas instituições em que elas convivem, pelas classes e categorias a que pertencem e pelos interesses e poderes que nelas circulam.

Verifica-se que, para haver uma sociedade realmente democrática, o exercício do poder deve ocorrer numa perspectiva de pluralidade. Essa perspectiva de *pluralidade* está intimamente articulada a *alteridade*, consideração e valorização da presença do outro, como constituinte da identidade. Como afirma Bakhtin (1997), “um sujeito social, histórica e socialmente situado, se constitui na interação com o outro. Eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que eu sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade”.

Pode-se compreender, assim, a estreita relação entre Ética e Cidadania. É como cidadãos que as pessoas fazem suas escolhas, tomam partido diante das opções socialmente apresentadas, haja vista que a harmonia ganha sua riqueza, é construída e experimentada, tomando como referência o princípio da dignidade.

Segundo esse princípio, toda e qualquer pessoa é digna e merecedora do respeito de seus semelhantes e tem direito a boas condições de vida e à

oportunidade de realizar seus projetos, conforme preconiza a legislação vigente na sociedade brasileira.⁸

Entretanto, existem preconceitos e discriminações, o que resulta freqüentemente em conflitos e violência. Assumindo a atitude preconceituosa, alguns acham que determinadas pessoas não merecem consideração porque são mulheres, negras, pobres, doentes, entre outras. A atitude preconceituosa está na direção oposta do que se requer para a existência de uma sociedade democrática, pluralista por definição.

Do ponto de vista da Ética, o preconceito pode traduzir-se de várias formas:

a mais freqüente é o não reconhecimento da universalidade de alguns princípios morais universais. Por exemplo, alguém pode considerar que deve respeitar as pessoas que pertencem a seu grupo, ser honesto com elas, não enganá-las, não violentá-las etc., mas não ver o mesmo respeito como necessário em relação às pessoas de outros grupos. Mais ainda: mentir para membros de seu grupo pode ser considerado desonroso, mas enganar os “estranhos”, pelo contrário, pode ser visto como ato merecedor de admiração. Outra tradução dos preconceitos é a intolerância: não se aceita a diferença e tenta-se de toda forma, censurá-la, silenciá-la... (PCN, v. Temas Transversais, 1998, p.56)

É esse o desafio que se apresenta à sociedade, mais particularmente à escola, espaço de socialização e produção de conhecimento e de valores. Assim, trazer a Ética para o espaço escolar significa instalar, no processo de ensino e aprendizagem que se realiza em cada uma das áreas do conhecimento, uma constante atitude crítica, de reconhecimento dos limites e possibilidades dos sujeitos e das circunstâncias, de problematização das ações e relações e dos valores e regras que os norteiam.

Configura-se, assim, uma cidadania que proporcione às crianças e aos adolescentes condições para o desenvolvimento de sua autonomia, entendida como a capacidade de fazer escolha, estabelecer critérios e participar da gestão de ações coletivas.

⁸ cf. Constituição Federal Brasileira, Lei nº 9394/96 que estabelece as Diretrizes da Educação Nacional; o Estatuto da Criança e do Adolescente; e por fim a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O desenvolvimento da autonomia é um objetivo de todas as áreas e dos Temas Transversais e, para alcançá-lo, é preciso que eles se articulem. A mediação representada pela Ética estimula e favorece a articulação curricular para que a cidadania possa ganhar, efetivamente, o próprio sentido e as relações entre os sujeitos sejam sustentadas por atitudes de respeito mútuo, diálogo, solidariedade e justiça.

1.2 A dialogicidade da linguagem e a constituição do sujeito na visão de Bakhtin

1.2.1 Revisitando as concepções de linguagem e de sujeito

Todas as atividades humanas estão constituídas na linguagem. Mesmo quando se afirma que aconteceu algo que não se pode descrever, esse “*não pode descrever*” já pertence à linguagem. Um pedido de obediência do outro produz-se na linguagem.

Deve-se buscar coerência entre a concepção de linguagem e a de mundo. A concepção de linguagem altera o modo de trabalhar com a língua e, também, à postura que se tem no tocante à educação. Qualquer metodologia de ensino aponta para uma opção política que envolve uma teoria de compreensão da realidade, incluída aí uma concepção de linguagem.

As preocupações em torno do fracasso escolar, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, são evidenciadas pelas constantes pesquisas que vem sendo desenvolvidos por linguistas brasileiros, de modo a conhecerem e interpretarem a realidade das atividades em torno da linguagem. Entre esses estudos, destacam-se os temas oriundos dos problemas detectados, tais como a evasão escolar, as causas das reprovações na disciplina, as dificuldades de aprendizagem dos alunos no uso da língua escrita.

A concepção de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua/linguagem que se adote. Interessa, retomar neste item, uma análise sucinta de três concepções distintas de linguagem que vem permeando a história

dos estudos linguísticos para uma concentração, posterior, nas contribuições bakhtinianas sobre o estudo da linguagem.

Primeiro, na teoria da *linguagem como expressão do pensamento*, segundo Geraldí (2006, p.41), o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro, nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. O fato lingüístico, a exteriorização do pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada, é explicado como sendo um ato de criação individual. A expressão exterior depende, apenas, do conteúdo anterior, do pensamento e de sua capacidade de organizá-lo de maneira lógica.

Por isso, acredita-se que, a partir dessa teoria, o pensar, resultando na lógica da linguagem, deve ser incorporado. As regras situam-se dentro do domínio do estudo gramatical normativo ou tradicional. Dominar a língua é saber teoria gramatical. Ainda, para essa concepção, o não saber pensar é a causa de as pessoas não saberem se expressar.

Assim, a essa concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de *sujeito psicológico*, individual, dono de sua vontade e de suas ações. “Trata-se de um sujeito visto como um “ego” que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor, da maneira como foi mentalizada” (Koch, 2006, p.14).

Essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais sobre linguagem. A linguagem, assim como o conhecimento, é inata. A relação professor/aluno é unilateral: pergunta/resposta. O discurso do professor é pré-elaborado. Todas as falas são programadas.

Portanto, pensar a linguagem dessa forma é uma atitude reducionista. A língua, então, concebida como simples sistema de normas acabado, fechado abstrato e sem interferência do social, obedece a princípios gerais, racionais, lógicos, e a linguagem é regida por esses princípios. Impõe-se a exigência de que os falantes a usem com clareza e precisão, pois idéias claras e distintas devem ser expressas de forma lógica, precisa, sem equívocos e sem ambigüidades. As dificuldades de expressão, o discurso que se materializa no texto independe da

situação de interação comunicativa, do interlocutor, dos fenômenos sociais, culturais e históricos.

Ainda em Geraldi (ibidem), vemos que a segunda concepção a ser abordada é da *linguagem como instrumento de comunicação*. "Essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código [...] capaz de transmitir ao receptor certa mensagem" (GERALDI, 2006, p. 41). Vista assim, a língua é um código, um conjunto de signos, combinados através de regras, que possibilita ao emissor transmitir certa mensagem ao receptor. A comunicação, no entanto é estabelecida, apenas, quando o emissor e receptor conhecem e dominam o código que é utilizado de maneira preestabelecida e convencional.

A concepção comunicativa da linguagem é vista com ressalvas por reduzir a comunicação humana a uma forma vazia e ritualizada. Considera-se, ainda, que a linguagem, na concepção comunicativa, é centrada na informatividade da mensagem, na funcionalidade e não no ato de linguagem. A preocupação é mostrar como "funciona a comunicação" e não estabelecer interações, de "ouvir" e "dar voz" ao outro.

A essa *concepção da língua como estrutura* corresponde a de sujeito determinado, *assujeitado* pelo sistema, caracterizado por uma espécie de "não consciência". O indivíduo não é dono do seu discurso e de sua vontade: sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz e o que diz. O sujeito tem, apenas, a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ilusão necessária, de que a ideologia lança mão para fazê-lo pensar que é livre para fazer o que deseja, mas, na verdade, ele somente diz e faz o que dele se exige que faça e diga, na posição em que se encontra.

As teorias comunicativas de linguagem influenciaram nas décadas de 70 e 80 do século XX o ensino da Língua. Recorde-se a mudança de nome da disciplina Língua Portuguesa para "Comunicação e Expressão". Os livros didáticos do então 1º e 2º graus eram estruturados e ancorados nessa concepção. Em alguns livros didáticos de 5ª série do Ensino Fundamental, na parte destinada à "compreensão e interpretação" de textos, as questões eram formuladas no sentido de identificar o emissor, o receptor, o código, a mensagem, o canal ou o meio utilizado para a transmissão dessa mensagem. A preocupação fundamental, nesse tipo de ensino, é a transmissão de conhecimentos.

Na terceira concepção de linguagem a ser aqui analisada, *a linguagem é uma forma* ou processo *de interação*: o que o indivíduo faz, ao usar a língua, não é, tão somente, traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é vista como forma de interação social e formadora de conhecimento.

Essa concepção de linguagem *faz eco* com a teoria bakhtiniana, quando afirma Bakhtin (1997): “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas pelo fenômeno da interação social e da interação verbal realizada através da enunciação e das enunciações”.

Nesse enfoque, a concepção interacionista da linguagem contrapõe-se aos princípios estruturalistas de língua que a consideram como objeto autônomo, sem história e sem interferência do social.

Ao contrário das concepções anteriores, *essa terceira concepção situa a linguagem como um lugar de interação humana, como um lugar de constituição de relações sociais*. Essa concepção representa correntes e teorias de estudo da língua correspondentes à *lingüística da enunciação*, que colocam, no centro da reflexão, o sujeito da linguagem, as condições de produção do discurso, o social, as relações de sentido estabelecidas entre os interlocutores, a argumentação, a ideologia, a historicidade da linguagem.

Como tão bem enfatiza Bakhtin (1997), não se pode separar a linguagem do seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal e se realiza através da enunciação que é o diálogo (no sentido amplo do termo, englobando também as produções escritas). O sentido do enunciado acontece através de uma compreensão ativa entre os sujeitos, é o efeito da interação dos interlocutores. Todo enunciado tem um destinatário, entendido como a segunda pessoa do diálogo.

Desse modo, a proposta do Círculo Bakhtiniano de não considerar os sujeitos apenas como seres biológicos implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos, como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso.

Nessa concepção de língua como lugar de interação corresponde à noção:

de um sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção do social e da interação, defendendo a posição de que os sujeitos (re) produzem o social na medida em que participam ativamente da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais não poderia existir (KOCH, 2006, p.15).

Por conseguinte, trabalhar a linguagem como processo de interação, exige redefinição de papéis: o professor não pode ser visto como o agente exclusivo da informação e formação dos alunos. Seu papel é polemizar, discutir, ouvir as diversas vozes, desafiar. No processo de interação, as falas constituem a essência do processo de ensino. Trabalhar nessa perspectiva é ver as interações verbais e sociais como espaço de construção de conhecimento e de exercício da cidadania.

1.2.2 Encontrando sentido nas leituras bakhtinianas

O pensador Bakhtin e seu Círculo tem merecido, nos últimos anos, grande atenção por parte de diferentes áreas do conhecimento. Esse fato pode ser constatado nas inúmeras traduções e, especialmente, nos incontáveis ensaios interpretativos e na circulação de conceitos e categorias advindos do pensamento bakhtiniano, com ele afinados ou, ainda, por ele motivados. Esse arcabouço teórico e reflexivo aparece, portanto no enfrentamento da linguagem, não apenas em áreas destinadas a essa finalidade, caso dos estudos linguísticos e literários, mas também à Antropologia, à Sociologia, à Educação, entre outras. O debate no campo educacional conquistou, nas últimas décadas, mais respeito para a imagem e o papel do educador, no construir de uma educação mais democrática, crítica e transformadora. Esse imperativo oportunizou o desenvolvimento de estudos da teoria de Bakhtin, que passou a conquistar muitos educadores brasileiros.

Mikhail Bakhtin, teórico da Lingüística e da Literatura, viveu na Rússia *stalinista*, motivo pelo qual sua obra foi traduzida no Ocidente, apenas no final da década de 60 do século XX. Sua obra traz os conceitos de heterogeneidade, dialogismo, inscrição, discursividade em um conjunto de traços sócio-históricos, em relação ao qual todo sujeito é obrigado a situar-se. O autor ficou conhecido, primeiramente na teoria da literatura, pelas obras *Problemas da poética de*

Dostoiévski (1963), *Estética e teoria do romance* (1975), *Estética da criação verbal* (póstumo 1969).

A motivação para a leitura da obra desse autor surgiu da reflexão do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, bem como da leitura de Ensaios, Artigos e Livros publicados por outros autores, que também estudam Bakhtin, destacando entre eles: Brait (2006), Faraco (2007), Koch (2002 e 2006), Marcuschi (2000-2007), Meserani (2002), Suassuna (2002), Cunha (1996-2006). Esses autores de maneira mais didática conduzem a uma compreensão mais responsiva para conhecer e aprofundar constantes questões que dizem respeito a conceitos e categorias os quais foram ganhando especificidade no conjunto das produções do Círculo Bakhtiniano⁹. Pelo a pouco, a leitura da obra de Bakhtin foi permitindo compreender, com maior propriedade ou menos ingenuidade, os posicionamentos do autor diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que aí se integram e se constituem.

A partir de então, os conceitos de dialogismo, polifonia, intertextualidade, heterogeneidade, palavra, sujeito, autoria, ética, interação verbal, enunciação, enunciado concreto, gêneros discursivos e compreensão responsiva ganham uma dimensão de maior interesse na perspectiva de construir o eixo epistemológico desta proposta investigativa.¹⁰

As contribuições da obra de Bakhtin e de seu Círculo deram origem a uma das correntes de pensamento mais influentes do século XX. Entre os aspectos responsáveis pela sua repercussão, está a formulação complexa de conceitos construídos nos diversos domínios das Ciências Humanas e, por isso, capazes de produzirem questões, de orientarem abordagens e de apontarem caminhos de pesquisa que não se esgotam em uma única disciplina acadêmica. Hoje, quando já existe um bom número de trabalhos interpretativos da obra de Bakhtin, “ninguém mais duvida de que Bakhtin não tenha entrado nos anos 90 como o grande

⁹ Essa natureza interdisciplinar da obra do Círculo Bakhtiniano explica o fato de ter sido incorporada e articulada aos estudos de diversos outros teóricos das formas mais variadas. Dentre estes, estão inscritos Jacqueline Authier-Revuz, Dominique Maingueneau, Oswald Ducrot, Tzlan Todorov, Julia Kristeva com a utilização dos conceitos de polifonia, de enunciado, de plurilingüismo e gêneros do discurso, no domínio das Ciências da Linguagem e da Literatura. cf. Brait(2006).

¹⁰ Uma explicação do conjunto de conceitos da obra bakhtiniana se encontra nos livros organizados por Brait (2006), intitulados Bakhtin Conceitos-chave e Bakhtin Outros Conceitos-chave.

pensador da linguagem que sua obra revela” (TEZZA *In: Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura*, FARACO, 2007, p.232).

Considera-se, portanto, cada vez mais difícil ignorar suas teorias e seu modelo teórico, seja para acompanhar seu rumo, seja para contestá-lo. Mikhail Bakhtin é um dos acontecimentos mais marcantes das ciências humanas do fim de século XX. Cabe observar, ainda, o que diz Tezza sobre Bakhtin:

“[...] tudo nele tem sido surpreendente: a própria vida, a diversificação temática dos textos, a questão da autoria, a edição póstuma de grande parte de sua obra. [...] alguém que, hoje, revela-se francamente na dianteira; [...] somos nós que, desenterrando-o do passado, vemo-nos em muitos aspectos compelidos a correr atrás dos seus ossos” (TEZZA *In: Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura*, FARACO, 2007, p.231).

O fato de Bakhtin ter, diante do mundo e, particularmente, diante da linguagem, uma postura que articula estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos, segundo Brait:

“confirma que a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras que são por ele assinadas quanto nas que lhe são atribuídas, apesar de várias assinaturas” (BRAIT, 2006, p.28).

1.2.3 As múltiplas faces da palavra

A palavra, sua palavra, minha palavra, palavra do dicionário, palavra neutra... Misteriosa coisa a palavra! Misteriosa coisa o falar! Quanto já se escreveu sobre a palavra nas produções das áreas de conhecimento, tanto nas Ciências Humanas, quanto nas Ciências Sociais.

Não se pretende, aqui, retomar todos os momentos da tradição dos estudos linguísticos sobre a palavra. Interessa compreender que, nos estudos de Bakhtin, a linguagem é tratada como interação social, levando-se em consideração sua história, sua historicidade. Isso significa que, no pensamento bakhtiniano, a palavra é reposicionada no tocante às concepções tradicionais, passando a ser encarada como um elemento concreto de feitura ideológica.

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, texto assinado por Bakhtin/Voloshinov, a definição de palavra vai se construindo paulatinamente. Por isso, opta-

se por mencionar a citação que vem a seguir, expressão inspiradora do título desta dissertação:

Na realidade, toda palavra comporta duas *faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que *procede de alguém*, como pelo de que se dirige a *alguém*. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, *defino-me em relação ao outro, isto é em última análise em relação à coletividade*. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1997, p.113).

Nesse contexto, concebe-se que o homem se constitui pela interação verbal e social com outros homens. A linguagem é algo que os sujeitos produzem, a cada momento, de acordo com as necessidades. Ademais, a fala averba as interações que se estabelecem com a realidade, abrindo o leque dos símbolos linguísticos. Todo signo é ideológico, reafirma Bakhtin, e a palavra está relacionada à vida, à realidade, como parte de um processo de interação entre um falante e um interlocutor, concentrando em si as enunciações entendidas e socialmente compartilhadas pelo interlocutor.

Tudo isso remete ao que afirma Suassuna:

chega a ser heresia pensar na linguagem sem pensar, juntamente, na natureza dialógica da enunciação. E a noção de interação é rica a tal ponto, que pressupõe troca, estrutura social, ideologia, representação, sujeitos, trabalho, historicidade, posição diante do mundo... (SUASSUNA, 2002, p.119).

Compreende-se, assim, que o locutor, ao dar vida à palavra, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação aos valores atribuídos e/ou agregados. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto dialógico, resultando de um processo de interação na realidade viva.

Bakhtin (1997) mostra que, no processo de relação social, todo *signo* é *ideológico*, e, portanto, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado. Já que o signo é criado entre sujeitos, no meio social, é indispensável que adquira uma significação interindividual; ou seja, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deixar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.

Em decorrência disso, Bakhtin admite que a verdadeira substância da língua não seja constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas pelo fenômeno social da interação verbal, ou seja, a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua; o diálogo é toda comunicação verbal, entrelaçando-se a outros tipos de comunicação, cresce com eles, sobre o terreno comum da situação de produção. Por conseguinte, a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal, não no sistema linguístico da língua.

Estudos recentes tem focado a relação entre a linguagem em uso e o exercício da cidadania. Esse interesse se prende, por um lado, às problematizações que a lingüística tem apresentado com respeito à concepção de ensino e à aprendizagem da língua e, por outro lado, à tomada de consciência, como cidadãos, por expressivos segmentos populares na construção da participação democrática da sociedade civil organizada e nas decisões governamentais. Ver o homem como responsável pela sua realização, em parceria com os demais, traz inúmeras implicações.

Ter essa consciência significa mexer com acomodações apaziguadas pelo senso comum e legitimadas por "autoridades", muitas vezes representadas por instituições refratárias à crítica, "proprietárias" do saber e da verdade. Isso significa que a linguagem confere poder de argumentação, poder de leitura e explicação da realidade. Sem esses poderes, os cidadãos têm menos possibilidades de ser livres. Portanto, a linguagem não é, apenas, resultado de interação social, senão também *condição da natureza humana*.

Dentro dessa dimensão, urge que o professor se assuma como cidadão, que ele próprio tenha a consciência de sua própria cidadania e conhecimento dos pressupostos teóricos que fundamentam sua prática pedagógica. Apenas seu idealismo e seus bons propósitos não são suficientes. Existe professor que passa toda uma vida reforçando conceitos e legitimando um sistema de ensino que descaracteriza o sujeito como cidadão.

Além disso, retomando as colocações de Bakhtin, do ponto de vista dialógico, a palavra não é uma unidade "neutra". A palavra é sempre interindividual, evoca contextos e reúne, em si, as vozes de todos aqueles que a utilizam ou a tem utilizado historicamente, como se vê nas duas afirmações de Bakhtin sobre o que aqui se discute:

a palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém) (BAKHTIN, *In: Significação e tema*, BRAIT, 2006, p. 203)

todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções (BAKHTIN, *In: Significação e tema*, BRAIT, 2006, p. 204).

1.2.4 Articulação dos conceitos: dialogismo, polifonia, intertextualidade, heterogeneidade, enunciado

O estudo da obra bakhtiniana revela que ele não é um autor temático. A profusão temática é causada pela sua concepção de linguagem que não foi o motivo primeiro de suas pesquisas, mas, acima de tudo, mostra que suas afirmações presentes nos textos que fundamentam este trabalho expressam a unidade de interpretação teórica inconfundível pela sua visão de linguagem. O autor conseguiu explorar as relações indissociáveis da linguagem com o mundo.

Toma-se, aqui, a liberdade de escolher entre a profusão de conceitos e categorias, os termos *dialogismo*, *polifonia*, *intertextualidade*, *heterogeneidade* e *enunciado*, a exemplo da necessidade e do desafio do exercício intelectual de operar com formas de pensar capazes de fornecer meios para se compreender a realidade e a própria condição dos sujeitos na produção textual e nas vivências de cidadania, no espaço escolar, numa complexa e intrincada rede de relações sociointeracionais entrelaçadas pela linguagem.

Dessa forma, é interessante lembrar o que diz Faraco:

premiadas pela vassalagem às formas hegemônicas de pensar, as pessoas não conseguem, em geral, entender aquilo que pela primeira vez foi percebido e descoberto; não conseguem *praticar aquilo que Bakhtin pratica de forma tão magistral; ouvir e escutar amorosamente a palavra do outro* (FARACO, 2007, p. 97-100).

Com essa afirmação, Faraco reforça suas observações sobre o desafio intelectual de operar, com uma forma de pensar que se afasta dos paradigmas hegemônicos no mundo acadêmico, e seja capaz de exercitar, plenamente, a heterogeneidade, a plurivocidade, a polissemia, a multivalência, o movimento incessante, a plasticidade, o conflito, o sempre incluso e não exercícios voláteis de monologismo formal.

Bakhtin não era considerado pelos estudiosos da língua um linguista. Seus estudos formam um conjunto de idéias que abordam temas alicerçado para o estudo das realidades humanas, tais como: a linguagem, o sujeito, as relações entre sujeito e sociedade. Acredita-se que seu interesse pelo estudo da língua tenha viés diferenciado do estruturalismo de Saussure,¹¹ como, as concepções e conceituações teóricas bakhtinianas sobre dialogismo, enunciado, interação verbal, heterogeneidade. A palavra está embasada, no uso da língua, em situações sociais concretas de linguagem.

Como se vê, a concepção de linguagem, em Bakhtin, é dialógica e o dialogismo, sem dúvida, é o tema dominante em seus estudos. Suas idéias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico. A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: “é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam a outro”, (BAKHTIN, 1997, p. 35).

O polêmico teórico, enunciando o princípio do dialogismo, em sua obra, examina-o em seus diferentes ângulos e estuda, detidamente, suas variadas manifestações. Alguns teóricos veem esse princípio como construtivo de uma antropologia filosófica, como afirma Fiorin no texto “O romance e a simulação do funcionamento real do discurso”, (BRAIT, 2005, p. 218). A outros, sem negarem essa posição, interessa sua repercussão nos estudos da linguagem e da teoria linguística, a exemplo de Cunha (2005), a qual expressa: “a proposta de Bakhtin é ir

¹¹ Ferdinand de Saussure privilegia o estudo da língua como sistema abstrato. Os conceitos propostos por Saussure foram largamente explorados na fonologia e no interior da corrente estruturalista. Esta é a razão pela qual Saussure foi consagrado “o pai do estruturalismo”. A esse respeito, ver: “*As grandes teorias da lingüística da gramática comparada à pragmática* (Paveau & Sarfati, 2006)”.

além de uma análise dos fatos da língua, é tomar como objeto a natureza dialógica do homem por meio da linguagem”.¹²

Faraco, por sua vez, prefere se incluir entre aqueles que entendem o dialogismo com um olhar compreensivo e abrangente de ser do homem e de seu fazer cultural, quando afirma:

um olhar que não está mirando, apenas aspectos do real, mas pretende captá-lo numa perspectiva de globalidade, entende o homem como um ser de linguagem, e, portanto, impensável sob a égide do divórcio homem/linguagem. Trata-se de apreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio a complexa e intrincada rede de relações de que participa, permanentemente, por meio da linguagem (FARACO, 2007, p.101).

De acordo com essa opinião, as relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face. Ao contrário, o diálogo é composto de três elementos: o falante, o interlocutor e a relação entre os dois. Existe uma dialogicidade interna da palavra, que é perpassada, sempre, pela palavra do outro, é sempre e inalteravelmente, a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu.

Por essa razão, o caráter dialógico da linguagem representa o centro da teoria bakhtiniana. Observa-se que o diálogo não é entendido, apenas, no próprio sentido formal, mais tradicional, ou ainda, como algo axiologicamente orientado, no sentido de estratégia para resolução de conflitos; mas, como define o próprio pensador:

A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas. É verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como uma comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1997, p.123).

Fica evidente que o diálogo é entendido como encontro nas instâncias da linguagem. Faraco (2007) reforça inclusive a bivocalidade do enunciado individual ou

¹² Ver a esse respeito o Artigo intitulado “*Visitando a Interação na Prosa Literária*”, Profa. Dóris Cunha - UFPE - apresentado em mesa-redonda no Congresso Internacional Linguagem e Interação, realizado na UNISINOS – São Leopoldo – RS, em 2005.

na dinâmica do discurso interior (de vozes) que se entrecruzam, se completam, discordam umas das outras, se questionam, duelam entre si.

Assim, embarcar na corrente do pensamento de Bakhtin requer uma forma de pensar incontestavelmente dialógica. Nessa perspectiva, o locutor enuncia em função da existência de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, ou seja, experimentando ou projetando o lugar de ser ouvinte em confronto, tanto com os próprios dizeres, quanto com os dizeres alheios.

Conseqüentemente, compreender o movimento dialógico equivale à interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não apenas do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor e interlocutor, como evidencia a concepção bakhtiniana de linguagem:

essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. [...] Na realidade, não são as palavras que pronunciamos ou escutamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc.[...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade na outra se apóia sobre o meu interlocutor. [...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 1997, p. 95-113).

Essa proposta encontra eco nas concepções de linguagem que, mais de perto, interessam aos estudos do discurso e do texto que hoje se desenvolvem sobre a interação verbal; ou seja, trata-se de observar a linguagem em uso como uma forma de compreender o ser humano, suas condições de sujeito múltiplo e sua própria inserção na história, no social, no cultural.

Por esse raciocínio, duas definições de dialogismo permeiam os escritos de Bakhtin: o *diálogo entre interlocutores* e o *diálogo entre discursos*. O ponto de partida dessas idéias é a opção do autor pelo social. Daí decorrem *quatro aspectos do dialogismo entre interlocutores*, apresentados por Barros, in “Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso”, a saber:

- a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem; considera não apenas que a linguagem é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda a linguagem;

- b) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos;
- c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;
- d) o locutor é um ser social, existem dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade (FARACO, 2007, p. 26-27).

Considerados esses quatro aspectos de dialogismo interacional, observa-se que Bakhtin opera um deslocamento no conceito de sujeito, que perde, de certa maneira o papel de centro, ao ser substituído por diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. Sua noção de sujeito é, por conseguinte, a de sujeito social, caracterizado por pertencer a um todo social em que dialogam diferentes discursos. Dessa maneira, *se cruzam as duas definições de dialogismo: a de diálogo entre interlocutores e a de diálogo entre discursos*. O discurso não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais. Não é individual porque também se constrói como um “diálogo entre discursos”.

Insiste Bakhtin em que o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois, mesmo entre produções monológicas, observa-se inevitavelmente uma relação dialógica. Há gêneros dialógicos monofônicos (*uma voz que domina as outras vozes*) e gêneros dialógicos polifônicos. O dialogismo, portanto, não deve ser confundido com polifonia, pois, a última se caracteriza por vozes em um discurso. Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever. Nos textos monofônicos, eles se ocultam sob aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, por conseguinte, efeitos de sentido, oriundos de procedimentos discursivos.

Reafirma Meserani (2002, p. 66) “O diálogo é concebido como o único meio de acesso ao ‘eu’ e ao ‘outro’”. Visto dessa maneira, o diálogo não é uma simples fala de interlocutores, mas um processo de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Um exercício de alteridade para a consciência de si e do outro.

Os conceitos de dialogismo e polifonia estão entre as principais contribuições dos trabalhos de Bakhtin e de seus parceiros. O fenômeno da relação textual ganha dimensões realmente novas, a partir da análise que Bakhtin faz da obra de Dostoievski, escritor por ele considerado como o criador do “romance polifônico”, e mais, um maestro das vozes livres e independentes das várias personagens, como nota Meserani (*Ibidem*).

É na análise da obra de Dostoievski que Bakhtin formula o conceito de polifonia, vista como uma nova forma literária na qual as vozes do autor e das personagens estão representadas em sua autonomia ideológica. Na referida obra do ficcionista russo, circulam várias vozes, de tal modo que, como aprecia o próprio Bakhtin:

ao tomarmos conhecimento da vasta literatura de Dostoievski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Raskólnikov, Míchkin, Stravróguin, Ivan Karamázov, o Grande Inquisidor e outros (BAKHTIN, 2003, p.3).

Embora inicialmente formulados em torno de obras literárias (os romances de Dostoievski), os conceitos de dialogismo e polifonia se tornam expandidos para a compreensão, também, de obras verbais não literárias e de discursos atualizados em outras linguagens, como a musical e a cinematográfica¹³.

Então, dialogismo e polifonia são construções teóricas, carreadas para a análise do verbal e do não-verbal, do artístico e do discurso do cotidiano, do literário e de outras manifestações estéticas.

O fato marcante, entretanto, é que a obra sobre Dostoievski fez escola e universalizou o conceito de “polifonia”, e o que era, por princípio, a definição de um gênero passou discretamente a ser entendido como um valor desejável na vida. Para Bakhtin, todo gênero deve ser polifônico e nenhuma palavra, é uma última palavra; e toda palavra em potencial é, necessariamente, carregada de diálogo, parte integrante e inseparável de todas as outras vozes.

¹³ Das relações duais eu/outro, monólogo/diálogo, Bakhtin chega aos conceitos de “literatura carnalizada” e de “carnalização”. Essa literatura tem início na antiguidade da Grécia e subverte os modelos dos gêneros eruditos consagrados: a epopéia, a tragédia, a lírica e a retórica. Ao formular esse conceito de literatura carnalizada e mostrar sua origem, Bakhtin mostra o cerne histórico da “polifonia”, da “intertextualidade” ou dos diálogos textuais. Ao descrever uma das raízes do gênero romanesco (a carnavalesca, as outras são a raiz épica e a retórica), Bakhtin torna mais claro seu conceito de dialogismo, mostrando a fusão dos gêneros e de estilos, a mistura das visões da realidade, a pluralidade de vozes, as relações culturais e textuais. Ver Problemas da poética de Dostoiévski, tradução de Paulo Bezerra, 2008.

Desse modo, o termo *polifonia* designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes”. Existem diversas “formas linguísticas” que funcionam como índices no texto, da *presença de outra voz*. Entre estas, mencionam-se as indicadas por Koch (2007, p. 63-72), esquematizadas abaixo:

Quadro 1 – Índices de polifonia no texto. ¹⁴

ÍNDICES DE POLIFONIA	
<p>Determinados Operadores Argumentativos</p>	<p>-Enunciado introduzido pelas expressões: <i>do contrário, pelo contrário</i>.</p> <p>- Operadores pertencentes ao grupo do, <i>MAS</i> e do <i>EMBORA</i>, argumento <i>possível</i> para a conclusão do enunciado.</p> <p>- Operadores <i>conclusivos</i>, casos em que se enuncia um dos argumentos para a conclusão a que se deseja levar o interlocutor (uma “máxima”, “um provérbio”, “uma verdade” aceita na cultura em que se vive, o locutor <i>adere</i>, concorda com a premissa polifonicamente introduzida, argumentado no <i>mesmo</i> sentido.</p>
<p>Marcadores de Pressuposição</p>	<p>- Algo partilhado pelo locutor e seu interlocutor; por toda comunidade a que pertence ou por terceiros.</p>
<p>Uso do futuro do pretérito como metáfora temporal</p>	<p>- O locutor não se responsabiliza pelo o que é dito, atribuindo a outrem.</p>
<p>O uso de aspas</p>	<p>- O locutor mantém distância do que diz, colocando-o na “boca” de outros.</p>

Diante deste postulado, vale lembrar, aqui, a concepção que encara a linguagem como *atividade*, como *forma de ação*. Linguagem como ação interindividual, orientada como “*lugar de interação*”, que possibilita, aos membros de uma sociedade, a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

¹⁴ A esse respeito ver Koch (2007) In: “Linguagem e argumentação” e “Linguagem e ação”.

Por isso é possível afirmar que o uso da linguagem é, essencialmente, argumentativo, isto é, *a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas* naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos. Não existe *texto* imparcial, neutro. Os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa.

No conjunto das categorias pensadas por Bakhtin, o termo *intertextualidade* ganha prestígio no meio acadêmico antes mesmo de outros termos bakhtinianos, graças à obra de Júlia Kristeva, a qual introduziu o pensamento de Bakhtin na França¹⁵. A preocupação da referida autora era discutir o texto literário. Na leitura da obra de Bakhtin, ela identifica discurso e texto: “O discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, outro discurso (texto)”. Afirma ainda que “no lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a intertextualidade” (BRAIT, 2006, p.163).

Bakhtin considera que o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem. É evidente que as palavras, para se tornarem dialógicas, precisam encontrar outra esfera de existência, precisam tornar-se discurso. Um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também o texto funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, preconceitos, medos e esperanças. Com esse propósito, a intertextualidade, confirmada na literatura pelos temas retomados, eternizando e propiciando nova feição aos mitos e à emoção humana, comprova que os textos se completam e se inter-relacionam.

O que para Bakhtin convencionou-se chamar de *dialogismo* ou carnavalização é para Kristeva, que se baseou em Bakhtin, *intertextualidade*. Com justiça, observa-se que Bakhtin, durante toda a sua vida, foi fiel ao desenvolvimento de um conceito: o dialogismo. Em outras palavras, o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu. Bakhtin aprofundou esse conceito, mostrou suas várias faces: a concepção carnavalesca do mundo, a palavra bivocal, o romance polifônico.

¹⁵ Em 1967, Kristeva publica, na *Critique*, uma longa discussão acerca das teorias bakhtinianas exposta nas obras *Problemas da poética de Dostoievski* e *A obra de François Rabelais*. Mais tarde, a autora elabora a proposta teórica de uma ciência de texto a que denominou de *Semanálise* e publica o livro *Introdução à Semanálise* (Kristeva, 1974). cf. Brait (2006).

Hoje, a intertextualidade constitui um dos grandes temas a que se tem dedicado a Lingüística Textual. Cita-se, por exemplo, a autora Koch (1985-2004), que se debruça nesses estudos e tem tratado de questões relativas à intertextualidade e à polifonia com o intuito de reiterar a (inevitável) presença do outro naquilo que se diz ou escreve, como afirma a seguir:

foi devido a essa necessária presença que a autora postulou a existência de *uma intertextualidade e/ou polifonia* em sentido amplo, constitutiva de todo e qualquer discurso, a par de *uma polifonia e de uma intertextualidade stricto sensu*, esta última testada, necessariamente, pela presença de um intertexto (KOCH, 2004, p.145).

No que diz respeito à intertextualidade, em sentido amplo, condição de existência do próprio discurso, pode ser aproximada daquilo que, sob a perspectiva da Análise do Discurso, se denomina interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva.

Assim, compreende-se que toda leitura é, necessariamente, intertextual, pois o leitor faz associações a outras leituras. Um mesmo texto lido em épocas distintas torna-se outro, pois, nesse intervalo de tempo, o repertório de leitura já foi alterado.

Koch (*Ibidem*) considera a intertextualidade em sentido restrito a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos. A referida autora procede à classificação de outros tipos de intertextualidade, entre eles, citam-se: a intertextualidade *stricto sensu*, a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita.

Para uma melhor compreensão didática e aplicabilidade, toma-se a liberdade de esquematizá-los na forma de quadro explicativo, apresentado a seguir.

Quadro 2 – Classificação de Tipos de Intertextualidade

Tipos de Intertextualidade	O que é	Como ocorre
Stricto sensu	-Em um texto está inserido outro texto anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva	- No intertexto
Explícita	-No próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto	-Nas citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções; -Na argumentação, por recurso à autoridade, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear, sobre ele, ou contraditá-lo, nas situações da interação face a face.
Implícita	-Introduz-se no texto, intertexto alheio, sem qualquer menção da fonte, com o objetivo, quer de seguir-lhe a orientação argumentativa (captação), quer de colocá-lo em questão, para ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário (subversão). -O produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, particularmente, no caso da subversão	-Em paráfrases mais ou menos próximas do texto fonte; -Em enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, formulações de tipo concessivo, entre outras; -No plágio, como valor de captação, o produtor do texto espera que o locutor não tenha, na memória, o intertexto e sua fonte, procurando camuflá-lo, por meio de operações de ordem lingüística: apagamentos, alterações de ordem sintática, transposições etc. - Nos intertextos que são, em geral, trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação, pela mídia, com bordões de programas humorísticos de rádio e TV, provérbios, frases feitas, ditos populares, os quais fazem parte da memória coletiva (social).

Como ficou demonstrado acima, no fenômeno da intertextualidade faz-se necessária a presença de um intertexto cuja fonte é, explicitamente, mencionada ou não. Já a noção de polifonia é mais ampla que a de intertextualidade, inscrevendo-se, portanto, no ambiente de afirmação do heterogêneo, do diferente, do outro, das *várias vozes* que são integrantes do projeto de fala do sujeito comunicante que, utilizando-se da cena enunciativa proposta por ele, argumenta, faz com que os actantes do enunciado movam-se, dando vida aos conteúdos discursivos, através da palavra, esse material privilegiado da comunicação. É o que diz Bakhtin (1997) “a palavra vai à palavra”.

Por suas palavras, Koch explica na citação a seguir:

[...] a noção de polifonia mais ampla que a de intertextualidade, englobando uma das mais importantes de suas manifestações. E tanto um, como outro, desses fenômenos, são atestações cabais, da (inevitável) presença do outro, no jogo de linguagem. [...] Quando se incorporam textos anteriormente atestados, como é o caso na paródia, na alusão, em certos casos de ironia etc., tem-se a intertextualidade implícita; quando tal não acontece já não se trata de intertextualidade, mais apenas de polifonia (KOCH, 2006, 154).

Sabe-se que, além de Bakhtin, a noção de que o discurso é, inevitavelmente, permeado pelo princípio de heterogeneidade, foi trabalhada, também, por Authier-Revuz, entre outros autores, com o objetivo de demonstrar o equívoco da teoria da unicidade do sujeito comunicante, ou seja, da idéia do sujeito como única fonte e origem do seu dizer. *A heterogeneidade pode ser constitutiva ou mostrada*. A primeira é aquela que não se mostra no fio do discurso. A segunda é a inscrição do outro na cadeia discursiva, alterando sua aparente unicidade.

Particularmente, acredita-se na idéia, defendida por Brait (2005), de que a linguagem é heterogênea e que, para precisar, teoricamente, o conceito bakhtiniano de dialogismo, é necessário analisar o princípio de heterogeneidade, porque todo discurso é construído a partir do discurso do outro.

Tal como Bakhtin, Authier-Revuz coloca o dialogismo como condição de existência do discurso. Ao elaborar o conceito de heterogeneidade mostrada, a autora articula este conceito ao de polifonia de Bakhtin, denominando por *heterogeneidade mostrada* toda aquela que aparece marcada linguisticamente e da qual o locutor tem consciência. A autora trabalha com o conceito de heterogeneidade mostrada, como a interação entre textos, concebendo-a no nível da

intertextualidade. Existe, para Authier-Revuz, uma articulação entre a *heterogeneidade mostrada na linguagem e a heterogeneidade constitutiva da linguagem* na qual o seu sujeito localiza o outro e delimita o seu lugar, movido pela ilusão de se constituir como centro do seu discurso.

Importa notar que Authier-Revuz considera a heterogeneidade constitutiva não representável, não localizável, pertencente à ordem real de constituição do discurso. *A heterogeneidade constitutiva apreende-se pela memória discursiva de uma dada formação social*, enquanto que *a heterogeneidade mostrada pode ser marcada por meio de marcas linguísticas*, tais como, discurso direto, discurso indireto, negação, aspas, metadiscurso do enunciador, denunciando a presença do outro. Já para Bakhtin, o importante é a heterogeneidade constitutiva.

De qualquer forma, o que Bakhtin pretendia era constituir uma ciência – a Metalingüística¹⁶ – que fosse além da Linguística, pois trataria de analisar o funcionamento real da linguagem e não apenas o sistema virtual que possibilita esse funcionamento. Essa tese de Bakhtin mostra o equívoco da chamada “linguagem politicamente correta”, que pretende conceder às palavras da língua um sentido intrínseco. O campo de batalha não são as unidades da língua (palavras e orações), mas os enunciados, porque, na concepção bakhtiniana de *enunciado concreto*, está presente, além da *materialidade linguística* (o texto), também a “parte presumida” que não somente se refere ao contexto pragmático, imediato, mas também, às conexões do *contexto extraverbal* da vida. Por isso, para perceber o sentido, é necessário situar o enunciado, no diálogo, com outros enunciados e apreender os confrontos que geram o sentido. Explica o próprio Bakhtin:

o empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos outros e alheios – com as quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (BAKHTIN, 2003, p.272).

¹⁶ O termo proposto por Bakhtin é *Metalingüística*. Fiorin prefere chamar a referida Ciência de Translingüística, à maneira dos franceses, por causa dos valores semânticos que envolvem a palavra Metalingüística. Esse problema de denominação é uma prova da correção das teses Bakhtinianas sobre o problema da distinção entre as unidades potenciais do sistema (objeto da Lingüística) e as unidades reais da comunicação (objeto da Metalingüística). Do ponto de vista do sistema *meta* (prefixo grego) e *trans* (prefixo latino) são equivalentes; no entanto eles são completamente distintos no funcionamento discursivo (cf. BRAIT, 2006, *In: Interdiscursividade e Intertextualidade*, p.192).

Existem definições diversas do termo “enunciado”, ora equivalendo à frase ou às seqüências frasais, ora concebido como unidade de comunicação, necessariamente contextualizada, como explicam os estudiosos da linguagem situados na perspectiva lingüístico-enunciativa. Não se trata, aqui, de contrapor teorias ou apresentar e discutir a grande polissemia de definições e empregos do termo “enunciado”. Na verdade, como alerta Brait (2006, p. 62-65), mesmo dentro do pensamento bakhtiniano, as possibilidades de leitura dos termos *enunciado*, enunciado concreto. A enunciação tem sentido apenas na articulação com outros termos, outras categorias, outras noções, outros conceitos, tais como: palavra, texto, discurso, signo ideológico, linguagem em uso, que lhes conferem sentido específico, diferenciado de qualquer outra perspectiva teórica,

Sabe-se, ainda, que a concepção de enunciado não se encontra pronta e acabada, numa determinada obra de Bakhtin e seu Círculo de Estudos. O sentido e as particularidades dos termos referidos acima vão sendo construídos, paulatinamente, indissociavelmente, implicados noutros conceitos da teoria bakhtiniana de linguagem.

Na obra *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* (Bakhtin, 1926 trad. Faraco), Voloshinov/Bakhtin, ao analisar certos aspectos dos enunciados da fala e das ações cotidianas, procuram explicar que o discurso verbal nasce num contexto pragmático extraverbal, mantém a conexão mais próxima possível com essa situação e está vinculado à vida, em si, e não pode ser divorciado dela sem perder de vista a própria significação. Os termos enunciado, enunciado concreto, enunciação estão diretamente ligados ao discurso verbal, à palavra e ao evento. O contexto extraverbal engloba o horizonte comum dos interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum dessa situação por parte dos interlocutores e a avaliação comum dessa situação. O individual não pode ser presumido (o que eu conheço, vejo...) somente aqueles pontos em que todos os falantes estão unidos podem se tornar parte presumida de um enunciado. O “eu” pode realizar-se, verbalmente, apenas, sobre a base do “nós” (família, profissão, classe, escola, outros grupos sociais).

Essa obra, juntamente com os textos *Estrutura do Enunciado* (Bakhtin, 1930, trad. Ana Vaz) e, os capítulos contidos em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1997, trad. Lahud et al), a saber: “Língua, fala e enunciação”; “A interação verbal” e “Tema e significação na Língua” trazem importantes contribuições sobre a

dimensão, o alcance e as conseqüências desses conceitos para os estudos bakhtinianos da linguagem. Como produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada, encontra-se em perpétuo devir. É na comunicação verbal, como um dos elementos do vasto conjunto formado pelas relações de comunicação social, que se elaboram os diferentes enunciados, correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação verbal.

Vale salientar, também que o texto “*Estrutura do Enunciado*”¹⁷, analisa a estilística do enunciado no cotidiano e esboça a categoria de gênero, na ótica bakhtiniana. Entretanto, é no conjunto dos textos, reunidos em “*Estética da criação verbal*” (trad. Paulo Bezerra, 2003) que a questão enunciado/enunciado concreto/enunicação é retomada, para se desenvolver o conceito de gêneros do discurso.

As noções enunciado/enunicação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, social e cultural que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva, os sujeitos e os discursos nela envolvidos.

No intuito de demonstrar como o texto de qualquer natureza pode caber na definição de enunciado concreto e, principalmente, de enunicação, desde que lido com o auxílio de outros conceitos e categorias bakhtinianas, esta investigação acadêmica constrói a idéia de que, *no sentido da palavra cidadania e da palavra linguagem*, na análise de textos orais e escritos, implica uma interação verbal dos sujeitos participantes, na perspectiva de que os sujeitos compartilham sentimentos, crenças, valores éticos e sociais no cotidiano da Escola e do Bairro.

Nessa perspectiva, a produção de textos é uma atividade em que acontece a produção de discurso, ou seja, é uma atividade em que os sujeitos produzem discursos que se caracterizam nos textos:

(...) um sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas, isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. (Geraldí, 1995, p. 136)

¹⁷ Em *Estética da comunicação verbal*, trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira (1992) esse texto aparece como o item II de “*Os problemas dos gêneros discursivos*” em *Estética da criação verbal*, tradução do russo por Paulo Bezerra (2003), esse texto se intitula “O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavra e oração)”.

Os estudos teóricos da Linguística Textual tem considerado o texto como uma unidade complexa, estruturada por elementos linguísticos e pragmáticos. Aqui, não se pretende fazer análise da diversidade de conceituação de texto e discurso. Opta-se pela conceituação de texto e de discurso conforme nos mostra Koch (1996), por abranger duas acepções (em sentido lato e em sentido estrito):

[...] em sentido lato, para designar toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, [...] isto é, de qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, tem-se o discurso como atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo como também o evento de sua enunciação. O discurso manifesta-se linguisticamente por meio de textos – em sentido estrito – que consistem em qualquer passagem falada ou escrita, capaz de formar um todo significativo, independente de sua extensão. (KOCH, 1996, p. 21-22).

Visto desse ângulo, ainda, pode-se dizer que o texto é uma realização linguística na qual se manifesta o discurso. Como lembra Geraldi (1995 p. 98), “um texto é o produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo para alguém”.

Nesse contexto, o “outro”, isto é, o interlocutor, insere-se na concepção de texto. Bakhtin (1997) se refere à “dupla face” da linguagem, considerando a orientação da palavra em função do locutor, quando diz “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor”.

Observa-se, desse modo, que a presença do outro é condição necessária para que o texto exista. Um texto é um evento discursivo, é um complexo objeto histórico, produzido em determinadas condições. Ele é um mediador de relações, um campo de sentido que se constrói nele mesmo e no contexto, permitindo a troca e a interação.

Ao produzir um discurso que é materializado em texto, o locutor se constitui como sujeito e articula valores e significados, de acordo com o seu ponto de vista sobre o mundo. Parte-se do pressuposto de que é impossível se comunicar, verbalmente, a não ser por um *gênero*, assim, como é impossível se comunicar, verbalmente, a não ser por um *texto*. Noutras palavras, lembra Bakhtin (1997), “a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*.”

Para uma maior compreensão do problema de gêneros e tipos textuais, sem grande complicação técnica, apresenta-se uma breve definição das duas noções:

- a) A expressão *tipologia textual* é usada para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem as seguintes categorias: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.
- b) A expressão *gênero textual* é usada para *realizações linguísticas concretas*, definidas por propriedades sócio-comunicativas e constituem textos empiricamente materializados, cumprindo funções em situações comunicativas. Sua nomeação abrange *um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas* determinadas pelo canal, estilo conteúdo, composição e função. (MARCUSCHI, 2002)¹⁸

Os gêneros textuais são inúmeros. Citam-se, por exemplo, aqueles que mais se encontram na vida diária: telefonema, sermão, conta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, histórias de vida, memorial de formação¹⁹, etc..

Como se vê, os *gêneros textuais* não se caracterizam como formas estruturais, estáticas e definidas de uma vez por todas. Bakhtin (1977) diz que os

¹⁸ Obra não publicada cf. site <http://www.scribd.com/doc/2237434/GENEROS-TEXTUAIS-E-PRODUCAO-LINGUISTICA>

¹⁹ Esta pesquisadora desenvolveu uma pesquisa com “Memorial de Formação” na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na FACHUSC – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – Salgueiro – 2005/2006 e produziu o Artigo intitulado “O Memorial de Formação: gênero textual do posto para o proposto nas vivências dos estagiários no curso de pedagogia”. As pesquisas qualitativas, em especial na área de educação de professores, mostram que a teorização sobre a metodologia de narrativas vem crescendo, acompanhada de uma significativa prática investigatória nesse sentido, destacam-se as de Hayette (1987), Ludke & André (1986), André (1995), Fazenda (1992 e 1995) e Minayo (1994). cf. Cunha (2007), Artigo “Conta-me agora! As narrativas como alternativas na pesquisa e ou ensino.

gêneros são tipos “relativamente estáveis” de enunciados, nas mais diversas esferas da atividade humana. O mesmo autor distingue os gêneros primários dos secundários. Os primeiros são constituídos em situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relação humana (diálogo, carta, situações de interação face a face). Os segundos são relacionados a outras esferas públicas e mais complexas de interação social.

Vale lembrar que essa concepção de gênero, em Bakhtin, não é estática. Pelo contrário, os gêneros estão sujeitos a mudanças, não só decorrentes das transformações sociais, como oriundas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, como também de modificações do lugar atribuído ao ouvinte.

Desse modo, as histórias de vida tem o propósito de fazer o sujeito tornar-se visível a si mesmo. Ora, contar uma história pressupõe outro (alteridade) ainda que esse outro não seja mais que um desdobramento de si mesmo (identidade), porque se trata, com efeito de compreender o outro e se aproximar de sua experiência, tanto na vida cotidiana quanto no contexto social. Os depoimentos de vida são fontes dinâmicas e valiosas e constituem uma ferramenta poderosa para consolidação da cidadania.

Nessa compreensão o sujeito ao escrever sua história de vida, descreve e ao mesmo tempo compõe o próprio cenário, estabelecendo uma comunicação com o ouvinte. Nessa escuta recíproca acredita-se que a Palavra se constitui em material fundamental da consciência revelando-se como produto da interação entre o sujeito.

CAPÍTULO 2
METODOLOGIA

METODOLOGIA

Neste Capítulo, descreve-se o processo de desenvolvimento da presente investigação, caracterizando-se o campo de estudo e fornecendo-se explicações sobre a escolha dos instrumentos da pesquisa, no entendimento de que a linguagem é dialógica e as manifestações de cidadania são representadas na interação verbal do sujeito com o outro e com o mundo.

Nesse processo de investigação qualitativa, definiram-se três categorias de análise, a saber: uma relacionada à *concepção de cidadania* expressa nas entrevistas realizadas com os sujeitos, na perspectiva de que a “transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significados construídos na realidade dos alunos” (PCN, 1998, p.30). As outras duas categorias estão relacionadas com o *tratamento das produções escritas* dos alunos, analisadas à luz da visão bakhtiniana de linguagem, buscando reconhecer as noções de dialogismo e polifonia, no discurso do aluno, uma vez que a presença do outro é condição para que o texto exista, ou seja, nas palavras de Bakhtin (1997), “é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam a outro”.

2.1 Caracterização do campo da pesquisa

A Pesquisa foi realizada em três Escolas da Rede de Ensino da Cidade de Salgueiro²⁰, sendo duas Escolas da Rede Pública (uma Estadual e outra Municipal), e uma Escola da Rede Privada. A escolha das escolas foi motivada por diversos fatores, destacando-se: o conhecimento da realidade educacional do município, a diversidade das condições socioeconômicas dos alunos; a localização

²⁰ O Município de Salgueiro-PE, localizado na meso região do Sertão, microrregião Salgueiro, distante 516 km da capital Pernambucana, contando com importante eixo rodoviário, Br 232 e Br 116, está dividido em 04 Distritos: Sede, Conceição das Creolas, Umas e Vasques. Limita-se ao Norte com o Município de Pena Forte – Ceará, ao Sul com Belém do São Francisco – PE, ao Leste com Verdejante, Mirandiba e Carnaubeira da Penha, ao Oeste com Cabrobó, Terra Nova, Serrita e Cedro – PE, área geográfica: 1.639,26 Km². População: 51.554 habitantes, Censo 2000 – Projeção para 2006: 54.794 habitantes. Clima: semiárido – quente – com temperatura média de 25°. Tem como principais culturas: tomate, cebola, algodão herbáceo, milho, feijão, banana e manga, Padroeiro Santo Antonio. Disponível na Internet, www.portalsalgueiro.com.br

estratégica dessas escolas e a política de gestão observada no gerenciamento das ações escolares²¹.

Esses fatores estão adicionados ao interesse pela temática “cidadania e linguagem”, haja vista a curiosidade de saber como é traduzida a política de construção de uma real escola cidadã, no discurso do sujeito-aluno da 8ª série do Ensino Fundamental. Isso porque os gestores, professores e outros profissionais dos Sistemas de Ensino são conclamados a discutirem as diretrizes, a gestão e a organização do fazer administrativo e pedagógico.

A inclusão de uma Escola Pública Estadual e outra Municipal nesta Pesquisa se explica, ainda, pelo entendimento de que a gestão do Sistema Público Municipal está bem mais próxima do cotidiano do cidadão, isto é, os gestores municipais residem e convivem no mesmo *locus*, “são cidadãos da mesma cidade”. Essa proximidade implica maior conhecimento dos problemas socioeconômicos e culturais da comunidade e mais sensibilidade para o estabelecimento das prioridades e diretrizes na construção da cidadania dos munícipes, com prioridade de atendimento ao Ensino Fundamental, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A proximidade de gestão também se observa na Escola Privada, sendo que se apresenta noutro viés, ou seja, as ações desenvolvidas nessa Escola atendem aos anseios do seu “cliente” – alunos e pais.

Em seguida, demonstram-se as características das Escolas, através do discurso representado nos seus Projetos Político-Pedagógicos.

A Escola Estadual Maurina Rodrigues dos Santos – aqui chamada de Escola A – oferece Ensino Fundamental e Médio, está localizada, no Bairro COHAB, com uma população aproximadamente de 5.000 habitantes, na sua maioria, pobres, apresentando problemas de alcoolismo, prostituição e desestruturação familiar. A Escola tem como missão, “assegurar um ensino de qualidade, garantindo, o acesso, o regresso e permanência de todos os seus educandos, formando cidadãos críticos,

²¹ Experiências da pesquisadora, quando de sua atuação como “Técnico de Planejamento Educacional” no Departamento Regional de Educação – Secretaria Estadual de Educação - hoje, GRE – Gerência Regional de Educação, orientando e coordenando o processo de planejamento participativo e desenvolvimento dos Projetos Político-Pedagógicos de, aproximadamente, sessenta Escolas da Rede Estadual, na década de 90, promovendo “Seminários de intercâmbio entre elas, Também, como Secretária Municipal de Educação, Coordenadora Pedagógica de Escola Particular, Professora e Diretora Adjunta da FACHUSC – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central.

capazes de agir na transformação da sociedade”²². Funciona, em três turnos, oferece Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série e Ensino Médio e expressa que “com o funcionamento do noturno, a Escola vem confirmando sua credibilidade diante da comunidade local, aumentando, ano a ano, o número de alunos matriculados”. Dispõe de quadra esportiva, laboratório de informática, biblioteca em sala adaptada, com atendimento a 400 alunos cadastrados, além das instalações básicas de uma estrutura escolar.

No seu Projeto Político Pedagógico²³, a Escola Estadual registra, como forma de participação, o funcionamento do Conselho Escolar, Conselho de Classe, Grêmios Estudantil e Voluntários, “Amigos da Escola”.

A Escola A declara, ainda, no seu PPP, que desenvolve ações e Projetos voltados para cidadania, tais como, “Resgate do Bairro”, “COHAB Quero te Conhecer”, “Saúde para todos”, Grupos de Dança: Xaxado e Afro Reggae, Oficinas de Cultura, Feira da Cultura e Feira da Pechincha, Delegado Ambiental.

A gestora, da Escola A expressa que “com uma equipe de 33 pessoas, entre as quais funcionários efetivos e estagiários vai tecendo seu caminho, articulando com a sociedade na luta por resultados positivos que se refletirão no futuro de seu atual alunado”. Essa Escola obteve o 10º lugar no resultado do IDEB²⁴, com média global 29,5 (vinte e nove, cinco) dentre as demais Escolas do Município.

A Escola Municipal Dr. Severino Alves de Sá está localizada no Bairro Planalto, oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental – 7ª e 8ª séries – e o Ensino Fundamental de 9 anos/Ciclos I, II e III. A construção dessa Escola “foi um sonho da comunidade Planalto, realizado na gestão municipal 2001/2004”. Sua arquitetura arrojado e futurista dispõe de anfiteatro, quadra desportiva coberta, refeitório, biblioteca, salas de oficina e outros espaços próprios de uma Unidade Escolar. Expressa como missão: “queremos uma escola como pólo irradiador de cultura que se baseia em princípios de construção da cidadania”.

²² As informações sobre a caracterização das escolas foram extraídas, fidedignamente, dos Projetos Políticos Pedagógicos (2007/2008) e da comunicação oral com os gestores, nas visitas realizadas em cada Escola. Daí algumas expressões estarem aspeadas, em respeito ao “dito” pelos gestores, professores, outros.

²³ Doravante os Projetos Políticos Pedagógicos serão indicados como PPP.

²⁴ IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ano de referência 2007. cf. www.portalideb.gov.br

Essa Escola define o perfil do aluno como “ser agente do seu conhecimento em perfeita harmonia com seus semelhantes; ser livre e autônomo para criar e recriar projetos de vida que realmente contemplem suas expectativas e seja participante ativo de um processo de aprendizagem; consciente dos princípios e relações norteadoras da formação por habilidades e competências, adequadas ao mundo globalizado”. O Projeto educativo da Escola Municipal “traz como propósito, entre outros aspectos, explorar as potencialidades da convivência, a materialização de uma escola cidadã, estimulante e prazerosa, sempre aberta, procurando desenvolver um trabalho em sintonia com todos os sujeitos da comunidade local, participando dos movimentos sociais, cívico-culturais, políticos e religiosos, num reconhecimento de que as aprendizagens se dão na interação socioeconômica e cultural”.

A Escola Municipal dispõe de uma equipe constituída de 50 profissionais efetivos da Rede Municipal de Ensino, comprometidos em vivenciar uma prática educativa voltada para a qualidade das aprendizagens, através do diálogo e do respeito. A Escola conseguiu o 4º lugar, na classificação do IDEB/2007, obtendo a média 38,5 (trinta e oito vírgula cinco) quando a média nacional é 42 (quarenta e dois) e o Município, na avaliação do conjunto das Escolas da Rede Pública, obteve a média global 34 (trinta e quatro). Entre as formas de participação da comunidade escolar, a gestora cita o “Pacto de Gestão”, o Grêmio Estudantil e o Conselho Escolar. Destaca, ainda, o desenvolvimento de ações e Projetos de Cidadania, tais como: “Projeto Inclusão Social”, “Projeto Leitura”, “Projeto Recreio”, “Projeto Xadrez”, “Reforço para alunos com dificuldade”, “Projeto Arborização e Área de Lazer”.

A Escola Cecília Meireles, aqui denominada de Escola C, entidade particular, tem por finalidade, atender alunos da Educação Infantil e de Ensino Fundamental. O PPP, dessa Escola objetiva um trabalho voltado para a responsabilidade e para o futuro do País. Esse estabelecimento está engajado em um trabalho sério, objetivando o desenvolvimento do educando, assegurando-lhe a formação indispensável ao exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em seus estudos. A Escola C dispõe de professores,

contratados pela mantenedora, em sua maioria com jornada dupla noutra escola estadual, municipal ou mesmo particular.²⁵

2.2 Os sujeitos do estudo

A pesquisa é constituída de 12 sujeitos, de ambos os sexos, escolhidos pelos gestores das Escolas, entre os alunos matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental. Cada Escola apresentou 4 alunos. Esses alunos, na faixa etária de 13 a 16 anos²⁶, selecionados pelos Professores de Língua Portuguesa e Gestores das Escolas, conforme a permissão de seus pais, em reunião, os quais assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, requisito necessário à aprovação do Projeto no Comitê de Ética em Pesquisa do HEMOPE.

Para coleta de dados socioeconômicos sobre os participantes, foi aplicado um questionário cujas perguntas foram concebidas com o intuito de conhecer as características sociais e econômicas dos sujeitos, suas concepções de cidadania e suas oportunidades de inserção no coletivo, naquelas atividades em que a interação verbal, nitidamente permeia a formação cidadã.

Todos os participantes responderam ao questionário e a leitura de suas respostas possibilitou as seguintes reflexões:

- 58,3% dos respondentes declaram ser indígenas, 16,7% brancos 8,3% negros e 8,3% pardos;
- 91,66% são filhos de pais trabalhadores;
- 66,66% são filhos de mãe trabalhadora;
- um dos sujeitos exerce atividade remunerada;
- 100% das moradias são atendidas com coleta de lixo e rede geral de distribuição de água;

²⁵ Doravante as Escolas serão denominadas de A, B e C, correspondendo, respectivamente à Escola Estadual Maurina Rodrigues, à Escola Municipal Dr. Severino Alves de Sá e à Escola Particular Cecília Meireles.

²⁶ Entre os doze sujeitos participantes da equipe, somente um, tem a idade de 18 anos e está matriculado na 8ª série, tendo sido escolhido entre os quatro participantes da Escola B pela gestora e professora de Língua Portuguesa.

- 91,67% das casas dispõem de rede de coleta de esgoto;
- dos domicílios dos participantes, 91% dispõem de fogão a gás; 83,33% de televisão; 33% de computador com acesso a internet; 75% de geladeira; 58,33% de telefone celular e 16,66% de telefone fixo;
- a participação dos sujeitos em atividades sócio-culturais de interação verbal ocorre nas seguintes modalidades: 58% nos movimentos de Igreja, 41% no Grêmio Estudantil, 16,66% em Grupos de Dança, 8,33% em Teatro e Conselhos Municipais, 0% em Música, Artesanato e Esportes;
- 100% dos sujeitos tem acesso aos Serviços de Saúde, em Postos localizados nos bairros onde residem, 75% são atendidos no Hospital Público e 8,33% em Clínicas Particulares;
- as famílias dos participantes recebem benefícios provenientes dos Programas Sociais do Governo, a saber: Bolsa Escola – 58,33%, Cheque Cidadão – 33,33%, Vale gás 16,66%, Cesta Básica – 8,33%, Aposentadoria do Idoso – 8,33%;
- entre os conceitos de cidadania apresentados 75% dos sujeitos entendem cidadania como a “existência de direitos iguais que garantem a vivência entre as pessoas; 50% dos participantes conceituam a cidadania como *“pagamento de impostos e a realização de sua aplicabilidade para o bem estar de todos”* e 41,66% dos respondentes dizem que *“cidadania é participação e se aprende na escola”*;
- 100% dos participantes consideram-se cidadãos;
- sobre as condições necessárias para o exercício pleno da cidadania, 91% declaram ter atendimento à saúde, moradia, educação e trabalho e 89% alimentação, vestuário e lazer;
- 100% dos respondentes expressam a disposição de participarem da entrevista, como uma forma de falarem sobre o que pensam acerca de suas vivências de cidadania na Escola e Bairro onde residem;

Essas reflexões reforçaram a pertinência de organizar a entrevista oportunizando aos participantes mais espontaneidade para organizar seu discurso sobre as questões de cidadania, através da linguagem oral, no entendimento de que

“a palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana”, como diz Bakhtin (1997) e a argumentação é exercício relevante no desenvolvimento da cidadania.

2.3 Instrumentos metodológicos: levantamento dos dados e categorias de análise

Como anunciado na parte introdutória deste estudo, o termo “cidadania” é polissêmico e agrega vários significados que vão além dos direitos políticos, sociais e outros direitos que emergem da sociedade atual, com sua imensa pluralidade cultural, ampliando a noção de cidadania. Anuncia-se, também, que todas as atividades humanas estão constituídas na linguagem e o diálogo, num sentido amplo, não é, apenas, uma comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, como explica a teoria bakhtiniana: o diálogo é a única esfera possível no campo da linguagem.

Dessa forma, buscou-se oportunizar um diálogo com os participantes, optando-se pela aplicação da entrevista, que envolveu questões sobre o significado de cidadania, as atividades de formação cidadã desenvolvidas pela escola, as atitudes anticidadãs observadas na convivência dos moradores do bairro e as situações concretas de exercício da cidadania.

Cada sujeito foi ouvido, individualmente, sendo suas palavras gravadas em MP3: a audição feita, posteriormente, permitiu sistematizar a escritura do discurso do sujeito-aluno, conforme Apêndice A.

A entrevista realizada com os sujeitos participantes, neste contexto classificada, como texto falado, emerge no próprio momento da interação (sujeito entrevistado/pesquisadora) e o locutor não é o único responsável pela produção do seu discurso. Conforme a citação seguinte:

trata-se de uma atividade de co-produção discursiva visto que os interlocutores estão empenhados na produção do texto e sob o ponto de vista mais central da realidade humana seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária (MARCUSHI 2007, p.17-18)

Em decorrência disso, emerge a primeira categoria de análise, relacionada à *concepção de cidadania* (o que dizem os alunos), na perspectiva de observar como os sujeitos representam em seus discursos as experiências de cidadania, analisando os pressupostos dos PCN – Temas Transversais e as proposições dos Projetos Político-Pedagógicos da Escola.

Ao produzir um discurso que é materializado em texto, o locutor se constitui como sujeito e articula valores e significados de acordo com o seu ponto de vista sobre o mundo. Nesse sentido, observa-se que narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem e que, por muito tempo, as narrativas reinaram nas produções escritas nas escolas. Contar histórias é uma atividade discursiva praticada no cotidiano das pessoas. O ato de contar histórias pressupõe um “outro” porque se trata, com efeito, de um meio mais funcional de compreender o outro e se aproximar de suas experiências da vida cotidiana.

Esses motivos fundamentam a solicitação da escrita das “Histórias de Vida” – Texto 1 – pelos sujeitos participantes constituindo-se instrumento metodológico, nesta investigação com o propósito de fazer os sujeitos narrarem sobre situações passadas e atuais das suas vivências de cidadania.

No decorrer do processo, surgiu a necessidade de solicitar uma segunda produção escrita aos sujeitos participantes, para que se pudesse observar a voz do aluno enunciada no desejo de ser candidato a prefeito, quando os sujeitos expressaram, assim, uma significação mais ampla de cidadania. Essa proposta de produção de um texto argumentativo se denominou de Texto 2 – “Se eu fosse candidato (a) a Prefeito (a).”

Como já foi dito anteriormente, um texto é um conjunto de vozes que dialogam com outros textos. Mas um texto também funciona como eco das vozes do seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, preconceitos, medos e esperanças. Os Textos 1 e 2 constituem objeto de análise, na perspectiva de identificar, as noções de dialogismo e polifonia, na visão bakhtiniana, no sentido de que não se pode separar a linguagem do seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno da interação verbal realizada através do diálogo. Assim se constituem respectivamente, a segunda e a terceira categoria de análise desta investigação.

Para efeito de leitura e melhor compreensão da análise dos dados organiza-se a legenda, conforme as discriminações no quadro abaixo:

S – Sujeito	SE – Sujeito Entrevistado
SM – Sujeito sexo masculino	SF – Sujeito sexo feminino
EA – Escola Estadual	T1 – Histórias de Vida
EB – Escola Municipal	T2 – Texto Argumentativo
EC – Escola Particular	PPP – Projeto Político Pedagógico
<i>Categoria 1</i> – Significados de cidadania no discurso do aluno e da escola	<i>Categoria 2</i> – Dialogismo: o dialogo entre interlocutores <i>Categoria 3</i> – Polifonia: voz e vozes no texto

2.4 Constituição do *corpus*

O *corpus* deste trabalho é constituído dos discursos do sujeito-aluno das Escolas A (estadual), B (municipal) e C (particular) com a seguinte composição:

- na entrevista dos alunos SEM2, SEF3, SEM5, SEM6, SEM9 e SEM10 é analisado o significado de cidadania e constitui a *Categoria 1*;
- o Texto 1 e o Texto 2 de autoria dos SF4, SF8, SF11 são analisados na visão bakhtiniana de linguagem no que diz respeito ao conceito de dialogismo e constituem a *Categoria 2*;
- o Texto 1 e o Texto 2 produzidos pelos alunos SM1, SF7 e SF12 são analisados na visão bakhtiniana de linguagem em relação ao conceito de polifonia e constituem a *Categoria 3*.

As seis entrevistas e as doze produções escritas (Histórias de Vida e Textos Argumentativos) indicadas na análise de cada categoria foram escolhidas aleatoriamente, tendo-se o cuidado de contemplar os 12 sujeitos procedentes das três Escolas. Observa-se que as referidas escolas revelam, nos seus PPP, adesão

aos PCN, como documento norteador de gerenciamento das ações educativas, no que diz respeito à transversalidade curricular.

O texto da entrevista se encontra no Apêndice A, deste trabalho, e os textos manuscritos integram os Apêndice B e C.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

ANÁLISE DOS DADOS

O desenvolvimento do presente trabalho foi encaminhado por reflexões teóricas que associam a pluralidade do significado do termo cidadania à transversalidade dos PCN, especificamente no que diz respeito à Ética e à Cidadania, e à visão bakhtiniana de linguagem como interação e lugar em que as relações sociais se constituem.

Para alcançar os objetivos, tomou-se como princípio metodológico a análise qualitativa pelo fato de esta permitir a exploração dos dados em níveis que abrangem o contexto da linguagem e da cidadania nos discursos dos alunos materializados em textos orais e escritos.

Assim, o *corpus*, conforme anunciado, será analisado sob três perspectivas: uma que, situada no texto das entrevistas, permite perceber os significados de cidadania construídos na interação verbal do sujeito com o outro e com o mundo. As duas outras perspectivas conduzem a uma análise das produções escritas – Texto 1 e Texto 2 – sustentadas nas propostas de Bakhtin (1997) de que “o diálogo é a única esfera possível no campo da linguagem” (dialogismo) e de que um texto é a voz que dialoga com outros textos, mas também como eco das vozes no texto, porque “a palavra vai à palavra” (polifonia).

Nessa direção, espera-se que a proximidade com os textos produzidos pelos sujeitos responda aos questionamentos que foram o fio condutor desta pesquisa: O que dizem os alunos sobre cidadania? A produção textual dos alunos reflete que concepção de cidadania? Como os alunos representam em seus discursos, materializados em textos, a participação em atividades desenvolvidas, no interior da escola ou fora dela, voltadas para o exercício da cidadania? Ou seja, investigam-se, no contexto das produções textuais dos alunos de 8ª série, as vivências de cidadania representadas pela linguagem na interação com o outro e com o mundo; veremos, ainda como as Escolas Urbanas de Salgueiro possibilitam o desenvolvimento da aludida cidadania, na perspectiva dos PCN – Temas Transversais – através dos seus discursos, materializados nos Projetos Político-Pedagógicos.

3.1 Categoria 1 – O significado de cidadania no discurso do aluno e da escola

Na categoria 1, conforme exposto anteriormente na metodologia, o “dizer” dos sujeitos, organizado no contexto da entrevista, constitui-se elemento de análise, no sentido de identificar a concepção e as vivências de cidadania, considerando os pressupostos para a formação cidadã, delineados no Projetos Político-Pedagógicos das Escolas A, B e C, com embasamento nos PCN – Temas Transversais – Ética e Cidadania.

Nessa dimensão, o texto falado – a entrevista – trata de questões sobre o significado de cidadania, atividades de formação cidadã desenvolvidas pelas Escolas A, B e C e situações concretas em que os sujeitos a exercitam. Cada texto produzido pelos sujeitos da pesquisa é analisado, na perspectiva do exercício teórico-prático conforme citação abaixo:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como, exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira, crítica responsável e constitutiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas (PCN – Temas Transversais – 1998).

A seguir procede-se á análise da entrevista dos sujeitos-alunos.

SEM2 – EA Pra mim é respeitar os outros. Ajudar as pessoas que necessitam ser mais próximo de todos, menos daqueles que querem fazer coisas ruim com a gente, ajudar mais as pessoas que precisam de coisas, não é? De alimentos (...). Não deixa agredir os outros, ensina também, respeitar os pais e as mães, não brigar com eles e com os colegas da sala de aula. Tem uma nova disciplina, agora, que é Direitos Humanos, que ensina a respeitar os outros, ensina o que é ser cidadão também.(...) É as brigas que tem de vez em quando, aí nos bares, como ontem mesmo, teve aniversário do meu irmão, aí a mãe de uma menina foi chamar (...) aqui nessa rua mesmo e disse que um homem tava atirando pra cima com um revólver, andando de moto (...). Respeito aos outros, não chamo aqueles palavrões, não joga lixo no chão, tem hora que eu tou com papel, não vejo nenhum lixeiro, eu boto no bolso e depois joga.

Nessa fala, transposta para a escrita, o entrevistado exterioriza sua compreensão da cidadania como atitude de respeito ao próximo e de solidariedade aos outros. Segundo Pinsky, (2003) “operacionalmente, a cidadania pode ser qualquer atitude que implique a manifestação de uma consciência de pertinência e

de responsabilidade coletiva”. Nessa perspectiva, SEM2-EA aponta sua condição de pertinência coletiva e a necessidade de vivências de alteridade, de consideração e de valorização do outro no exercício da cidadania. Contudo, faz uma ressalva: “*ser mais próximo de todos menos daqueles que querem fazer coisas ruins com a gente*”. Sob o ponto de vista da Ética, observa-se, nessa postura, que a “restrição de solidariedade” àqueles que são ruins e talvez não façam parte do “mesmo grupo” expressa uma percepção sem dúvida preconceituosa, na direção oposta do que se deseja para a existência de uma sociedade democrática e pluralista, por definição. Isso não quer dizer classificar o sujeito entrevistado de preconceituoso. Entretanto, para compreender os significados de cidadania expressos pelo sujeito-aluno, é necessário buscar apoio teórico na fundamentação descrita nesta pesquisa.

Prosseguindo com a análise do texto, vemos que o entrevistado informa a inclusão de Direitos Humanos no currículo da Escola A como disciplina que “ensina a ser cidadão”; considera que a convivência no bairro é ameaçada pelas atitudes de briga nos bares; encerra sua entrevista, reafirmando que suas atitudes de “respeito aos outros, de não chamar palavrões e de não jogar lixo no chão” são expressões que sinalizam, também, o entendimento de que está exercitando a cidadania..

SEF3 – EA Respeitar o próximo, cobrar seus direitos e participar de toda a sociedade. Direito à educação, à saúde e... O respeito. Interagir com a sociedade e ajudar a todos que tiverem necessitando. (...) A gente faz trabalhos, debates e entrevistas com o restante da sociedade, só que às vezes , a gente vai de casa em casa perguntando todo o texto... O tema. Drogas, AIDS e Esportes. Tem Educação, Cidadania e Direitos Humanos, a professora passa vários trabalhos sobre o que é cidadania e faz debates na sala com o restante da turma...Participo dos trabalhos que são feitos de vez em quando em Educação Física. (...) Destruir os patrimônios públicos e deixar de respeitar os outros e jogar lixo em locais proibidos. Destruir o orelhão e arrancar as pedras do calçamento(...) Eu participo da educação da Escola, ajudo minha mãe em casa e evito tá saindo com má companhia.

O segundo entrevistado confirma o “respeito ao próximo” como atitude cidadã e amplia o conceito de cidadania, quando afirma que ser cidadão é “cobrar seus direitos e participar da sociedade”. Assim, em sua fala, SEF3-EA compreende a cidadania como participação social e exercício de direitos à educação, à saúde e correlatos. Fala da realização de debates e entrevistas sobre os temas Drogas, AIDS e Esportes, nas atividades desenvolvidas pela Escola A, voltadas para a formação da cidadania. Considera que “destruir os patrimônios públicos, tais como, o orelhão e arrancar pedras do calçamento”, bem como, “deixar de respeitar os

outros e jogar lixo em locais proibidos” são atitudes dos moradores do Bairro COHAB as quais contrariam o significado de cidadania como exercício de direitos e de participação social. Considera ser participante, na escola e “ajudar sua mãe em casa e evitando sair com má companhia” como atitudes cotidianas que revelam exercício da cidadania.

Assim, percebe-se que esses dois alunos entrevistados da Escola A traduzem a cidadania como atitudes do cotidiano da comunidade escolar e do bairro que efetivam uma prática cidadã, norteada pelos valores do respeito, da cooperação e da participação.

Agora, analisa-se o discurso dessa Escola, através das proposições contidas no seu Projeto Político-Pedagógico.

A Escola A que tem aproximadamente, cinco mil habitantes está inserida na comunidade do Bairro COHAB, na periferia urbana de Salgueiro. Na sua missão institucional, expressa o objetivo de assegurar o ensino de qualidade e a formação de cidadãos críticos, participativos, capazes de agirem na transformação da sociedade. Para tanto, propõe o estudo dos Temas Transversais, com desenvolvimento de projetos permanentes de prevenção contra às drogas e doenças sexualmente transmissíveis, de preservação do meio ambiente e orientação sexual. Percebe-se que a escolha recai sobre questões sociais urgentes, entre aquelas, que integram o documento PCN – Temas Transversais; essa escolha é feita considerando-se o estado de pobreza da população, os problemas de alcoolismo, prostituição e desestruturação familiar, fatores sociais que interferem na qualidade de vida dos moradores do bairro.

Desse ângulo, apreende-se a ressonância dessas proposições na voz dos alunos entrevistados, quando falam dos projetos propostos pela Escola A voltados para construção da cidadania. É interessante ressaltar a presença de voluntários (Amigos da Escola) como forma de participação efetiva da comunidade, além das formas mais comuns de integração escola-comunidade: Conselho Escolar, Conselho de Classe e Grêmio Estudantil, muito embora os entrevistados não façam alusão à existência e/ou funcionamento desses segmentos como espaço participativo e de possibilidades das vivências cidadãs. Entretanto, pode-se reconhecer, no discurso dessa Escola, seu compromisso social de afirmar-se com credibilidade diante da comunidade local, “na luta por resultados positivos para a Escola que se refletirão no

futuro de seu atual alunado”, como está declarado em seu Projeto Político-Pedagógico.

Essa Escola, de dependência administrativa estadual, expressa no seu PPP ações sistematizadas de relacionamento com a comunidade local, através das reuniões periódicas e extraordinárias com os pais e os membros do Conselho Escolar; registra-se também a realização de dois Projetos Interdisciplinares que envolvem a celebração das datas comemorativas de cada semestre e nos quais os pais e outros segmentos do bairro têm efetiva participação. A diretora dessa Escola está no seu segundo mandato eletivo de dirigente, é moradora residente do bairro COHAB. Daí o conhecimento da problemática socioeconômica dos alunos e uma maior sensibilidade e comprometimento, na tomada de decisão, para construir uma Escola voltada para a formação de cidadãos, na perspectiva do pressuposto nos PCN – Temas Transversais.

SEM5 – EB Cidadão... Bem simples. Simples? Não. Vamos. Vamos dizer que seja difícil dizer o que seja um cidadão hoje. Porque nos dias de hoje pra ser cidadão tem que ser batalhador na vida e lutar pelos seus objetivos e nunca desistir daquilo que você quer e sempre tem que ir em frente. Isso é que é ser cidadão bem forte na sociedade. (...) Aqui na Escola tem várias atividades para aqueles que não querem ficar em casa sem fazer nada, a biblioteca é aberta, pode vir para cá jogar jogos educacionais, ler livros, informática e tem também o Grêmio Estudantil que move mais o estudante. A diretora chegou pra mim e disse aqui nessa escola o direito é igual pra todos, ninguém é melhor do que ninguém. Qualquer ensino que o aluno pensa que tá errado. Eu chego à diretora, falo com ela e ela tenta resolver o problema. Eu sou delegado do Orçamento Participativo e participo de várias Conferências aqui dentro de Salgueiro. Eu falo do que alguns alunos que têm medo de falar, ou seja, porque lá nas reuniões é gente assim de 30 anos. Aí olha para mim e diz: “Oxente! O que é que aquele garoto quer aqui?”. Mas, enquanto ele pensa que eu sou garoto, eu tô de olho atento na sociedade e vejo o que é que ta acontecendo. Tudo, não só no meu bairro, mas em qualquer lugar da cidade. A minha rua, onde eu moro, precisa de saneamento (...) vai ter reunião do Orçamento Participativo. Vamos todo mundo. Vamos votar e nosso voto vai ser prioridade para alcançar. (...) Calçando vem saneamento. Lutamos juntos. Falei disso como é a vida e a rua logo foi calçada. E até hoje lá na Prefeitura me conhece por causa dessa luta que eu fiz. Agora a prioridade é a quadra do meu bairro que está destruída. Aí já estamos lutando para revitalização da quadra (...) Tá todo mundo se movimentando para na próxima reunião conseguir a revitalização dela(...) Uma atitude que eu não considero como cidadã é você tá sujando seu bairro (...) o varredor limpa tudo, quando volta ta tudo sujo de novo(...) moradores tá brigando por causa de criança(...) Participo de vários movimentos que tem não só na juventude, pode ser de adulto, eu quero ta sempre no meio, debatendo(...) Como diz o Programa de rádio o cidadão tem vez e voz. Isso é que eu faço, eu tenho minha vez, eu tenho minha voz, quem fala eu calo, depois dou minha opinião.

Aborda-se, o texto dos entrevistados da Escola B.

Diferente da compreensão de cidadania mostrada anteriormente, SEM5 concebe a cidadania como condição para se viver como ser civilizado, de acordo com os padrões vigentes na sociedade, segundo passagem a seguir:

[...] nos dias de hoje *pra* ser cidadão tem que ser cidadão tem que ser batalhador na vida e lutar pelos seus objetivos e nunca desistir daquilo que você quer e sempre tem que ir em frente. Isso é que ser cidadão bem forte na sociedade. [...] Tem o Grêmio Estudantil é que move o estudante. Eu sou delegado do Orçamento Participativo e participo de várias conferências [...]. Participo de vários movimentos [...] Isso é que eu *faço eu* tenho minha vez, eu tenho minha voz, quem fala eu calo depois dou minha opinião.

Nesse texto, observa-se que esse sujeito amplia o horizonte conceitual de cidadania em relação aos demais e vislumbra efetivo alcance de direitos, materializados na construção do espaço político, do direito de ter voz e ser ouvido. Assim, a “possibilidade social pra expressar suas opiniões e ter o mínimo de possibilidades sociais para reivindicar seus direitos”, são pressupostos de cidadania, defendidos por Lando (1993) e também presentes nos objetivos indicados para o Ensino Fundamental (PCN – Temas Transversais, 1998).

Em todo o contexto da entrevista, SEM5-EB evidencia sua interação verbal com o outro, quer seja o colega da Escola, quer seja o morador do bairro ou, ainda, os participantes das reuniões dos “Movimentos que tem não só na juventude, por ser de adulto, eu quero *tá* sempre no meio debatendo”, como afirma o próprio entrevistado. Ao organizar o seu discurso nessas situações sociais, SEM5-EB reforça a concepção de que a cidadania não é um exercício individual, mas coletivo, e se expressa de forma privilegiada nos processos de interação verbal, isto é, na interação pela linguagem, dentro do pensamento bakhtiniano de que: “ a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, é o modo mais puro e sensível de relação social, é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana”.

Ainda no que tange à compreensão de cidadania como exercício coletivo, o entrevistado declara que a Escola B tem várias atividades para “aqueles que não querem ficar sozinho em casa sem fazer nada, a biblioteca é aberta, pode vir jogar, jogos educacionais, ler livros, Informática”. Este sentimento de coletividade também é revelado na luta para conseguir melhorias de vida para os moradores do bairro –

calçamento e revitalização da quadra esportiva – e também quando considera não ser cidadã a atitude dos moradores “sujando o bairro” e “*tá brigando por causa de criança*”. Nessa perspectiva, para finalizar a análise do discurso de SEM5, retoma-se a indicação de um dos objetivos do PCN:

- posicionar-se de maneira, crítica responsável e constitutiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas (PCN – Temas Transversais, 1998, p.55).

SEM6 – EB Eu acho que... Assim, ser cidadão hoje em dia é ter respeito com as pessoas, saber viver. É ser honesto, respeitar as pessoas. É... Cidadão é só isso (...) tem aqui na Biblioteca, jogo de fubica, tem quadra, tem o nosso teatro, tem a quadrilha, tem o lanche escolar. (...) O povo senta na calçada pra falar da vida dos outros, um quer brigar com o vizinho. Sem respeito! (...) Eu estudo, pratico exercício, respeito as pessoas, participo de algumas atividades que a escola propõe, não sou violento, não fumo, não bebo. E... eu queria dizer que cidadania, não é só isso, não é só classificando por atividades, é saber falar com os outros, respeitar tudo.

No discurso desse entrevistado, também aluno da Escola B, reaparecem os aspectos da cidadania como aprendizado da convivência democrática, da participação e do respeito, quando ele declara:

Ser cidadão hoje em dia é ter respeito com as pessoas, *saber viver*. É ser honesto [...] Eu queria dizer que cidadania, não é só isso, não é só classificando por atividades é saber falar com os outros, respeitar tudo [...] Eu estudo, pratico exercício, respeito as pessoas, não sou violento, não fumo, não bebo [...]

No texto em análise, SEM6-EB alerta que a cidadania não é desenvolvida, apenas, através de atividades, de vivências de projetos que abordam os temas da transversalidade. Isso porque, no campo da Ética, guarda-se a proposta de uma educação de valores de diversas ordens e que estão presentes na convivência escolar, nas atitudes dos professores e alunos na sala de aula, na equipe escolar. Sendo assim, a escola é espaço vivo onde a cidadania venha a ser construída na mediação representada pela Ética, que estimula e favorece, efetivamente, o sentido do exercício da cidadania nas relações sustentadas por atitudes de respeito mútuo, diálogo, solidariedade e justiça. Compreende-se, então, a estreita relação entre Ética e Cidadania. Ética é o modo como o cidadão faz suas escolhas, toma partido diante das opções socialmente apresentadas, a exemplo do que expressa esse entrevistado: “saber viver, ser honesto, não bebo, não fumo, não

sou violento, pratico exercício”. Evidencia-se a concepção dos PCN (1998) de que a cidadania deve ser compreendida “no exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no cotidiano, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito”.

Veja agora o que se diz no PPP da Escola B.

A escola nasceu de um sonho da comunidade Planalto, realizado na gestão municipal 2001-2004, conforme caracterização feita anteriormente. Traduz sua missão evocando a voz coletiva: “*queremos uma escola como pólo irradiador de cultura que se baseia em princípios de construção da cidadania*”. Entre os aspectos apresentados na formação do “Perfil do Aluno” delineado pela Escola B, destacam-se, os seguintes:

- ser agente construtor do seu conhecimento em perfeita harmonia com seus semelhantes;
- ser livre e autônomo para criar e recriar os projetos de vida que realmente contemplam sua expectativa;
- ser participante, ativo de um processo de aprendizagem com valores emancipatórios. (PPP – EB – 2007/2008).

Para o desenvolvimento da referida proposta, além das atividades próprias das áreas de conhecimento, a Escola B se propõe a realizar projetos de formação da cidadania, tais como Projeto de Leitura, Projeto Recreio, Projeto Xadrez, Projeto Arborização e Área de Lazer, Reforço para alunos com dificuldades de aprendizagem.

No tocante às formas representativas de participação da comunidade, a Escola B, além dos segmentos tradicionais e representativos, indica a necessidade de uma forma própria de participação, quando discute e formaliza o “Pacto da Gestão” no seu PPP. É interessante observar como SEM5-EB se refere ao funcionamento do “Grêmio Estudantil” e à facilidade de dialogar com a Diretora, na qualidade de porta-voz dos seus colegas, buscando solução para os problemas por eles apresentados. No texto do PPP, também é proposto que o exercício do diálogo e do respeito seja cultivado, pelos docentes comprometidos com a vivência de uma prática educativa voltada para qualidade das aprendizagens, no reconhecimento de que essas aprendizagens ocorrem na interação com o socioeconômico e o cultural.

Ao eleger, entre outros, o objetivo de “formar cidadãos livres, autônomos, participantes, da construção do conhecimento em perfeita harmonia com seus semelhantes e capazes de criar e recriar projetos de vida que realmente contemplam a expectativa dos alunos”, a Escola B se apresenta como um ambiente próprio para que se efetive o aprendizado da cidadania. As manifestações de cidadania tratada como exercício teórico-prático são refletidas no discurso dos alunos, em aprendizagens da transversalidade, necessariamente inseridas em situações de intervenção no próprio âmbito da escola e fora dela, tais como: o Projeto Recreio, que oferece ao aluno “tarefas” (jogos educacionais, acesso à Informática e outros) para ocupar seu tempo livre. A escola também oportuniza a participação desses alunos em atividades promovidas pelos segmentos da comunidade local, nos “movimentos sociais, cívicos, culturais, políticos e religiosos, num reconhecimento de que as aprendizagens se dão na interação”.

Desse modo, entende-se que, para construir uma escola voltada para a formação dos cidadãos, o trabalho com a escrita e a oralidade do aluno no tratamento dos aspectos polêmicos inerentes às questões sociais abre possibilidades para a argumentação – capacidade relevante para o exercício da cidadania.

Agora, analisa-se os textos dos entrevistados da Escola C.

SEM9 – EC Cidadão pra mim é, assim, viver na sociedade. Eu acho. Viver em ambiente que haja assim muitas pessoas que se unam. Não assim que esteja, intrigados. Assim vivem com prazer, de viver em ambiente limpo onde haja muitas pessoas solidárias. É ter uma vida melhor, conviver em lugar de muita gente, viver com pessoas que tenham respeito, que tenham assim, carinho de viver uns com os outros. Exemplo: ficar unido como nós estamos aqui, sem intriga, sem violência. Hoje, o mundo está tendo muita violência (...) É... me deixa ver... O ensino é assim bom (...) As festas que ocorrem na escola (...) O convívio de todos nós aqui (...) A “Feira de Ciências” é uma campanha que teve aqui também. “pelo Resgate a Vida” que era sobre meio ambiente, que era falando sobre não jogar lixo nas ruas. Nós fizemos até uma caminhada na rua! (...) É jogar lixo nas ruas. Eu acho assim: o respeito entre todos não só do bairro, mas da cidade toda. Exemplo: o convívio, o respeito (...) ser ético tem a ver com tudo de bom, respeito, assim, convívio entre as pessoas cuidar do meio ambiente.

Diante de mais um discurso dos entrevistados, constata-se que a cidadania é concebida como participação e atitudes adotadas no cotidiano, as quais traduzem respeito, solidariedade, união, de modo que a referida cidadania venha a

ser exercida a cada momento. Observa-se isso na entrevista de SEM9-EC, ao declarar que “ser cidadão é viver na sociedade [...]. Viver em ambiente que *haja* muitas pessoas que se unam [...]. Viver com pessoas que tenham respeito [...] ficar unido [...] sem intriga, sem violência”.

No que diz respeito às ações desenvolvidas no contexto escolar e voltadas para a cidadania, o referido aluno informa a realização, entre outras, do Projeto “Pelo Resgate à Vida” “que era sobre meio ambiente, que era falando sobre não jogar lixo nas ruas [...] o respeito entre todos não só do bairro, mas da cidade toda”. Afirma, ainda, que “*ser ético tem a ver com tudo de bom, respeito, assim, convívio entre as pessoas, cuidar do meio ambiente*”. Esta última assertiva conduz à percepção da “universalização da cidadania”, defendida por Morin (2001). Este autor convida à reflexão sobre o conceito da cidadania terrestre, e defende que é preciso desenvolver uma consciência ampliada a respeito dos limites do conceito de cidadania, considerando, também, as interações dos seres vivos (pessoas e animais), a dimensão ética, a responsabilidade com o planeta e o despertar de uma profunda consciência ambiental. Nessa perspectiva, a cidadania ambiental florescerá apenas em sistemas educacionais que privilegiem os processos dialéticos, democráticos, participativos, em que a lógica seja a da solidariedade e do diálogo.

SEM10 – EC Significa respeitar, conviver na sociedade, respeitando as leis, a natureza, a cidade (...). Assim: eu participo de todas as atividades. Tem uma atividade que é jogos coletivos pra gente aprender a viver com o próximo, respeitando. Tem atividades por exemplo, o São João que a gente vai ser em dupla, conviver. Até mesmo as dinâmicas que as professoras fazem em grupo, têm também as gincanas que misturam todos os alunos, por que a convivências mais comum é os alunos da própria sala, mas a gincana faz com que a gente se aproxime mais. (...) É jogar lixo nas ruas... Tem uns vizinhos que tem mania de jogar lixo na rua. Incomoda som alto, o povo fica bagunçando, passa na frente da casa toca a campainha e corre, isso aí, é incômodo. (...) mas eu tenho que respeitar as leis da casa, da escola, do bairro, tento não jogar lixo nas ruas, tento ser uma pessoas que respeita as outras pessoas.

A opinião desse entrevistado é semelhante à do outro aluno da Escola C. Para SEM10-EC, ser cidadão “significa respeitar, conviver na sociedade, respeitando as leis, a natureza, a cidade”. Vê-se que o enfoque do respeito à natureza, ao meio ambiente está presente na fala desses dois últimos entrevistados. Entretanto, SEM10-EC, ao informar sobre as ações desenvolvidas na Escola C, com

vistas ao desenvolvimento da cidadania, destaca que, nos jogos coletivos, aprende-se a viver com o próximo, respeitando-o; o mesmo ocorre nas dinâmicas de sala de aula, na festa do São João e nas gincanas. Ele expressa que no exercício concreto de sua cidadania, “respeita as leis do bairro, tenta não jogar lixo nas ruas, tenta ser uma pessoa que respeita as outras pessoas”.

Essas atitudes pessoais exigem, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos às questões sociais urgentes bem como à realidade que está sendo construída e que demanda transformações macrossociais.

Quanto ao que declara o PPP da Escola C, depreende-se a idéia de que essa Instituição escolar, embora sendo de iniciativa particular, expressa adesão total aos PCN, inclusive transcrevendo, entre seus objetivos, aquele que o referido documento indica para o Ensino Fundamental, quanto à concepção e exercício da cidadania (PCN – Temas Transversais, 1998, p.55).

É evidente a preocupação dessa Escola no tratamento da transversalidade, no que se refere à questão ambiental, como se observa no PPP, especificamente no traçado do perfil do aluno a ser trabalhado, no contexto de suas ações, conforme citação abaixo:

- conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida com responsabilidade em relação à saúde coletiva;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificado seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente.(PPP – Escola C – 2000)

Essa preocupação tem ressonância nas vozes dos alunos dessa Escola, na medida em que elas concebem que “cuidar da natureza, das pessoas, do meio ambiente” são atitudes de cidadania. Ainda na direção de trabalhar a transversalidade, a Escola C desenvolve outros Projetos. Citam-se, entre outros: Cuide Bem de Você, Solidariedade e Paz, Trânsito, Semana da Cultura, Gincana Cultural, Festival de Jogos, Semana da Literatura.

A partir da “palavra” dos entrevistados, na análise da *Categoria 1*, vislumbra-se, de saída, a possibilidade de que as vivências de cidadania estejam associadas à linguagem, como interação verbal do sujeito com o outro e com o

mundo. No entanto pondera-se a necessidade de esperar a análise das produções escritas – *Categorias 2 e 3* – para que essa conclusão se confirme.

Retomando a análise do Projeto Político-Pedagógico, observa-se que as Escolas, tanto as públicas quanto a particular, se preocupam em traduzir o discurso dos PCN, ao delinearem, no Projeto Educativo, sua “Missão e/ou Objetivos” e o “Perfil do Aluno” a ser formado, no conjunto das ações que buscam a qualidade das aprendizagens dos alunos, na vivência de valores coletivos e no reforço de atitudes, considerando as características próprias de cada escola e as necessidades sociais da comunidade em que ela está inserida.

No que diz respeito às formas de participação no interior da escola, observa-se que as tradicionais formas de mobilização constituem, ainda, os meios mais usuais da participação Escola-Comunidade, tais como, reuniões de pais e mestres, Conselho de Classe, Conselho Escolar, Representante de Classe e Grêmios Estudantil. Somente a Escola B indica a necessidade de uma forma própria de participação, quando discute e formaliza o “Pacto da Gestão” no seu PPP 2007/2008.

No tocante à prática de cidadania e suas manifestações na interação, pela linguagem, foco deste trabalho, as Escolas pesquisadas explicitam a necessidade de “formar cidadãos críticos, participativos, capazes de agir na sociedade” (Escola A); de “ser consciente dos princípios e relações norteadoras da formação por habilidades e competências adequadas ao mundo globalizado” (Escola B) favorecendo o desenvolvimento de projetos de transversalidade curricular e tratando das questões sociais mais urgentes, inclusive daquelas mais próximas da comunidade local. Entre essas questões, destacam-se as relacionadas com a Saúde, as Drogas e o Meio Ambiente.

Finalizando esta análise, opina-se que as escolas, para exercerem a função social de “educar para a cidadania”, precisam possibilitar o cultivo de bens culturais e sociais, considerando as expectativas e as necessidades dos alunos, dos pais, dos membros da comunidade, dos professores, enfim, de todos os envolvidos diretamente no processo educativo, pois é nesse universo que o aluno vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado, para dialogar, de maneira competente, com a comunidade. Aprende a respeitar e a ser respeitado, a ouvir e

ser ouvido, a reivindicar direitos e respeitar deveres, a compreender a política da cidade, do país e do mundo.

3.2 Categoria 2 – Dialogismo: o diálogo entre interlocutores

O olhar analítico sobre os textos produzidos, no âmbito da presente categoria, volta-se para observar a linguagem em uso, naquilo que ela tem de individual e, absolutamente criativo, como uma forma de conhecer seus autores, a sua condição de ser humano, de ser sujeito múltiplo na interação entre interlocutores. O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constrói-se, na produção e na interpretação dos textos.

Assim o discurso não é individual porque se constrói entre, pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais – dialogismo entre interlocutores. Segundo Bakhtin o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois entre produções monológicas, observa-se inevitavelmente relação dialógica.

Em seguida, procede-se à análise dos Textos 1 e 2 produzidos pelos alunos das Escolas A,B e C.

3.2.1 A minha vida / No meu Governo

A minha vida

SF4 – EA (T1) Eu, quando tinha 6 anos, meu pai se separou de minha mãe eu sofri muito porque eu era muito apegada a ele, eu tive várias crises de nervo eu entrava em desespero que eu chegava a me esconder em baixo do beço de meu irmão, minha mãe ficava preocupada com migo mais na verdade ela não podia fazer nada o que ela podia fazer por mim era só tentar me acalmar. Para eu mim acostumar a viver sem a presença do meu pai foi difícil (...). Minha mãe também sofreu ela entrou em depressão e meu irmão na época só tinha 7 meses minha mãe teve de cuidar de mim, de minha irmã, e meu irmão, sozinha ela teve que fazer o papel de pai e de mãe para nos criar até hoje (...) ela é uma pessoa trabalhadora, guerrera e que até hoje ela se esfoça e faz de tudo para meu pai voltar para casa (...) faz de tudo para conseguir terminar de criar eu e meus irmãos e conseguir aquilo que ela e nós mais quer, que é meu pai voltar para casa (...). Minha mãe sempre lutou (...) é uma pessoa esfoçada trabalhadora que nunca teve vergonha de trabalhar desde seus 9 anos de idade que ela trabalha para conseguir o que quer.

O texto “A minha vida” é produzido numa situação em que o locutor (SF4 – EA) começa sua história narrando o fato mais triste e doloroso de sua vida: a separação dos pais. É evidente que a falta da presença do pai mexe com as suas emoções e os seus sentimentos. SF4-EA contextualiza toda a sua História de Vida, nesse fato. A figura da mãe (outro interlocutor) apresenta-se como desdobramento das atitudes de SF4-EA, na construção de sua identidade, atribuindo-lhe valores necessários à sustentabilidade da família (guerreira, trabalhadora, lutadora), mesmo admitindo que o maior objetivo seja conseguir a volta do pai para o convívio familiar. Na perspectiva da análise bakhtiniana, pode-se perceber, no contexto dessa história, que o sujeito, sendo um, “eu-para-si”, condição de formação da identidade subjetiva, é também, um “eu-para-o-outro”, condição de inserção dessa identidade, não apenas no plano das relações dialógicas da linguagem, mas também no contexto ideológico e vivencial. Nesse caso presume-se, o enfrentamento das dificuldades e preconceitos de mãe e filhos de pais separados, a mãe assumindo o papel de pai e mãe e a esperança de mudança de vida com o retorno da presença masculina – o pai – ao ambiente familiar.

No meu Governo

SF4 - EA (T2) Eu como prefeito de Salgueiro investiria primeiro na educação dos jovens e das crianças lutaria para trazer a faculdade de Medicina e de Direito para nossa cidade, iria lutar para trazer uma UTI para nossa cidade concerteza ia fazer melhorar os atendimento dos postos de saúde e os pobres iria ter mais prioridade nos atendimentos, na parte dos adultos eu ia investir construindo fábricas para empregar não só adultos jovens também, e para que os jovens tivessem mais ocupação faria mais casa de cultura já com os idosos faria algo com lazer em quatro anos daria para eu fazer várias coisas calçar ruas, fazer saneamento básico e investir mais na educação e na saúde.

O título do texto, “No meu governo”, indica que o locutor, mesmo fazendo a enunciação na primeira pessoa do singular, dirige suas palavras a outro(s) interlocutor(es) quando se refere às crianças, aos jovens, aos adultos. Observa-se que o sentido e a significação das palavras são construídos na relação do sujeito (SF4-EA), na convivência com seus interlocutores, representando necessidades e aspirações sociais comuns ao locutor e aos destinatários do texto (eleitores), tais como Faculdade de Direito e Medicina, melhor atendimento nos Postos de Saúde, construir fábricas para gerar emprego, cultura para ocupar os jovens, UTI para atender aos doentes, lazer para os idosos. Dessa maneira, analisando esse contexto, numa visão bakhtiniana de linguagem, compreende-se que “toda palavra

serve de expressão a “um” em relação ao “outro”, ela constitui, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte e, em última análise em relação à coletividade” (Bakhtin, 1997). Ora, conseguir a proeza de corresponder às aspirações sociais da comunidade representa um bom plano de governo para todos, e, conseqüentemente, a construção da cidadania.

3.2.2 Minha vida é uma comédia / Na minha candidatura

Minha vida é uma comédia

SF8 – EB (T1) Minha mãe é uma pessoa super bem humorada, me deu todo carinho e dengo que uma filha precisa. Mas também me deu bronca quando eu errei, e quando erro, na verdade. (...) Na minha infância fui muito feliz (...) vivi a maior parte da minha vida com a minha vó paterna que infelizmente morreu de um acidente grave, acidente que a tirou de mim, isso foi uma das perdas de minha vida. O meu primeiro ano de colégio foi ruim (...) não tinha nenhuma amizade, aí apareceu Roberta. (...) A amiga Roberta que pode-se dizer está com migo em todos os momentos (...) Hoje tenho 13 anos e estou namorando tô namorando sério com uma pessoa que eu amo muito e diz ele q/ também me ama to muito feliz (...)minha está me apoiando e me dando toda força para que eu não me machucar e não sofrer o que ela já sofreu.

A partir do título “A minha vida é uma comédia”, pode-se observar a situação dialógica em que o texto é produzido pela autora SF8. No parágrafo introdutório, aparece seu primeiro interlocutor (sua mãe), afastando-se da tradicional forma de iniciar uma História de Vida (seu nome, data de nascimento, naturalidade e filiação). Na tessitura do texto, a interação social com o “outro” está explicitada, dando sentido às relações dialógicas que a autora mantém com os demais interlocutores: a avó paterna, a amiga Roberta, o namorado. Isso demonstra que o caráter dialógico da linguagem está presente, mesmo quando se trata de um gênero monológico, no caso, o relato de uma história de vida.

Na minha candidatura

SF8 – EB (T2) Se eu fosse candidata a prefeita eu iria fazer de tudo para melhorar a minha cidade Salgueiro (...) Mas não iria prometer muitas coisas sem saber se realmente iria cumprir ou não, pois muitos políticos chegam na sua casa prometem várias coisas, iludem o eleitor e quando ganha não faz nada do que promete e o pobre do eleitor é quem se ferra por ter votado no corrupto que só nos *enganam* e não *cumprem* nada. Por isso devemos estudar muito nossos candidatos para que não *nos arrependa* depois.

O discurso de SF8 pressupõe o diálogo entre interlocutores. Vê-se que a autora demonstra a força de argumentação e convencimento, no seu discurso de candidata, na busca de interagir com os eleitores (interlocutores), alertando-os sobre “promessas enganosas” e se propondo a prometer, apenas, o que tem condições de cumprir. Isso reforça a idéia de Bakhtin de que “o diálogo é toda comunicação verbal, o qual é composto de três partes o falante, o interlocutor e a relação entre os dois”.

3.2.3 Superação / Recurso para a população

Superação

SF11 – EC (T1) Nasce em 14 de dezembro de 1994, creio foi um dos dias mais felizes para os meus pais. Meu pai trabalhava como vendedor ambulante para um senhor, só que ele não era bem pago, mas continuava trabalhando pois sabia que não iria encontrar trabalho melhor. Quando tinha quatro anos, com muito esforço meu pai me colocou para estudar em uma escola particular, fora de suas condições mas queria me dar do bom e do melhor. Resolveu sair do emprego pois o homem não estava mais o pagando meus familiares diziam que ele deveria ir até a justiça lutar pelos seus direitos mais meu pai preferiu optar pela amizade e anos de trabalho. Meu pai abriu seu próprio negócio, ainda é vendedor ambulante mas vende para se próprio. Com muita dedicação meu pai lutou para me dar do bom e do melhor e ainda luta. Hoje sou muito grata a ele e a minha mãe, tenho muito orgulho dos dois por sua superação de vida. “Não me queixo de nada”.

Essa narrativa difere das Histórias de Vida de SF8-EB e SF4-EA, no tocante à forma de introdução do texto e à motivação da escolha do título “Superação”. SF11-EC inicia a própria narrativa indicando a data de seu nascimento e expressando a suposta felicidade de seus pais diante desse fato. O contexto da narrativa concentra-se na figura do pai. O locutor no encadeamento do texto conduz toda a superação de dificuldades encontradas pelo pai. Para confirmar isso, encerra sua narrativa com a frase “Não me queixo de nada”, expressando atitude de “aceitação” diante dos fatos, valorizando a luta dos pais (sutilmente, refere-se à mãe) no esforço de manter seus estudos na escola particular. Observa-se, então, para efeito de análise, na perspectiva bakhtiniana, que o enunciador, para construir seu discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente nesse mesmo discurso.

Recurso para a população

SF11 – EC (T2) Se me eleger como Prefeita tomarei todos as providências para a melhoria da população focalizarei na saúde, educação e saneamento básico para as famílias. Educação para todos, jovens, crianças e idosos, terão direito a educação para erradicarmos o analfabetismo que interfere no futuro das pessoas (...). Lutarei pela democracia, direito e deveres pra todos se expressar da forma desejada (...). Idosos, crianças, homossexuais, mulheres terão mais respeito na sociedade por serem exemplos de vida. Os idosos por suas experiências de vida, as mulheres por se destacar na sociedade e no mercado de trabalho, as crianças por sonharem, acreditarem que o mundo um dia será melhor, os homossexuais por sua coragem de enfrentar o preconceito de frente (...). Todas as pessoas terão direito ao trabalho receberão seu salário e em determinada idade se sentirão realizada, recebendo sua aposentadoria. Essas são propostas que irei cumprir que irão melhorar a vida de vocês salgueirenses e tornarão meus filhos e seus filhos em pessoas melhores e que em suas vidas não haverá máscaras do medo e da mentira. E uma coisa eu lhes digo, nunca, percam a esperança e sejam perseverantes em sua longa jornada de vida.

Esse, igualmente, é um texto argumentativo que, escrito na primeira pessoa do singular, representa poder de persuasão diante dos ouvintes. O locutor SF11-EC abre seu discurso com uma assertiva que convoca o “outro”, quando conclama: “tomarei todas as providências para a melhoria da população (...). Educação para todos, jovens, criança e idosos”. Como em outros textos do *corpus*, deste trabalho, o discurso trata da proposta de atendimento às condições necessárias à saúde, à alimentação, à educação, à moradia, ao trabalho. É interessante, porém, a forma como SF11 se dirige aos interlocutores idosos, crianças, homossexuais e mulheres. A candidata (locutor) expressa a prioridade de respeito por esses interlocutores, e explica essa atitude quando afirma:

Idosos, mulheres, crianças e *homossexuais* terão mais direito na sociedade por serem exemplos de vida. Os idosos por suas experiências de vida, as mulheres por se *destacar* na sociedade e no mercado de trabalho, os *homossexuais* por sua coragem de enfrentarem o preconceito de frente.

A posição que ocupam esses interlocutores, no discurso de SF11, vista na perspectiva do conceito bakhtiniano de dialogismo entre interlocutores, compreende que a palavra revela-se no momento de sua expressão, e como afirma o próprio Bakhtin (1997) “a palavra dirige-se a um interlocutor: variará se si tratar de uma pessoa do mesmo grupo ou não [...] se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos”. SF11-EC tem 13 anos, é do sexo feminino, mora na cidade que era administrada por uma mulher idosa, a Prefeita, conhecida como

“amiga das crianças”. Daí, talvez, seus laços sociais mais estreitos para dedicar essa palavra especial aos seus interlocutores femininos, homossexuais, crianças e jovens. Nessa mesma perspectiva, observa-se outro aspecto curioso neste texto é a indicação do título “Recurso para população”. À primeira vista, o leitor imagina que se trate daquela tradicional “fala” dos candidatos, na busca de recursos financeiros. No entanto, a proposta focaliza as estratégias e ações a serem desenvolvidas em benefício da melhoria de vida da população.

Ao finalizar a análise dos textos desta *Categoria 2* verifica-se que o diálogo entre interlocutores está visualizado na perspectiva do pressuposto da linguagem como processo de interação, em que o indivíduo faz uso da língua para atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor).

Assim, a linguagem usada nesses textos analisados é vista como forma de interação social e permeia a formação da cidadania. Desse modo reforça-se a idéia de que a linguagem “é marcada por um jogo de intenções e representações”, como diz Suassuna (1995); e, como tão bem enfatiza Bakhtin (1997), “não se pode separar a linguagem do seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui da interação verbal realizada através da enunciação que é o diálogo, no seu sentido mais amplo, englobando as produções escritas”.

3.3 Categoria 3 – Polifonia: voz e vozes no texto

O fenômeno da polifonia se caracteriza, por vozes em um discurso. Como tal, o texto funciona como eco das vozes sociais. “A palavra vai à palavra” como diz Bakhtin (1995). É, nessa perspectiva que está situada a análise dos textos que constituem os elementos de análise da *Categoria 3*, buscando identificar a polifonia, ou seja, as vozes presentes na tessitura dos textos produzidos pelos alunos.

Os textos a seguir são analisados com vistas a identificar, no contexto da produção escrita, o conceito de polifonia na visão de linguagem de Bakhtin (1997).

3.3.1 Vida de altos e baixos / Sou o que Salgueiro merecia

Vida de altos e baixos

SM1 – EA (T1) Minha mãe morava no sítio, o meu pai também. Quando se conheceram não tinham condições de vida, pois, viviam do plantio da cebola quando se casarão a vida não mudou nada, depois de quatro anos pai se empregou em uma firma onde tivemos que se mudar para a cidade onde a firma ficava meu pai foi nós ficamos mas logo após 2 meses tivemos que se mudar também moramos em Paulo Afonso–BA por quase um ano. Depois meu pai foi dispensado e tivemos que voltar para Salgueiro, assim que voltamos o pai da minha mãe morreu, ficamos sem mais apoio na vida (...). Meu pai desempregado (...) não tínhamos mais terra para plantar nesse vai e vai (...) passou se dois anos e finalmente meu pai se empregou em petrolina, moramos por lá 4 anos (...) meu pai desempregado outra vez voltamos para Salgueiro onde meu pai conseguiu arranjar uma terra para plantar vivemos novamente do plantio (...) depois de vários anos no plantio meu pai conseguiu arranjar um emprego onde eu e minha família mudamos de vida onde não moremos mais de aluguel e meu pai conseguiu comprar uma casa e finalmente saímos do aperto.

Essa narrativa, intitulada “Vida de Altos e Baixos”, surpreende em relação aos textos do *corpus* até aqui analisados quanto à ausência quase total de pontuação (vírgula e ponto). Como não é esse o foco desta pesquisa, isto não altera a sua importância como dado investigativo, uma vez que se trata da linguagem em uso, como interação dialógica e social, na perspectiva de análise face ao conceito bakhtiniano de polifonia, isto é, das vozes sociais que o texto evoca.

Chama atenção a forma como SM1-EA relata sua história individual, a partir da organização do cotidiano dos seus pais. Infere-se, no encadeamento do discurso, a presença de várias vozes sociais que emprestam sentido à produção do texto e às relações de poder que vão se constituindo no “dizer” do sujeito. Entre essas vozes, percebe-se a “voz do agricultor” que, pelas precárias condições da vida no campo (plantio de cebola), migra para cidade a “ procura de emprego”, de “dias melhores”.

Outra voz presente no texto em análise é a “voz do imigrante”, ou, mais precisamente, do “retirante nordestino”, que “nesse vai e vai”, como diz SM1-EA, anda de cidade em cidade para manter o vulnerável emprego em “firmas”, geralmente, com prestação temporária de serviço, em determinada localidade.

Finalmente, apreende-se a “voz do cidadão” que, depois de tanta luta, consegue o sonho do “emprego” e da “casa própria”, manifestada na voz vitoriosa, de SM1-EA: “meu pai conseguiu arranjar um emprego onde eu e minha família *mudemos* de vida onde não *moremos* mais de aluguel e meu pai conseguiu comprar uma casa e finalmente saímos do aperto”.

Nesta análise, compreende-se a teoria de Bakhtin, quando propõe que, na polifonia, as relações dialógicas se deixam entrever, por meio de muitas vozes, num discurso linguisticamente materializado em texto; cria-se, assim, o que o autor chama de gênero polifônico.

Sou o que Salgueiro merecia

SM1 – EA (T2) Salgueiro merece muito demais atendimento ao idoso, em Salgueiro não tem um bom atendimento muitos idosos morrem porque vão serem transferidos para outras cidades e não registem a viagem. Jovens mereciam de mais oportunidades, pois, não tem muitas oportunidades quando surge um curso é muitos jovens para poucas vagas e etc. Crianças merecem um melhor estudo tem muitas escolas públicas, mas não tem um bom desempenho muitas escolas não abrem portas para crianças e muitos nem estuda. Vote em mim.

O texto argumentativo em análise também surpreende quando comparado aos textos argumentativos anteriormente analisados, no tocante à forma de persuasão. A escolha do título, “Sou o que Salgueiro merecia”, apresenta encadeamento da pressuposição de que as “coisas não vão bem na cidade de Salgueiro”, expressa a idéia de que o próprio SM1-EA, como candidato a Prefeito, é a “solução merecida”. A voz social que se faz ouvir é a de um “eleitor da oposição” que partilha com seus interlocutores interesses de toda a comunidade (idosos, crianças e jovens). Nessa perspectiva, é claro que se reconhece, ainda, no interior do texto, a “voz do político”, que se apresenta como o “Salvador da Pátria”.

Nesse diálogo de vozes polifônicas, percebe-se o jogo dialógico com que é tecido o discurso e aparecem vozes e vozes. É preciso saber ouvi-las. Bakhtin mostra a linguagem como fenômeno social e histórico, que visa à comunicação entre os sujeitos. Sendo assim, a palavra possui natureza ideológica e é usada a partir de um efeito de sentido que o sujeito pretende alcançar.

3.3.2 Minha Infância / “Para ser o que queremos devemos cumprir e fazer”

Minha Infância

SF7 – EB (T1) Sou Juliana e vou contar um pouco de minha história. Sou uma menina que passei por várias coisas na vida, eu nunca deixei e jamais irei deixar de acreditar em meus sonhos. Eu moro e nasci na cidade de Salgueiro - PE, bem quando eu era pequena vazeria várias aventuras como brincar, passear, e se divertir e etc... eu adora muito brincar de escolinha com minhas colegas, eu era a professora e adora as historinhas de branca de neve, a cinderela, pinóquio, chapeuzinho vermelho, pooh, a bella adormecida e etc... (...). Com 9 anos de idade já acostumada a ficar em casa não sairia mais porque meus pais não deixavam, não iria mais passear só e nem com os amigos, minhas aventuras passou a ser em casa depois que ganhei outra irmãzinha cuidei dela junto com minha mãe seu nascimento até 6 anos de idade, hoje ela tem 13 anos e eu tenho 15 anos (...) comecei a estudar com 7 anos de vida, estudei 4 anos numa escola na minha rua depois foi para outra escola fazer 5ª série (...). Faço 8ª série e estive uma oportunidade de fazer parte do PETI como participar do PROJOVEM que é de 15 a 17 anos. Bom! E aqui ficou em pouco da minha história.

Conforme o que vem sendo observado, os textos narrativos analisados tem indicado um título que presume alguma idéia, representada ou não, no tecido do texto. O texto em análise, porém, intitula-se apenas “Minha Infância” e a narradora relata sua história de vida, do nascimento aos 15 anos, fazendo referência a sua pessoa, como uma menina que passou por várias coisas na vida, mas nunca deixou de acreditar “nos próprios sonhos”. Essa crença “nos sonhos” é reforçada, ao que parece, pelo enredo de textos da literatura infantil, como declara a autora: “adoro histórias de Branca de Neve, Cinderela, Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, Pooh, A Bela Adormecida”. Nesse discurso de SF7-EA, percebe-se, a partir do entendimento de Bakhtin sobre polifonia, que toda palavra está relacionada à outra, à de outro locutor, existindo, dessa maneira, uma interação, entre o discurso atual e os formulados anteriormente (menina que acredita nos seus sonhos, adorava brincar de escolinha com os colegas e ouvir as histórias do mundo dos sonhos da literatura infanto-juvenil).

Na tessitura da própria narrativa, SF7-EA afirma, ainda, que trocou as aventuras e brincadeiras fora de casa para cuidar de mais uma irmãzinha, o que significa assumir compromisso e a responsabilidade de contribuir com os afazeres domésticos, revelando valores eleitos pelo grupo social. Assim, é reconhecida a voz da família no texto de SF7-EA, à luz da teoria polifônica de Bakhtin (1997) quando

afirma “a palavra é a revelação de um espaço, no qual os valores de uma dada sociedade se explicitam, se acomodam ou se confrontam”. Nessa mesma direção, entrevê-se a polifonia no discurso de SF7-EA, quando fala da sua inclusão nos Programas Sociais do Governo: PETI e PROJOVEM, como estímulo proporcionado pela Escola B a qual se apresenta como um ambiente próprio para que se efetive o aprendizado da cidadania, ao eleger, entre outros, o objetivo de “formar cidadãos livres, autônomos, participantes da construção do conhecimento em perfeita harmonia com seus semelhantes e capazes de criar e recriar projetos de vida que realmente contemplam a expectativa dos alunos”.

“Para ser o que queremos devemos cumprir e fazer”

SF7 – EB (T2) Bem eu como candidata a Prefeita. Se eu ganhasse nas eleições eu iria cumprir o que eu prometi e iria melhorar o que estava melhor e o que estaria precisando e faltando na minha cidade, ajudá-los aqueles que em casas alugadas moram e olhar também para as ruas que estaria faltando calçamento os saneamentos básicos que há nas ruas, orelhões públicos. Hoje para a gente ganhar nas eleições não é fácil porque não há sou eu de prefeita e sim vários candidatos a prefeitos, então se eu ganhasse as eleições eu iria mudar para melhor eu prometi e fazer aquilo que deveria e que precisava fazer (...). Alguns planos que eu iria fazer e cumprir. Era alguma coisa que não há na cidade que há muita gente que sai da sua cidade para fazer um curso (...) Hoje quem ganhar essa oportunidade a ser candidato(a) a prefeito(a) faça o que tem que fazer e aproveite a oportunidade para melhorar seu bairro, sua cidade e seu município. Sim e sem esquecer irei ajudar os deficientes, jovens, adultos e as crianças. Tcháu Fim...

O texto acima chama a atenção, entre os demais que constituem o *corpus* desta categoria de análise, pela escolha do seu título: “Para ser o que queremos, devemos cumprir o que fazemos”. O uso das aspas expressa um índice de polifonia, por se perceber a “voz de alerta” para aqueles que têm oportunidade de ocupar o cargo de prefeito, ou seja, a “voz do poder público”, que se entrecruza com a voz de SF7-EA nesse enunciado. Assim, o sentido amplo que Bakhtin atribui ao conceito de polifonia é reconhecido porque a palavra é polifônica, isto é, a palavra não é só do locutor. A sua polifonia está inscrita no próprio signo.

3.3.3 Uma História de vida / Discurso de Uma Prefeita

Uma História de vida

SF12 – EC (T1) Conheceremos agora a história de vida de uma garota que apesar de contratempos sempre procurou o melhor para si. Essa garota nasceu na cidade de Salgueiro, mas logo ao primeiro ano de idade foi morar cidade de Petrolina, onde seus pais já moravam a bastante tempo com seu irmão mais velho. Dois anos depois teve de voltar para sua cidade natal em função de dois motivos: a separação de seus pais e a doença de sua mãe começou a estudar na Escola Cecília Meireles, na qual estudo até hoje. (...) Foram morar com sua avó (...) Passado alguns anos em consequência de uma briga familiar seu irmão volta para morar em Petrolina com seu pai, sendo assim, hoje ela mora apenas com sua mãe. (...) Foi em Salgueiro que ela cresceu, se criou, fez amigos e vive até hoje. Ela é uma garota idealista e sonhadora que acredita em seu potencial e tudo que quer é ser feliz e construir sua vida como um castelo, com grandes e pequenas barreiras, mas sempre como uma fortaleza.

A narrativa “Uma História de Vida” difere das demais que constituem o *corpus* desta pesquisa, por sua progressão textual, objetividade e coerência com que a autora descreve os fatos de sua vida, usando o verbo na 3ª pessoa do singular. Percebe-se, nesse discurso, aquilo que enfatiza Bakhtin: “o sujeito dialógico, sendo um eu-para-si é ao mesmo tempo um eu para outro. O sujeito, ao compreender a si mesmo, ao outro na e pela linguagem constitui sentido e assume seu papel na organização de sua vida social” e, simultaneamente no exercício de sua cidadania, como demonstra SF12-EA em sua história de vida, relatando seus contratempos, mas sempre idealista, sonhadora, forte superando as pequenas e grandes barreiras.

A presença do outro permeia todo discurso, a compreensão de que o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual no mesmo texto se ouvem várias vozes, presume-se a “voz do senso comum”, a voz da mulher idealista que quer ser feliz e forte diante de sua família, da escola e de outros espaços sociais.

Discurso de uma Prefeita

SF12 – EC (T2) Minha cidade, como todas as outras, possui diversos problemas, os quais estão relacionados as áreas de educação, saúde, saneamento básico, infra-estrutura, economia, política. Todos esses problemas estão de certa forma interligados, isso porque ao se mexer com um deles

temos que mexer com todos os outros e para resolvê-los é necessário alguém, capaz de realizar esta tarefa, alguém que realmente ame Salgueiro e quera o bem de sua cidade e sua população. Sendo assim, eis a pergunta; E quem estaria apto a resolver os nossos problemas e de nossa cidade? É justamente para responder esta pergunta que eu estou aqui, como candidata a prefeita desta cidade eu pretendo em 4 anos de governo fazer o possível para resolver estes problemas reformarei escolas, criarei mais postos de saúde, calcarei as ruas, haverá mais segurança, teremos novas praças de alimentação. Essas são algumas das muitas medidas que pretendo tomar para melhorar cada vez mais o convívio em sociedade, isso lógico se eu for eleita.

No seu texto argumentativo, SE12-EA demonstra muita informatividade, quanto aos problemas da cidade de Salgueiro, além do poder de argumentação, quando questiona sobre a competência administrativa do candidato a Prefeito. Apreende-se a voz do “discurso da competitividade e da competência”, tão prestigiado nos dias de hoje. Essa voz evoca outras vozes: “vence o melhor”, “o mais forte”. Como se presume, através do questionamento de SF12 “e quem estaria apto para resolver os nossos problemas e os de nossa cidade? É justamente para responder esta pergunta que eu estou aqui, como candidata a Prefeita desta cidade”. SF12 se apresenta como a melhor candidata para administrar o município de Salgueiro, *slogan* de senso comum no discurso dos candidatos.

Chega-se à análise do último texto que compõe o *corpus* deste trabalho. Verifica-se que o conceito bakhtiniano de polifonia permeia as produções escritas analisadas, ou seja, a multiplicidade de “vozes sociais” se percebe nos discursos dos sujeitos, materializados em histórias de vida e nos textos argumentativos observados. Dessa forma, conclui-se que a possibilidade da polifonia discursiva pode ser encontrada em textos de qualquer natureza e não só apenas naqueles literários, como, inicialmente, propôs Bakhtin em torno dos romances de Dostoievski.

A constituição dialógica da linguagem é princípio identificável na análise de texto, mas a opção de examinar a produção de efeitos da polifonia exigiu da pesquisadora mais esforço e sensibilidade para saber “ouvir amorosamente a palavra do outro”, como lembra Faraco (2007) ao referir-se a Bakhtin como estudioso da natureza dialógica da vida: conseguir entrever aquelas vozes que não estão mostradas no encadeamento dos textos produzidos pelos sujeitos pesquisados. Isso representou um desafio ao exercício teórico-prático da pesquisadora no entendimento de que a “palavra não é apenas aquela do dicionário, a palavra é ideológica, a palavra não é só minha, ela “procede de alguém e se dirige

a alguém”, segundo Bakhtin (1997). Foi pelo olhar analítico dos textos que se observou a interação dos sujeitos, que, assim, constroem sentidos e definem sua posição, diante dos outros e do mundo, e, simultaneamente manifestam as vivências da própria cidadania.

CONCLUSÃO

“Linguagem e Cidadania” o tema desta dissertação deixou clara a compreensão de que a palavra é indissociável do texto oral ou escrito e constitui-se como processo de interação na realidade viva. Nessa perspectiva, ratificou-se a idéia de que a linguagem permeia todas as atividades da formação cidadã e se reflete na produção textual do sujeito-aluno. Também constatou-se que as escolas possibilitam o desenvolvimento da cidadania por meio dos seus discursos, materializados no Projeto Político-Pedagógico.

Eis a razão pela qual foi encontrado sentido no universo teórico de Bakhtin para fundamentar o estudo sobre a expressão de cidadania de sujeitos socialmente organizados no ambiente escolar, através da interação verbal na realidade vivida, manifestada na e pela linguagem.

As reflexões bakhtinianas, sem se configurarem numa proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um conjunto de conceitos que especificaram a postura dialógica diante do *corpus* deste trabalho. Dentro da metodologia, estabeleceu-se o compromisso ético, da pesquisadora e dos pesquisandos, na perspectiva de sujeitos históricos com o objeto de estudo.

Tomou-se a liberdade de escolher os conceitos de dialogismo e polifonia, haja vista a necessidade e o desafio do exercício intelectual de operar com formas de pensar capazes de fornecer meios para se compreender a realidade e a própria condição dos sujeitos pesquisados. Portanto, foi na produção dos textos narrativos e argumentativos que os sujeitos expressaram as vivências da própria cidadania no espaço escolar e na comunidade, pela linguagem.

As análises realizadas neste estudo demonstraram, através do “dizer” dos sujeitos organizados nos textos da entrevista, que as vivências de cidadania estão associadas à linguagem. Essas vivências se configuram como interação verbal do sujeito com o outro e com o mundo, sendo compreendidas, também, como participação social e política. Os entrevistados declararam que no cotidiano, suas atitudes de respeito, solidariedade, cooperação, união, bem como, prevenção do meio ambiente, ouvir e ser ouvido, saber viver e ser honesto são atitudes que implicam a manifestação de uma “pertinência, de responsabilidade coletiva” como

lembra (PINSKY, 2003). As representações dos sujeitos, nos textos, expressam que é de fato na interlocução que a linguagem e o sujeito se constituem. É por meio da linguagem que o sujeito compreende e age no mundo, nos contextos sociais básicos da vida cotidiana, isto é, na família, na escola e na comunidade local. A linguagem traz, em si, a construção e a expressão do conhecimento, os valores, as normas de conduta que norteiam a vida do sujeito no convívio social.

Nessa direção, a análise do Projeto Político-Pedagógico das Escolas selecionadas (tanto das Escolas Públicas, quanto da Escola Privada) revela a preocupação de traduzir o discurso dos PCN sobre transversalidade – Ética e Cidadania – na medida em que as instituições delineiam sua “missão e/ou objetivos” e o “perfil do aluno” a ser formado, no conjunto das ações que buscam a qualidade das aprendizagens, na vivência de valores coletivos e reforço de atitudes, considerando as características próprias de cada escola e as necessidades sociais da comunidade em que ela está inserida.

As escolas explicitam a intenção de “formar cidadãos críticos, participativos, capazes de agir na sociedade” (PPP, Escola A), “construir uma escola como pólo irradiador de cultura, que se baseia em princípios de construção de cidadania” (PPP, Escola B), “desenvolver um trabalho sério, objetivando o desenvolvimento do educando, assegurando-lhe a formação comum ao exercício da cidadania (PPP, Escola C). Dessa forma, todas as três escolas favorecem o desenvolvimento da transversalidade, daquelas questões sociais mais próximas das necessidades da comunidade local. Entre essas questões, destacam-se a Saúde, as Drogas e o Meio Ambiente. Todavia, o desenvolvimento dessas ações não responde, plenamente, à necessidade de transformar a escola num “espaço vivo de cidadania”.

Não obstante, percebe-se uma estratégia diferenciada no texto do Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal quando se apresenta como “um ambiente próprio para que se efetive o aprendizado da cidadania e seja espaço educativo capaz de explorar as potencialidades da convivência, a materialização de uma escola cidadã, estimulante e prazerosa, procurando desenvolver um trabalho em sintonia com todos os sujeitos da comunidade local com participação nos movimentos sociais, cívico-culturais, políticos e religiosos no reconhecimento de que as aprendizagens se dão na interação com o socioeconômico e o cultural”. Assim, a

escola B traça o “Perfil do Aluno” e destaca que “ser livre e autônomo para criar e recriar os projetos de vida que realmente contemplam sua expectativa” é um dos indicadores de formação da cidadania dos estudantes.

No tocante às formas representativas de participação da comunidade, a Escola B, além dos segmentos tradicionais e representativos, indica a necessidade de uma forma própria de participação: o “Pacto de Gestão”. É interessante observar como os alunos entrevistados referem-se ao funcionamento do Grêmio Estudantil, e à facilidade de dialogar com a Diretora, buscando solução para os problemas por ele apresentados. Ainda, no texto do PPP é proposto que o exercício do diálogo do respeito seja cultivado pelos docentes comprometidos com a vivência de uma prática educativa voltada para a qualidade das aprendizagens, necessariamente inseridas em situações de intervenção no próprio ambiente da escola e fora dela.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da referida cidadania como exercício teórico-prático sistematizado e contínuo, no interior da escola e fora dela, seria necessária a definição de uma realidade de efetivo alcance de direitos, materializados na justiça social; de reais práticas de igualdade, no envolvimento do espaço político; do direito de ter voz e ser ouvido; de condições necessárias ao desenvolvimento humano.

Entretanto, considera-se que as experiências de participação dos sujeitos em Grupos de Dança, Jogos Escolares, Projetos Interdisciplinares de Cidadania, Grêmio Estudantil, Projeto Recreio; a relação interpessoal na gestão escolar; as dinâmicas em sala de aula; as aulas da disciplina de “Direitos Humanos”; os Movimentos de Igreja; a participação no Orçamento Participativo, tudo isso pode ser considerado como um conjunto de atividades que revelam o uso vivo da palavra na construção e exercício da cidadania, como afirmam os próprios alunos nos textos da entrevista.

Admitiu-se que não foi tarefa fácil descortinar um projeto de estudo das formas de construção e de produção de sentido nos escritos de Bakhtin como ficou evidenciado na análise dos textos dos sujeitos-alunos das três Escolas Urbanas de Salgueiro.

O referido autor afirma que “a vida é dialógica por natureza” porque é na interação verbal que a palavra entra no tecido dialógico da existência humana.

Desse modo, o tratamento das produções escritas dos alunos, analisadas à luz da visão bakhtiniana de linguagem, na perspectiva de reconhecer os conceitos de dialogismo e de polifonia confirmaram que a presença do outro é condição para que o texto exista, ou seja, nas próprias palavras de Bakhtin (1997), “é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam a outro.

Optou-se, então, por nortear a análise dos Textos 1e 2 produzidos pelos alunos participantes a partir das seguintes categorias: *Categoria 2* – Dialogismo: o diálogo entre interlocutores e *Categoria 3* – Polifonia: voz e vozes no texto.

Em se tratando de dialogismo, o gênero, a História de Vida – Texto 1 – preencheu a expectativa no que concerne à análise da linguagem em uso naquilo que ela tem de interindividual e absolutamente criativo, como uma forma de conhecer seus autores; de compreender o sentido do texto e a significação das palavras. Isto é, a relação dialógica entre sujeitos (interlocutores) na produção e na interpretação dos textos produzidos.

Foi possível constatar na análise das Histórias de Vida que o dialogismo entre interlocutores se fez presente na tessitura dessas produções escritas, nas quais são contadas experiências reais e pessoais. Observou-se ainda que os narradores ao compreenderem a si mesmo e aos outros mostram seu papel na organização da vida social e vão tecendo a construção de sua cidadania no convívio familiar e social. Assim, a palavra é entendida como ponto de partida e de chegada nas relações dialógicas.

Nos textos escritos, as lembranças vão se misturando e remetem a um grupo social (família, escola, bairro e outros), ou seja, o sujeito revela suas experiências de cidadania através da interação verbal porque o discurso não é individual. O discurso se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais.

A partir da análise do conceito de polifonia percebeu-se que nos textos produzidos se fazem ouvir vozes. Isto porque, para Bakhtin (1997), “nenhuma palavra é uma última palavra”; e toda palavra em potencial, é, necessariamente, carregada de dialogismo, parte integrante e inseparável de todas as vozes. Compreendeu-se que o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual no mesmo texto se ouvem várias vozes. Infere-se no encadeamento do texto dos alunos

pesquisados a presença de várias vozes sociais que emprestam sentido à produção do texto e as relações de poder que vão se constituindo no “dizer” do sujeito.

Entre essas vozes percebe-se “a voz do agricultor” que, pelas precárias condições da vida do campo migra para cidade; “a voz do retirante” que anda de cidade em cidade para manter o vulnerável emprego “em firmas”; “a voz do cidadão” que depois de tanta luta, consegue o sonho do “emprego” e da “casa própria”.

Nesta análise confirmou-se a teoria de Bakhtin sobre gênero polifônico quando propõe que, na polifonia, as relações dialógicas se deixam entrever por meio de muitas vozes num discurso linguisticamente materializado em texto.

Diante dos resultados das análises deste estudo, na busca de consolidar a construção da cidadania na escola, deve-se introduzir uma discussão mais aprofundada sobre “educação na e para a cidadania”, bem como da Linguagem que se realiza como processo de interação nas práticas sociais.

Para isto as instituições de ensino precisam se constituir como espaço de diálogo do saber e da cidadania e não podem mais ser em vistas como espaços estáticos, mas dinâmicos que promovam a construção de uma escola voltada para formação dos cidadãos.

Neste sentido, entende-se que o trabalho com a escrita e a oralidade do aluno no tratamento dos aspectos polêmicos inerentes às questões sociais abre possibilidades para a argumentação – *capacidade relevante para o exercício da cidadania* – porque o homem se constitui pela interação verbal e social com outros homens.

Nenhum conhecimento se esgota numa pesquisa. Acredita-se que, apesar de terem sido alcançados os objetivos, é necessário que novas pesquisas surjam, tendo, em vista que o debate aqui inserido sobre a visão de linguagem dos estudos de Bakhtin precisa ser aprofundado e divulgado entre os atores responsáveis pela construção de uma escola mais cidadã como “espaço de diálogo” na perspectiva de que a linguagem favorece a argumentação, o poder de leitura e explicação da realidade. Sem esses poderes, os cidadãos tem menos possibilidades de serem livres.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, v. 19, 1990.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Husitec. 1997.

_____. **Estética da criação verbal**. Introdução e Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fonseca, 2003.

_____. **Problema da Poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Publicado em 1996.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Contribuições de Bakhtin as teorias do texto e do discurso**. In: Diálogos com Bakhtin Faraco, Carlos Alberto orgs. Curitiba: UFPR, 2007.

_____. **Dialogismo, polifonia e enunciação**. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Questões de literatura e de estética – a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec Anablume, 2002

BITTAR, Eduardo C. B. **Ética, Educação, Cidadania e Direitos Humanos: estudos filosóficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social**. Barueri – SP: Manole. 2004.

BRAGA, Ialê Falheiros. **Os PCN e a formação escolar do novo homem: Um estudo sobre a proposta capitalista de educação para o século XXI – Dissertação do Mestrado Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.**

BRAIT, Beth (org). **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: UNICAMP, 2005.

_____. **Bakhtin Conceitos Chaves**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Bakhtin Outros Conceitos Chaves**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.**

BRASIL.. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Promulgada em 26.12.1996. Lei nº 8.394.

BRASIL. Ministério da Educação. **IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.** Assessoria de Comunicação Social. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ideb>>. Acesso em: out., 2007.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Introdução: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução PCN.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Apresentação dos Temas Transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Língua Portuguesa: Terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental.** Língua Portuguesa. Brasília; MEC/SEF, 1998

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOZETTA Paolo. **Educação e Cidadania: Quem educa o cidadão?.** São Paulo: Editora Cortez, 1993.

CABRAL, E. **O diretor de escola pública e os desafios de leitura.** Itajaí: Univali, 2000.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

COLL, C & Colomina, R. **Interação entre alunos e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cidadania, democracia e educação.** In: ALVES, Maria Leila (org.). **Escola: espaço de construção da cidadania.** São Paulo: FDE, 1999.

COSTA, Marcos Roberto Nunes, **Manual Para Normatização de Trabalhos Acadêmicos.** Monografia, Dissertação e Teses/ Costa. 7.ed. Ver. E atual. Recife: INSAF, 2007.

COSTA, Rosely Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. **Histórias de vida apontamentos teóricos.** Artigo publicado na Revista Espaço Acadêmico, n. 64, set/2006 – mensal – ISNN.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextantes, 2003.

CUNHA, Doris de Arruda Carneiro. **O funcionamento dialógico em notícias artigos de opinião.** In Gênero Textuais & Ensino, Ângela Paiva Dionísio. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

_____. Visitando a interação na obra literária. In: **Congresso Internacional Linguagem e Interação**. São Leopoldo: RS, 2005.

_____. Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskii. **Investigações: Linguagens e Teoria Literária**. V. 12, nº 2, julho de 2005, publicada em 2006, p. 103 a 114 ISS nº 104-1320.

_____. **O discurso de outrem nos estudos da linguagem pós-bakhtinianos**. Proceedings of the XI International Bakhtin Conference, Faraco, C. A. Ted. Paraná, 2004. (Isbn. 85-9043981-x)

_____. **Vozes e Gêneros Discursivos na fala e na escrita**. UFPE, Trabalho Apresentado na XIV Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste, promovido pelo GELNE (Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste), realizada em Natal, outubro, 1996.

_____. **O discurso direto como estratégia de textualidade na fala**. Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação. Natal: EDUFRN, 1997.

CUNHA, Maria Izabel da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Banco de dados. Disponível na internet. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext . Acesso em 12 de fev. 2009.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Governo do Estado de Pernambuco. **Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Recife, 2001.

FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 4 ed., Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

_____. **Trabalhando com a narrativa**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____.; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Lingüística textual: introdução**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: editora UNESP, 2000.

FREITAS, Ariadne Castilho. **O canto polifônico da sedução do discurso político.** (Dissertação em Linguística Aplicada) Taubaté, 2000.

FURLANETTO, M. M. Escrita e Cidadania: desafio político-pedagógico. In: BOHN, Hilário e Souza, Osmar (orgs.). **Escrita e Cidadania.** Florianópolis: Insular, 2003.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.

GANDIN, Danilo. **A prática do Planejamento Participativo.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder.** 4 ed. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006

_____. **Portos de passagem.** 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras ALB, 1996.

GRIESSE, Margaret Ann. Políticas Públicas, Educação e Cidadania: Um modelo da Teoria Crítica e suas implicações para a Educação Brasileira. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação.** Piracicaba, v. 19, n. 1. p. 25-41, jan./jun. 2003.

GUTIERREZ, Francisco; Prado, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

JUS, Rafael. **Temas transversais:** Em busca de uma nova escola. Tradução de Ernani da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Argumentação e linguagem.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996

_____. **A interação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Desvendando os segredos do texto.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LANDO, Amir. **Cidadania: dos conceitos à realidade brasileira**. Educação Brasileira, Brasília, v. 15, n. 30, p. 11-23, jan./jul. 1993.

LIBERATO, Rita de Cássia; SILVA, Francisco de Assis Pinheiro. **Violência e cidadania na perspectiva da população do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 1993.

MARIE, Anne Paveau; SARFATI, Elis Georges. **As grandes teorias da lingüística, da gramática comparada à pragmática**. São Paulo: Claraluz, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; Ângela Dionísio (Orgs.). Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita In: **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife (mimeo). 2000.

_____. **Gêneros textuais: constituição e práticas sociais**. Banco de dados. Disponível na internet. <http://www.scribd.com/doc/2237434/GENEROS-TEXTUAIS-E-PRODUCAO-LINGUISTICA> . Acesso em: 12 de fev. 2009.

_____. **Linguística de Textos: O que é e como se faz**. Séries Debates 1. Mestrado em Letras e Lingüística – UFPE, 1983.

MARCHALL, F. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MAZIÉRE, Francine. **A Análise do discurso história e prática**. São Paulo: Parábola, 2007.

MESERANI, Samir. **O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. V. 1 e 2. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NOAD, Fernandes Mouhanna, O ensino-aprendizagem na produção de textos na 5ª série do Ensino Fundamental: análise do processo e do produto. **Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada**. Universidade Estadual de Maringá, 1999.

OLIVEIRA, Maria das Graças Bento Gonçalves; EFKEN, Karl Heinz. Linguagem e cidadania nas narrativas dos sujeitos na escola urbana. *In: Anais do I Colóquio de estudos da linguagem sobre linguagem como prática social: fronteiras e perspectivas*. Natal: UFRN, 2007. I CD-ROM Windows XP

OLIVEIRA, Maria das Graças Bento Gonçalves; GONDIM, Auricélia de Carvalho; AGUIAR, Marígia Ana. Memorial de formação: gênero textual do posto para o proposto nas vivências dos estagiários do curso de Pedagogia. *In: Anais do I Simpósio Nacional de Leitura* _____. João Pessoa: UFPB, 2007. I CD-ROM Windows XP.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e educação**. 8 ed. São Paulo: Editora Contexto. 2003.

RAMOS, Roberto Carlos. **A arte de construir cidadãos. As 15 lições da pedagogia do amor**. São Paulo: Celebri, 2004.

RIBEIRO, Paula Adriana. **Mega estudante cidadão**. São Paulo: Rideel 2004.

ROBINS, R. H. **Pequena História da Lingüística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnica S/A.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; Carlos Luiz Gonçalves. **A clara e a gema: o viver na Escola e a Formação de Valores**. São Paulo: Edesplan, 1998.

SAPIR, Edward. **A linguagem: Introdução ao estudo da fala**. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1971.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 2000(Série temas literatura e sociedade v. 20).

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Tradução de CHELINI, A; PAES, J. P.; BLIKSTEIN, I. São Paulo: Cultrix, 1969.

SHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas. São Paulo: Mercado de Letras, 2004

SILVEIRA, Elisabeth. **Aluno entende o que se diz na escola**. 7 ed. Rio de Janeiro. Danya, 1997.

SPINILLO, Alina Galvão; Glória Carvalho; Telma Avelar. **Aquisição da linguagem teoria e pesquisa**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1993.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre histórias de vida em formação**. Bando de dados. Disponível na internet: www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=6864.type=p.10k

SUASSUNA, Livia. **Ensino de Língua Portuguesa Uma Abordagem Pragmática**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2002.

TCC nº 04/2006. **Ética e Cidadania: valores Transformadores da Convivência Pessoal e Social**. Biblioteca/FACHUSC. Salgueiro - PE.

TCC nº 08/2006. **Laboratórios de Relações Humanas na Sala de Aula**. Biblioteca/FACHUSC Salgueiro – PE.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento – projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2006.

_____. **Coordenação do trabalho pedagógico – do trabalho político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Libertad, 2007.

VASCONCELOS, G.A.N.(Org.) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A,2000

VOLOSHÍNOV, MEDVELV. **Introdução à teoria do enunciado concreto de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2002. Trad. Geraldo Tadeu Souza

VOLOSHÍNOV, V. N, BAKHTIN. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (Sobre Poética Sociológica)**. Publicado em 1926. Trad. Faraco

VILANI, Maria Cristina Seixas. Cidadania moderna: fundamentos doutrinários e desdobramentos históricos. **Cadernos de Ciências Sociais**. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-64, dez. 2002.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Educação e cidadania. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, ISSN0101-6628, Ano 20, n 62(mar/2000), p.156-167.

APÊNDICE A
ENTREVISTAS

Sujeito Entrevistado n° 1

Data: 09/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 13 anos

Escola A

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE1: *Assim, pra mim ser cidadão, é uma pessoa que não viva só pra você, viva assim, também, pra ajudar os outros, viver bem pra ajudar os outros, não viver pra você, não ser muito convencido, viver ajudando os outros.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE1: *assim no ano, às vezes, faz projetos, muitas atividades na sala de aula, grupos para apresentar e projetos dentro da sala de aula e chama as outras salas para ver o projeto que a sala faz.*

P: Quais são esses projetos?

SE1: *De arte, mostrar a arte dos alunos, educação, relatar fatos de passado, pra quem não sabe muita coisa do passado, retrata coisa muito antiga, pra que saiba mais como é que isso é.*

P: Você participa dessas atividades?

SE1: *Às vezes participo, assim até por condições financeiras a gente não participa, às vezes tem que comprar coisas, assim, tipo camisa, pagar pra ajudar os grupos e outras coisas.*

P: Quais são essas atividades que tem necessidades de comprar camisa?

SE1: *Porque já... A camisa pra mostrar o grupo, qual é o grupo mais organizado, mostrar o grupo qual é, porque quando é um projeto de todas as salas, cada sala faz sua camisa, pra que saiba dividir quais são.*

P: Como é o nome desse projeto?

SE1: *Eu não lembro direito, assim, não, porque o último projeto foi o ano passado, eu não lembro direito não o projeto. Ah! Tem uma disciplina agora nova que chegou é Educação, Cidadania e Direitos Humanos, uma nova disciplina que passou a ser conhecido esse ano, a professora é muito legal, ela mostra os tipos de cidadania que existe, mostra os direitos humanos, os deveres e outras coisas, as aulas são na quarta-feira, quarta e quinta aula.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE1: *Assim às vezes a gente sente raiva dos moradores porque a gente fica brincando de bola e eles não querem respeitar, o campo é longe e eles quer que nós vá, não quer que a gente fique brincando no meio da rua. Tem a quadra da Escola, ai às vezes a gente vem e Seu Lucas não ta aqui na Escola, ai nós fica brincando no meu da rua e eles ficam brigando com a gente.*

P: O que mais os moradores fazem que não é considerado cidadania?

SE1: *Às vezes pro exemplo: jogam lixo no meio das ruas, quebram as "coisas" e não tem respeito, assim, pelos mais velhos.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE1: *Gosto de muita amizade, gosto de andar em grupo pra todo canto que eu vou, não ando só, ando mais com meus amigos e às vezes eu também ajudo também a cidadania aqui do bairro.*

P: O que é que você faz para ajudar a cidadania do bairro?

SE1: *Assim, às vezes, participo, aqui de projetos que tem na Associação, como "Canta COHAB" que tem aqui na Associação de moradores aqui na COHAB e outras coisas.*

P: Que outras coisas?

SE1: *Não, não lembro assim, faz tempo...*

Sujeito Entrevistado nº 2

Data: 09/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 16 anos

Escola A

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE2: *Pra mim é respeitar os outros, ajudar as pessoas que necessitam, ser mais próximo de todos, menos daqueles que querem fazer coisas ruim com a gente, ajudar mais as pessoas que precisam de coisas, não é? De alimentos.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania?

SE2: *Ensinar as atividades desenvolvidas pela Escola, papel, essas coisas, no lixeiro. Não deixa agredir os outros, ensina também, respeitar os pais e as mães, não brigar com eles e com os colegas da sala de aula. Tem uma nova disciplina, agora, que é "Direitos Humanos e Cidadania" que ensina a respeitar as leis da cidade, respeitar os outros, ensina o que é ser cidadão também.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE2: *É as brigas que tem de vez em quando, aí nos bares, como ontem mesmo, teve o aniversário do meu irmão, aí a mãe de uma menina foi chamar ela porque teve uma briga, aqui nessa rua mesmo e disse que um homem que tava atirando pra cima com um revolver, andando de moto.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE2: *Respeito os outros, não chamo aqueles palavrões e também não jogo lixo no chão, tem hora que eu tou com papel, não vejo nenhum lixeiro, eu boto no bolso e depois jogo.*

Sujeito Entrevistado nº 3

Data: 09/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

Escola A

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE3: *Respeitar o próximo, cobrar seus direitos e participar de toda sociedade.*

P: Quais são os direitos que você acha que o cidadão deve cobrar?

SE3: *Direito à educação, à saúde e....O respeito.*

P: E quais são os deveres do cidadão?

SE3: *Interagir com a sociedade e ajudar a todos que tiverem necessitando.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE3: *A gente faz trabalhos, debates e entrevistas com o restante da sociedade, só que às vezes, a gente vai de casa em casa perguntando todo o texto... O tema.*

P: Quais temas vocês já trabalharam?

SE3: *Drogas, AIDS e Esportes*

P: Lembra de mais atividades voltadas para o exercício da cidadania?

SE1: *Tem "Educação, Cidadania e Direitos Humanos", a professora passa vários trabalhos sobre o que é cidadania e faz debates na sala com o restante da turma... Participo dos trabalhos que são feitos de vez em quando em Educação Física.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE3: *Destruir os patrimônios públicos e deixar de respeitar os outros e jogar lixo em locais proibidos.*

P: O que é destruir patrimônio público?

SE3: *Destruir o orelhão e arrancar as pedras do calçamento.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE3: *Eu participo da Educação da Escola, ajudo minha mãe em casa e evito ta saindo com má companhia.*

Sujeito Entrevistado nº 4

Data: 09/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 13 anos

Escola A

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE4: *Acho assim: ajudar o próximo, ajudar a quem precisa colaborar com aquelas pessoas. Assim, porque tem gente que encontra o bêbado e fica xingando, chutando, cuspidando, não ajuda levar pra casa ou avisar ao pai ou a mãe. Assim, ajudar os outros. Eu tenho que respeitar os outros para que os outros me respeitem e também, assim, não procura saber da vida de ninguém para que ninguém queria saber da minha.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE4: *A diretora, ela sempre procura ajudar, a falar com aqueles que, assim, a gente ver que realmente não quer nada com a vida, mas ela tenta ajudar, para que eles criem interesse nas aulas pra não bagunçar e ela sempre tá conversando com a gente pra não ser um mau aluno e quando tem algum aluno, assim, na escola, bagunceiro, ela senta e chama pra conversar. Não fala nada na frente do povo, chega e chama no canto, lá na secretaria e conversa com aquele aluno pra ver se realmente ele tem alguma coisa.*

P: Além dessa forma respeitosa da Diretora dialogar com alunos sobre as atitudes deles, que outras atividades a escola promove para desenvolver a cidadania?

SE4: *Tem sim. Os grupos de dança, quadrilha, xaxado e teatro, dança afro-reggae.*

3 - Atitudes anticiudadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticiudadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE4: *Acho que os fofoqueiros da vida alheia, procurando saber da vida alheia, procurando saber da vida dos outros. Sempre têm uns que ficam nas calçadas*

e vê a hora que a pessoa saí, a hora que pessoa chega pra sempre ta informando um informando ao outro.

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE4: *Assim, eu sempre respeito as pessoas, não falo com ignorância, falo no tom certo. Mas, se vier com ignorância... aí... também vou na ignorância. Mas, eu quero ser uma pessoa legal. Quando chego na sua rua, falo com todo mundo.*

Sujeito Entrevistado nº 5

Data: 11/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 16 anos

Escola B

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE5: *Cidadão... Bem simples. Simples, não. Vamos dizer que seja difícil dizer o que seja um cidadão, hoje. Porque nos dias de hoje pra ser cidadão tem que ser batalhador na vida e lutar pelos seus objetivos e nunca desistir daquilo que você quer e sempre tem que ir em frente. Isso é que é ser cidadão bem forte na sociedade.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE5: *Aqui na Escola tem várias atividades. Pela manhã aqui, para aqueles que não quer ficar em casa sem fazer nada, a biblioteca é aberta. Pode vim pra cá jogar jogos educacionais que tem aqui. Ler livros, informática e tem também o Grêmio Estudantil que move mais o estudante. No dia da votação estava todo mundo, aqui, pra que fosse do gosto de todos os alunos, pra que ninguém ficasse com reixa. Certos!*

P: Você sabe o nome do Grêmio Estudantil?

SE5: *Grêmio Estudantil Edson Lima. Inclusive eu sou o presidente do Grêmio. É o primeiro mandato, a primeira diretoria.*

P: O nome Edson Luiz é homenagem a quem?

SE5: *A um jovem que morreu, que foi arrastado, mataram ele. Deu em toda televisão a morte desse jovem. Isso chocou muito a juventude. Foi um escândalo grande aquilo ali para mim.*

P: Qual a atuação do Grêmio para que o aluno venha de fato conquistar sua cidadania?

SE5: *A diretora chegou pra mim e disse, aqui nessa escola o direito é igual para todos, ninguém é melhor que ninguém, ou seja, todos os alunos aqui. Qualquer errinho que o aluno pensa que tá errado, ele chega pra mim e diz: SE5: isso e isso e isso ta errado. Eu chego à diretora, falo com ela e ela tenta resolver o problema. Eu sou delegado do Orçamento Participativo e participo de várias conferências aqui dentro de Salgueiro.*

P: Fale dessa experiência de ser delegado do orçamento participativo?

SE5: *O delegado! Eu falo muito mais do que alguns adultos que têm medo de falar, ou seja, porque lá nas reuniões são gente assim de 30 anos. Aí olha pra mim e diz: "Oxente! O que é que aquele garoto quer aqui". Mas, enquanto ele pensa que eu sou um garoto, eu tô de olho atento na sociedade e vejo o que é que ta acontecendo. Tudo. Não é só no meu bairro, mas em qualquer lugar da cidade e tô lutando por isso.*

P: Que ações você já conseguiu propor e foram aprovadas no Orçamento Participativo e trouxe mudanças para vida dos moradores do bairro?

SE5: *A minha rua, onde eu moro, precisa do saneamento, só que vi se a gente podia conseguir o calçamento, ou seja, podia se juntar os moradores e vamos lá. Vai ter uma reunião do Orçamento Participativo. Vamos todo mundo. Vamos votar e nossa rua vai ser prioridade pra calçar. Calçando, sai saneamento. Lutamos juntos. Falei disse como é vida e a rua logo foi calçada. E até hoje lá na Prefeitura me conhece por causa dessa luta que eu fiz. Agora, a prioridade é quadra do meu bairro que está destruída. Aí já estamos lutando pra revitalização da quadra que tá em terceiro. Mas, todos os jovens do bairro, já tá todo mundo se movimentando pra próxima reunião conseguir colocar em lugar a revitalização dela.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro onde você mora?

SE5: *Uma atitude que eu não considero como cidadã é você tá sujando seu bairro, o papelzinho joga no meio da rua. Fica de manhã, a manhã todinha, o varredor limpando tudo, quando volta tá tudo sujo de novo. Isso eu considero anti-cidadã, e também moradores tá brigando por causa de criança. Briga agora por causa de criança, quando é depois as crianças estão juntas de novo.*

4 - Exercício da Cidadania

P: **O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?**

SE5: *participo de vários movimentos que tem, não só de juventude, pode ser de adulto, eu quero tá sempre no meio, sempre debatendo, porque também sou cidadão e também tenho direito, como se diz no Programa da Rádio: o cidadão tem vez e voz. Isso é o que eu faço, eu tenho minha vez, eu tenho minha voz, quem fala, eu baixo, depois dou minha opinião.*

Sujeito Entrevistado nº 6

Data: 11/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 18 anos

Escola B

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE6: *Eu acho que... Assim, ser cidadão hoje em dia é ter respeito com as pessoas, saber viver. É ser honesto, respeitar as pessoas. É... cidadão é só isso.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola Dr. Severino, que você considera voltadas para o exercício da Cidadania e de quais atividades você participa?

SE6: *Primeiramente é o recreio, não é? Que tem coisa pra gente brincar aqui, tudo. Tem aqui na biblioteca, que tem o jogo de fubica, tem a quadra, tem o nosso teatro aí que a gente pode fazer alguma coisa, jogar bola. Tem a quadrilha, tem o lanche escolar. Participo da quadrilha.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE6: *É o seguinte: o povo senta na calçada pra falar da vida dos outros, um quer brigar com o vizinho. Sem respeito!*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE6: *Eu estudo, pratico exercício, respeito as pessoas, participo de algumas atividades que a escola propõe, não sou violento, não fumo, não bebo. E... eu queria dizer que cidadania, não é só assim, não é só classificado por atividades, é saber falar com os outros, respeitar e tudo.*

Sujeito Entrevistado nº 7

Data: 09/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 15 anos

Escola B

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE7: Pra mim cidadão significa ser uma coisa... que dependendo de nós é boa, ser cidadão. Cidadão, mesmo, precisa de oportunidade e mais conhecimento. Só isso.

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania, das quais você participa?

SE7: Dá oportunidade de a gente participar de alguma que tem na escola, como, danças, esporte e outras coisas... aqui na Escola um dia teve uma reunião pra gente participar do "Dialogando com a Juventude". Aí eu tive a oportunidade e fui. Era de jovens de várias cidades: Recife, Petrolina... Foi no mês de julho.

P: Você participa do Grêmio Estudantil?

SE7: Não. Meu irmão participa mais eu não, mas eu não.

3 - Atitudes anticiadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticiadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE7: É que eles não têm respeito, convivências com outros senhores de idade... Só lembro disso.

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE7: Eu tenho muito orgulho de ser cidadão, de ser Salgueirense.

P: E o que você faz para conquistar sua cidadania?

SE7: Quando eu tenho oportunidade, eu luto , faço tudo pra conquistar.

Sujeito Entrevistado nº 8

Data: 11/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

Escola B

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE8: *Ajudar um ao outro, não jogar lixo em terreno baldio, ser amigo. Só que hoje não tá sendo assim. Ninguém tá se respeitando. É o que eu acho.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE8: *Aqui tá tendo grêmio estudantil, eu sou representante de sala, o presidente é SE5 professores ensinam na sala como se deve respeitar os outros. O presidente do grêmio tá pensando em fazer campanhas.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE8: *No meu bairro. Assim, os vizinhos não se respeitam, todo dia tem uma briga, jogam lixo na casa do outro. Só fazem isso lá.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE8: *Não sei...*

P: Você não se lembra de nenhuma atitude sua para conquistar a cidadania?

SE8: *Não sei.*

Sujeito Entrevistado nº 9

Data: 09/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 14 anos

Escola C

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE9: *Cidadão pra mim é, assim, viver na sociedade. Eu acho. Viver em ambientes que haja assim muitas pessoas que se unam. Não assim que estejam intrigados. Assim que vivam com prazer de viver em ambiente de gente limpo, onde hajam muitas pessoas assim, solidárias. É ter uma vida melhor, conviver em lugares ambientes, lugar de muita gente, viver com pessoas que tenham respeito, que tenha assim, carinho de viver um aos outros. Exemplo: ficar unido, como nós estamos aqui, sem intriga, sem violência. Hoje o mundo está tendo muita violência.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE9: *É... me deixa ver... O ensino é assim bom, que tem muita qualidade, o ensino é assim. As festas também que ocorre na escola e boa. O convívio de todos nós aqui. Não tem assim intriga, não tem raiva, todo mundo assim unido, e a escola sempre procura a gente se unir mais, não tem intriga, se ocorre, assim, em caso de coisa errada, liga pros pais, e nós também sempre participamos de tudo da escola. E também o ensino é bom.*

P: Quando você diz participamos de tudo na Escola, quais as atividades que ajudam de fato na formação de sua cidadania?

SE9: *A "Feira de Ciências" é uma campanha que teve aqui também. Como é? "Pelo Resgate a Vida" que era sobre meio ambiente, que era falando sobre, não jogar lixo nas ruas. Nós fizemos até uma caminhada na rua.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE9: *É jogar lixo nas ruas. Eles jogam! Falta de respeito por umas pessoas lá. Assim, não só as crianças, mas, também tem gente assim grande que não tem. Exemplo: só porque eu joguei lixo na rua vem com piadinha, com coisa. É não tem a certeza, não tem a consciência do que ta fazendo, de tá jogando lixo na rua. É poluindo o ar.*

4 - Exercício da Cidadania

P: **O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?**

SE8: *Eu acho assim: o respeito entre todos não só do bairro, mas da cidade toda. Exemplo: o convívio, o respeito.*

P: **E o que você faz de fato para conquistar sua cidadania?**

SE8: *Ser ético tem haver com tudo de bom, respeito, amor, convívio entre as pessoas, cuidar do ambiente.*

Sujeito Entrevistado nº 10

Data: 09/06/2008

Sexo: Masculino

Idade: 14 anos

Escola C

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE10: *Significa respeitar, conviver na sociedade respeitando as leis, a natureza, a cidade.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania, das quais você participa?

SE10: *Assim: eu participo de todas as atividades. Tem uma atividade que é: jogos que são coletivos, pra gente aprender a viver com o próximo, respeitando. Tem as atividades, por exemplo, o São João que a gente vai ser em dupla, convivência. Até mesmo as dinâmicas que as professoras fazem em grupo, têm também as gincanas que mistura todos os alunos, porque a convivência mais comum é os alunos da própria sala, mas a gincana faz com que a gente se aproxime mais.*

3 - Atitudes anticidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticidadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE10: *É jogar lixo nas ruas. Tem muita gente que, por exemplo: tem uns vizinhos lá de casa que ele tem a mania de em vez dele jogar no lixo ele vai botar lá na frente da casa dele, jogar lá, ai fica acumulando lá e fica fedendo. Incomoda som alto, o povo que fica bagunçado, passa na frente da casa, toca campainha e corre, isso ai é incômodo.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE10: *Vou ser bem sincero, de vez em quando eu faço algumas. Mas de vez em quando eu ainda joga lixo, porque não tem uma lixeira pra gente jogar o lixo por perto, ai ta longe eu não vou lá. Mas eu tenho tento respeitar as leis de*

casa, da escola, do bairro, tento não jogar lixo nas ruas, mas às vezes não tem como, tento ser uma pessoa que respeita muito as outras pessoas.

Sujeito Entrevistado nº 11

Data: 09/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 13 anos

Escola C

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE11: Assim pra eu ser cidadão é viver em sociedade respeitando as diferenças com os outros. Acho que ter consciência do que a gente faz.

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE11: Foi "*Pelo Resgate a Vida*", que era para preservar o meio ambiente, assim, antes eu nem ligava, jogava papel no chão e agora penso duas vezes antes de agir.

P: Você não se lembra de outras atividades?

SE11: Não

3 - Atitudes antecidadãs no contexto

P: Que atitudes você considera antecidadãs na convivência dos moradores do bairro onde você mora?

SE11: *Sujar o meio ambiente, passar muita hora com o som alto, não respeitando a hora, isso acontece muito na minha rua. Outro caso também, um menino atropelou outra pessoa não respeitando as crianças no meio da rua.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE11: *Eu respeito, eu ajudo os outros, como já falei, eu respeito às diferenças dos outros, de portador de deficiência física, mental, não tenho preconceito. É isso.*

Sujeito Entrevistado n° 12

Data: 09/06/2008

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

Escola C

1 - Cidadania

P: Para você o que significa ser cidadão, hoje?

SE12: *Bom! Pra mim o que significa ser cidadão é todo aquele que ajuda a sua comunidade em que vive, que coopera com as necessidades da sua sociedade e que interage com ela ajudando para o bem, tanto o seu próprio bem como o bem da comunidade ao todo. Eu considero, assim, eu acho, eu acho não, eu tenho certeza que tudo que eu faço não só favorece a mim, mas também como a comunidade em um todo.*

2 - Atividades Desenvolvidas na Escola/Manifestação da Cidadania

P: Quais as atividades desenvolvidas pela Escola, voltadas para o exercício da Cidadania das quais você participa?

SE12: *Não só a Lorena, mas várias escolas praticam. Tem como tá havendo agora os jogos que de certa forma interage as escolas entre si e leva os alunos a participarem também, incentiva não é? A semana do Folclore, São João, Dia das Mães. A todas essas não só as datas comemorativas, mas, todas as atividades que envolve de certa forma que fazem os alunos, professores e pais não só da escola, mas, com a comunidade interagirem entre si, acho que é uma forma de, com a atividade que a escola pratica que é voltada pra sociedade, das quais eu participo. Esse ano particularmente eu não tô participando de nenhuma, mas, por que tô me voltando mais pra o lado dos estudos, mas eu sempre participei. Até o ano passado eu não tinha tanta responsabilidade como tenho agora, eu sempre participei.*

P: Além das comemorações a escola desenvolve, outras atividades voltadas para formar sua cidadania?

SE12: *Visitas aos locais, como, viagens que a gente faz a museus ou casa de cultura ou algo assim, e aula de campo.*

3 - Atitudes anticiudadãs no contexto

P: Que atitudes você considera anticiudadãs na convivência dos moradores do bairro?

SE12: *Acho que a falta de respeito uns com os outros, e o isolamento de si mesmo. Preconceito, às vezes, com deficiência ou alguma coisa do tipo, não respeitar as leis do bairro. E, não só, não respeitar as leis do bairro em si como também uns aos outros. Vamos supor, questão dos lixos nas ruas, é os esgotos.*

4 - Exercício da Cidadania

P: O que você faz, de fato, para que venha a exercer sua cidadania?

SE12: *Bom, eu acho que, é assim, em relação a tudo isso que eu falei agora. Eu costumo respeitar sempre as pessoas que vive ao meu redor, ou seja, o restante da comunidade. Eu procuro fazer o máximo pra não ter relação de briga, ou alguma coisa assim do tipo. E resumindo, eu procuro está sempre de acordo com as leis da comunidade e do local onde se vive.*

APÊNDICE B
TEXTO 1 – HISTÓRIAS DE VIDA

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM1 – 13 ANOS – ESCOLA A

Título: Vida de ALTOS E BAIXOSData: 08/07/2008

Minha mãe morava no bitio, o meu pai também, quando se conheceram não tinham condições de vida, pois viviam do plantio da colita quando se casaram a vida não mudou nada, depois de quatro anos meu pai se empregou em uma firma onde tivemos que se mudar para a cidade onde a firma ficava meu pai foi e nos ficamos mas logo após 2 meses tivemos que se mudar também moramos em poulo ozeno-BA por quase um ano. Depois meu pai foi dispensado tivemos que voltar para Balqueira assim que voltamos o pai da minha mãe morreu, ficamos bem mais apertado.

Continua

na vida mãe e pai desempregado
 minha mãe também, meu avô
 morreu pois não tínhamos
 mais terra para plantar, ~~o~~
 então vai e um pouco de dinheiro
 então e finalmente meu pai se
 empregou como ~~morar~~ em petro-
 línia ~~mas~~ moramos por lá
 e então mãe e pai desempregado
 outra vez então para resolver
 isso onde meu pai conseguiu
 comprar uma terra para plan-
 tar e assim moramos novamente do
 plantar e depois vários no
 plantio meu pai conseguiu
 comprar um emprego onde
 eu e minha ~~vida~~ e
 minha família mudamos de
 vida onde não moramos ma-
 is de aluguel e meu pai con-
 seguiu comprar uma casa e
 finalmente saímos do aperto.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM2 – 16 ANOS – ESCOLA A

Título: A minha vidaData: 08/07/08

A minha vida é de muita alegria desde quando eu nasci, eu passei várias coisas que eu nunca nem imaginei. Parei por uma alegria tão grande que meu pai me fez, quando ele chegou de São Paulo eu tinha 13 anos e eu fiquei feliz depois que ele viveu por ter passado 2 anos fora de casa ele fez algumas coisas certas mulheres, que diga que tinha em filho dele e ele foi, deixando o meu primeiro nos 3 filhos e a sua mulher que ele amava tanto, eu me não sou e não me não nunca parei por ser uma dificuldade porque ele trabalhava e me ajudava ele nunca parei em ser uma vida assim, desde que eu nasci eu vou trabalhando mais a minha mãe.

Na minha vida eu nunca parei por

Continua

como tristesos, porque eu nunca fiquei triste

dentro vida que de momentos alegres, até hoje eu vivo alegre com a minha família, que me ajuda muito nas coisas que eu preciso, desde do meu tempo de criança minha família me ajuda e eu fico muito feliz por isso e não quero nada que eu esteja procurando de uma opinião eles me ajudam. e hoje eu quero que eu queira na terra que eu não tenho nada para fazer.

Eu vivo como qualquer adolescente com muita alegria.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF3 – 14 ANOS – ESCOLA A

Título: A história da minha vida

Data: 08/07/08

Em uma família com quatro irmãos eu fui o segundo a nascer, antes de mim, nasceu meu irmão que tinha vários problemas de saúde e acabou indo ao hospital e minha mãe não tinha com quem me deixar e por isso também me trouxe. Por esse motivo eu tive alguns problemas de saúde.

A minha família não tinha condições financeiras para comprar uma casa de alvenaria, então minha mãe e meu pai resolveram construir uma casa de alvenaria muito pequena, que meu pai, a minha mãe, meu pai, meu irmão e eu.

Alguns meses depois minha mãe engravidou de minha irmã e após meu nascimento, com mais dois anos depois ela teve sua última gravidez.

Com um ano depois eu e toda a minha família nos mudamos para a zona urbana

da cidade.

Antes que chegamos aqui minha irmã adoeceu, ela teve meningite, e teve que viajar para Recife onde ela e minha mãe passaram quase um mês. Durante esse período eu e os meus outros irmãos tivemos que ficar em casa com o nosso pai e a nossa avó.

Depois disso nós nos mudamos para morar aqui na cidade onde moramos até hoje. Com alguns problemas mas ~~eles sempre~~ não resolvidos.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF4 – 13 ANOS – ESCOLA A

Título: Em minha vidaData: 08/07/2008

Eu quando tinha 6 anos meu pai se separou de minha mãe eu sofri muito por que eu era muito apegada a ele, eu tive varias crises de nervo eu entrava em desespero que eu chegava a mim escondendo em baixo da boca de meu irmão, minha mãe ficava preocupada com mim mais na verdade ela não podia fazer nada o que ela podia fazer por mim era so tentar me acalmar.

Para eu mim acostumar a viver sem a presença de meu pai foi dificil mais as poucas fui mim acostumando minha mãe também sofreu muito ela entrou em depressão e meu irmão na época so tinha 7 meses minha mãe teve que cuidar de mim, minha irmã e meu irmão sozinha ela teve que fazer o papel de pai e de mãe para nos criar e até hoje ela faz o papel de pai e de mãe porque minha mãe sem ela é uma pessoa batalhadora, guerrera e

que até hoje ela se esforça e faz de tudo para conseguir terminar de criar eu e meus irmãos e conseguir aquilo que ela ~~quer~~ e nos mais quer, que é meu pai voltar para casa.

Minha mãe ela sempre lutou para conseguir nos criar e conseguiu por que ela é uma pessoa esforçada trabalhadora que nunca teve vergonha de trabalhar desde seus 9 anos de idade que ela trabalha para conseguir o que quer.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM5 – 16 ANOS – ESCOLA B

Título: A HISTÓRIA DE UM NENECINHO

Data: 08/07/08

Minha mãe mostrava em um ritmo cansado de ir buscar o pai de minha irmã em lugares inadequados dos Povo Unidos e adotivos, Ele pela manhã tinha o hábito de sair para tomar o café da manhã, ele maltratava muito minha mãe, ela dizia que não aguentava mais a vida solteira até que morreu, eu moro com os meus avós e lá morava ela com o meu pai e então minha vida não tem no mundo.

Eu sabia que minha mãe tinha medo de falar a verdade não tinha medo de falar a verdade, mas ela não queria que minha mãe viveria com meu pai pois ele era um criminoso o tempo foi passando e morava com eles até minha mãe ~~decidiu~~ decidiu dar eu para outra família mas minha mãe ~~me~~ tinha eu como um filho e mãe dizem que isto aconteceu.

Aos 7 anos de idade eu tinha que trabalhar latindo nas festas, eu vivia a noite a noite de Trine de Trine trabalhando as latas no outro dia não me

Continua

Tia tinha direito por um mês e meio nas aulas de inglês a noite anterior, todo sábado e ela ia para a feira livre Pamban vendendo no chão e na semana ela ia para a feira de feijão para onde ela ia de ônibus e ela saía de 5:00h da tarde isso sem almoçar, ela já foi atendida para ir para o caminhão dos ônibus mas ela me disse que ela não queria ir porque ela não queria mais ir para um trabalho para tomar para sua vida.

Meu avô nos manobras das vezes chegava em casa bêbado e ele sempre batia em mim mas eu já ficava de olho na rua para quando ele o avista-se e ele se dá conta de que ele da cama ou então para a casa de minha irmã e ela não sentia mais nada.

Então minha tia foi mais longe como era o mundo lá fora e não levando para a cidade se, para encontrar de trabalho e muito mais e ela sempre se encontrando mais e mais de sua vida meus parentes mesmo quando minha mãe foi mais longe de mim e o meu pai faleceu.

Hoje aos 16 anos eu sou ~~de~~ delegada do O.P.: organismo participativo, já foi para a Assembleia Estadual e municipal e de Juventude e já sou presidente do Vôlei da escola.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM6 – 18 ANOS – ESCOLA C

Título: Meu sofrimento não foi poucoData: 08/07/08

Oi meu nome é Janio minha vida é contada que eu levei na minha infância foi uma vida que só eu mesmo sei explicar. Já passei por muitas dificuldades mas nunca pisei em derê em mim mesmo.

Eu logo morava em uma pequena casinha que nos tempos de chevas eu e minha família rezava o tempo inteiro comedo de minha casinha que meus pais com um grande sacrifício eles conseguiram levantar para mim dar esta moradia. meus colegas ficavam o tempo todo mangando que eles tinham uma boa casa eu ficava muito triste mas meus pais falsavam um dia nós conseguimos mudar mas um pouquinho. meu pai não tinha nessa época um bom trabalho mas um dia ele conseguiu começar a comprar aos poucos e foi nos dando uma casa mais segura mais meu sofrimento não foi só este acontecimento e esse fato.

Continua

Eu gostava muito de ir à roça mas o meu avô ele tinha um cavalo que eu ia montado.

Também lá na roça de meu avô eu pegava muitos passarinhos que gostava de criar. Colhia palhas de Coqueiro para fazer gaiolas.

quando chegava da roça mais meu avô minha mãe já está com a comida pronta mas em alguns dias tive que abandonar meus costumes que gostava muito de fazer e comecei a estudar. certo que era uma Escolinha pequena e no mesmo bairro em que eu morava além de ser uma escola pequena eu consegui fazer grandes amizades sim de um pequeno eu mesmo fiz um grande que eu era um menino calado e não brigava com os meus colegas mas só que alguns colegas não queria que eu fosse além de onde eu queria.

Quando cheguei na 3ª série alguns colegas me incentivaram a eu deixar a meus estudos eu como era um menino bostinha não sabia o como a vida era fui cair na ilusão matava aulas todos os dias chegava ao final do ano tinha muitas faltas e notas ruins.

minha mãe já não mijm. Aquenta eu comecei a entrar na malandragem que meus colegas me levaram para onde eu não sabia já estava perdido desse mundo onde estava indo mas não conseguia sair. minha sorte que minha mãe saiu desse bairro e comecei a ser o mesmo menino que eu queria ser antes.

No ano de 2000 dos meus 10 anos de idade comecei a entender como levar a vida de um cidadão trabalhava algumas vezes quando tinha ganhava rancharia e dava a minha mãe já era alguma coisa para lhe ajuda-lo.

Comencei a estudar de verdade aprendi muito para ir à escola pensei numa vida digna para mim hoje faço o 8º ano que eu lutei e estive tentando conseguir levar meus estudos para garantir um bom emprego hoje não tenho um bom emprego mas não vou desistir de meu sonho ninguém dessa vez vai me atrapalhar que eu já sei como a vida tem que ser para quem sabe entender como ela tem que ser vivida.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF7 – 16 ANOS – ESCOLA B

Título: Minha Infância

Data: 08 de julho de 2008

Sou Juliana e vou contar um pouco de minha história. Sou uma menina que passei por várias coisas na vida, eu nunca dei e jamais irei deixar de acreditar em meus sonhos. Eu morei e nasci na cidade de Salgueiro-PE, bem quando eu era pequena fazia várias aventuras como brincar, passear, se divertir e etc... eu adorava muito brincar de escolinha com minhas colegas, e eu era a professora, e adora as histórias de branca de neve, a Cinderela, pinoquio, chapeuzinho vermelho, pooh, a bela adormecida e etc... morei com meu pai e mais

Continua

cinco irmãos. Com 9 anos de idade já costumada a ficar em casa, não sairia mais porque meus pais não deixavam, não iria mais passear só e nem com os amigos, minhas aventuras passou a ficar sendo em casa. Depois que ganhei outra irmãzinha eu dei dela furta com minha mãe ~~até~~ seu nascimento até 6 anos de idade, hoje ela tem 13 anos e eu tenho 15 anos,

Comecei a estudar com 7 anos de idade, estudei 4 anos numa escola em minha rua, depois fui para outra escola fazer a 5ª série porque na escola que eu estudava ^{antes} não tinha a 5ª série, fiz a metade da 5ª série em uma escola depois me mudaram para outra que construíram no bairro onde eu morei, para terminar de ano e lá fiz a 6ª, 7ª e agora a 8ª.

Hoje tenho 15 anos faço 8ª série na escola Dr. Serenino Alves de Sá e estou uma oportunidade de fazer parte do PETI como participante do PRO-FOVEM que é de 15 a 17 anos.

Bom! e aqui ficou um pouco de minha história.

FIM...

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF8 – 13 ANOS – ESCOLA B

Título: Minha vida é uma comédia.

Data: 08/07/2008

Minha mãe é uma pessoa super bem humorada, me deu todo carinho e atenção que uma filha precisa. Mas também me deu bronca quando eu errei, e quando erro na verdade.

Na minha infância eu ~~era~~ fui muito feliz, os meus primeiros passos pelo ~~o~~ que eu fizerei sabendo, foi a minha falecida tia que me segurou, que pegou em minha mão pra eu não cair. Eu vivi a maior parte da minha vida com a minha avó paterna que infelizmente foi morreu de um grave acidente que a tirou de mim, isso foi uma das maiores perdas da minha vida.

O meu primeiro ano de escola foi ruim no começo, mas depois me acostumei, mais a vergonha continuava a mesma, não tinha nenhuma amizade, aí apareceu Roberta que até hoje

Continua

me acorpenha. A todo momento da
minha vida na alegria na tristeza.

A minha avó materna é uma pessoa
super-legal me ajuda muito ~~de~~, nas
coisas que eu preciso.

A minha tia, que pode-se dizer amiga
está com umigo em todos os momentos
q/ eu preciso.

Hoje tenho meus 13 anos, to comemorando
junto com uma pessoa que eu amo muito
e diz ele q/ também me ama to super
feliz a minha mãe tá me apoiando e me
bravando toda vez pra eu não me machucar
e não sofrer no que ela foi sofrer por
amor.

Jim

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM9 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: a vida de fabio

Data: 04/08/2008

Bom eu me chamo fabio e agora eu, vou contar a minha vida desde a infância até agora, que eu estou na fase de adolescência os momentos que eu já mais gostei foi ao meu aniversário que eu tinha quebrado o braço numa queda de bicicleta esta queda atrapalhou muito a minha vida pois foi no braço que eu fazia as coisas como escrever e etc. Mas esta queda foi aos 10 anos de idade mas passou e no resto dos anos eu fui muito feliz jogava bola praticava outros atos fui ao parque e jogo videogame bola, jogos de mesa e outros e a dificuldade que eu passei foi a andar com o braço com o gesso no meio da rua que todos riem de mim.

e quando eu era mais pequeno numa fase de 7 anos e 8 anos eu sofria preconceito de varias pessoas como cabelo ruim, que quando eu crescer eu não ia dar pra gente que ia fumar usar drogas mas o que eu fiz não é nada disso que as pessoas pensam hoje eu estou aqui não só para agradar meus familiares e professores ~~pr~~ mas para agradar a mim mesmo para quando eu já estiver de maior tirar do meu proprio suor para eu mostrar o que sou por dentro não por fora.

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SM10 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: Os Obstáculos da Vida

Data: 04/08/08

Quaresma era um menino que nasceu em uma família muito pobre que morava no interior de Petrolina, Quaresma cresceu ~~trabalhando~~ vendo sua mãe e seu pai trabalhando muito para sustenta-lo.

Quando Quaresma começou a ~~trabalhar~~ ^{estudar} foi que as coisas começaram a ficar ruim por que ele morava muito longe da cidade e ele e o pai dele tinham que acordar sem dinheiro para chegar na escola ~~na~~ na hora certa, mais mesmo com o esforço do seu pai ele as vezes chegava atrasado e até perdia aula, mais as coisas ~~na~~ pioraram quando o pai de Quaresma ficou doente e não conseguiu mais ~~trabalhar~~ ^{trabalhar} seu filho para a escola, foi então que a mãe de Quaresma fez um esforço e decidiu de vender o sítio e ir para a cidade para não atrapalhar os estudos de Quaresma, quando eles chegaram na cidade a primeira coisa

Continua

que eles fizeram foi procura emprego, como o pai dele já tinha sido vendedor não foi difícil para ele arrumar emprego e a mãe foi mais fácil encontrar um emprego por que ela tinha uma amiga que era a madrinha dele e ela era dona de uma fabrica e a mãe de Quaresma ficou trabalhando como secretaria da fabrica e colocou ele em uma escola muito boa e ele recebeu uma base muito boa e acabou virando jogador de futebol e quando ele deu uma entrevista ele agradece aos seus pais por tudo que eles fizeram por ele

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF11 – 13 ANOS – ESCOLA C

Título: SuperaçãoData: 04/08/2008

Nasce em 14 de dezembro de 1994,anei-
o que foi um dos dias mais felizes
para os meus pais.

Meu pai trabalhava como vende-
dor ambulante para um senhor, só
que ele não era bem pago, mas
continuava trabalhando pois sabia
que não iria encontrar trabalho me-
lhor.

Quando tinha 4 anos, com muito
esforço meu pai me colocou pa-
ra estudar em uma escola par-
ticular, fora de suas condições
mas queria me dar do bom e
do melhor.

Resolveu sair do emprego po-
is o homem não estava mais
o pagando, meus familiares dizi-
am que ele deveria ir até a
justiça lutar pelos seus direi-

tos mais meu pai preferiu optar
pela amizade e anos de trabalho.

Meu pai abriu seu próprio
negócio, ainda é vendedor ambu-
lante mas vende para se própria.

Com muita dedicação meu
pai lutou para me dar do bom
e do melhor, e ainda luta.

Hoje sou muito grata a ele e a
minha mãe, tenho muito orgulho
dos dois por sua superação de vi-
da.

“Não me queixo de nada.”

TEXTO 1 – HISTÓRIA DE VIDA – SF12 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: Uma história de vida

Data: 04 de agosto de 2008

Conhecemos agora a história de vida de uma garota que apesar de contra-tempos sempre procurou o melhor para si. Essa garota nasceu na cidade de Galquins, mas logo ao primeiros ano de idade foi morar na cidade de Petrolina, onde seu pai se moraram a bastante tempo com o seu irmão mais velho. Dois anos depois de seu nascimento ela teve que voltar para sua cidade natal em função de dois motivos: A separação de seus pais e o desabrimento que sua mãe estava muito doente.

De volta a sua cidade natal, ela começou estudar na escola Cecília Meireles, na qual estuda até hoje.

No começo, ela, sua mãe e seu irmão tendo algumas dificuldades para morar com sua avó, onde ela morou até seus 6 anos, até que se mudaram e passaram a morar

apenas os três juntos.

Passado alguns anos em consequência de uma briga familiar seu irmão voltou a morar em Petrolina com seu pai, sendo assim hoje ela mora apenas com sua mãe.

Desde os sete de ter voltado ainda pequena para sua cidade natal, foi em Galquins, que ela cresceu, se criou, fez amigos e vive até hoje.

Ela é uma garota idealista e sonhadora que acredita em seu potencial e tudo que quer é ser feliz e construir sua vida como um castelo, com grandes e pequenos barreiros mas sempre como uma fortaleza.

APÊNDICE C

TEXTO 2– SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A)

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM1 – 13 ANOS – ESCOLA A

Título: Sou o que salgueiro merece

Data: 05/09/2008

Salgueiro merece muito de mais
 o atendimento ao aluno, em Salgueiro
 não tem um bom atendimento muitos
 alunos merecem porque não merecem
 transporem para outras cidades
 e não requerem a viagem.
 jovens merecem de mais oportunidades
 pois não tem muitas oportunidades
 quando surge um curso é muitos
 jovens para poucos lugares e etc.
 crianças merecem um melhor
 estudo tem muitas escolas
 mas não tem um bom
 atendimento muitas escolas públicas
 mas não abrem portas para
 crianças e muitos nem estudam
 infelizmente.
 Vale em mem.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM2 – 16 ANOS – ESCOLA A

Título: Eu Sou prefeito

Data: 05/09/08

Um certo dia, eu me candidatei para prefeito da cidade de Colquicoiro, e conheci uma pessoa que não tinha trabalho que era adutor e também, porém abandonado no meio da rua e conheci que não tinha que me ajudar para tomar decisões em sua vida em melhor hora tudo para melhor, construindo edifícios para as crianças se com melhores melhor jogos muito boas e para os jovens também e para o futuro eu sou obrigado para que ele também conheci e para os adultos das empresas para sustentar a sua família. Eu quero que conheci tudo isso não era somente a minha carreira, e construir uma presidência para ele poder andar por ali. Quando isso tudo foi construído em vários dias, depois foram para melhor e ele me deu muitas obrigado por tudo isso e eu sou muito político sou sempre sendo eleito. Com muita coisa maravilhosa para isso tudo.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF3 – 14 ANOS – ESCOLA A

Nota: O aluno não se dispôs a produzir o texto 2. A pesquisadora respeitou a sua vontade, considerando que não causaria interferência na análise do corpus.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF4 – 13 ANOS – ESCOLA ATítulo: No meu governoData: 05/09/2008

Eu como prefeita de Salgueiro investiria primeiro na educação dos jovens e das crianças lutaria para trazer a faculdade de Medicina e de Direito para nossa cidade, iria lutar para trazer uma UTI para nossa cidade.

Concerteza ia fazer melhorar os atendimentos nas postos de saúde e os pobres iria ter mais prioridade nos atendimentos, na parte das adultos ia investir construindo fabricas para empregar não só adultos jovens também, e para que os jovens tivessem mais ocupação faria mais casas de cultura.

Já com os idosos faria algo com lazer em quatro anos daria para mim fazer varias coisas calçar ruas, fazer saneamentos basicos e investir mais na educação e na saúde.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM5 – 16 ANOS – ESCOLA B

Título: Minha história de superação e honestidade

Data: 08/09/08

Minha história é parecida com a do presidente Lula, sempre foi bem popular na minha cidade de todo mundo que me conhece minha história é longa pois eu vim de uma vida longa e sei das más eu queria de bítiva dos meus objetivos e estava sempre batalhando para que eles se tornem em realidade eu do mais possível manter em meu coração a ideia de mim mesmo tudo que eu queria era de ganhar eu sim era vencer de tudo cidadão

Em toda esta minha vida o que eu mais vivo esse meu caminho era a luta que não me abandona com muita como por exemplo: tristeza, dor, sofrimento e muitas outras mas eu queria mudar a minha realidade e não encontrava por tua situação a não ser que eu me candidatasse a prefeito e eu tinha minha própria ideia para fazer a que queria dizer que eu era o prefeito e mudar a minha realidade atualizada.

Continua

Então cedei a partido que eu acho que
 seria o mais honesto e cheio. Então não queria
 ter todos os dias de mais comissão não queria
 de P. e o meu partido da P. não sabia
 que fazer pois aliada da que passava eu não
 tinha o número de eleitores de meu lado e
 eu não poderia prometer nada a ninguém por
 que político que é político não promete ele faz logo
 a promessa pedir voto, porque voto não se pede de
 promessa e foi o que eu fiz quando a com
 issão de todas, final meu chela o dia 5/10.

As últimas foram eleições e quando saiu
 o resultado de uma comemoração a mais foi
 uma vitória só, eu fiz elite o melhor do mi-
 nha cidade e quer saber como ele ficou na im-
 @ quando que eu vou na primeira reunião.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM6 – 18 ANOS – ESCOLA BTítulo: Vida LógicaData: 08/09/08

"Para se compor uma vida digna e predileta para essas pessoas de minha cidade é preciso criar várias condições para que essas pessoas possam se compor em algumas atividades.

que diante dessas atividades eles pode até mesmo criar um grande efetivo para sua mente, que jovens e crianças nessa cidade eles não tem basicamente o que realmente o que eles pode pensar que os jovens e as crianças precisam de um espaço pedagógico.

Os jovens nessa cidade a maioria deles estão entrando no mundo das drogas.

Jovens que começam neste vício eles não sabem por onde eles podem recomeçar e nem por onde eles possam ir.

Criando alguns atos em nossas cidade para esses jovens eles possam esquecer essa vida que eles tem como também as crianças

Continua

Criando um espaço para que os jovens
 e crianças possam aprender. O País
 alguma coisa e tem que dar emprego
 a estes jovens para que eles possam
 se ocupar e não vivam na pobreza
 que eles precisam de dinheiro e não tem
 emprego e fazem meios para sua sobrevivência
 e para comprar o que eles precisam
 Como eles não tem emprego criam meios de
 roubo e assalto.
 Os Crianças precisam de lazer e
 conviver com crianças principalmente dos familiares
 Os Crianças precisam de alegria que as Crianças
 de nossas cidades tem que serem alegres
 Como as Crianças em minha cidade não tem
 isso muitas crianças vivem pedindo nas ruas
 e na feira contando histórias estragadas que os
 pais não tem emprego para dá-lo o que essas
 Crianças precisam.

Criem alguma coisa para ocupar com isso
 Os ~~idosos~~ ^{idosos} de nossas cidades não tem
 o descanso e a vida que eles merecem
 Os idosos não todos mais muitos idosos fazem
 mesmo aposentados ainda estão trabalhando
 no peso e em suas casas ^{não} tem um bom
 serviço tem que dar um abrigo ^{não} longe
 de suas famílias tem que ser com suas famílias
 para que eles sintam-se melhor e em um
 bom e puro ambiente com eles descansem.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF7 – 15 ANOS – ESCOLA B

Título: Para ser o que queremos deves-
mos cumprir e fazer?

Data: 08/09/08

Bem eu como candidata a prefeita. Se eu ganhasse nas eleições eu iria cumprir o que eu prometi e iria melhorar o que estava melhor e o que estaria precisando e faltando na minha cidade, ajuda-los aquelas que em casas alugadas moram e dar também para a cidade dar para as ruas que estaria faltando calçamento, e melhorar os saneamentos básicos que há nas ruas, olhos e públicos e etc...

Hoje para a gente ganhar nas eleições não é fácil porque não há só eu de prefeita e sim vários candidatos a prefeitos, então se eu ganhasse nas elei-

Continua

cões eu iria mudar para me-
 lhor eu iria cumprir o que
 eu prometi e fazer aquilo
 que deveria e que preci-
 sava fazer, não iria ajudar
 todos, mas aqueles que precisam
 e aqueles que precisam de
 minha ajuda.

Alguns planos que eu iria
 fazer e cumprir. Era alguns
 cursos que não há na cida-
 de, que há muita gente que
 sai de sua cidade para
 fazer um curso em outra ci-
 dade. Hoje para a gente ser
 candidato a prefeito não é
 fácil não. Então quem ganhar
 essa essa oportunidade de ser
 candidato(a) a prefeito(a) faça
 o que tem que fazer e apro-
 veite a oportunidade para me-
 lhorar seu bairro, sua cida-
 de, e seu município.

Sim e sem esquecer irei
 ajudar as pessoas carentes
 e os deficientes, idosos, a-
 dultos e as crianças.

Tchau

Fim...

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF8 – 14 ANOS – ESCOLA B

Título: Na minha candidatura

Data: 08/09/2008

Se hoje eu fosse candidato a prefeito eu iria fazer de tudo pra melhorar a minha cidade Salgueiro.

Que iria fazer investimentos, colocar ruas, saneamentos, melhoraria da educação, na saúde. Criaria mais postos de saúde todas as escolas públicas teriam financiamento completo de água, e todos os materiais necessários. E pra todos aqueles que moram em outras localidades na área rural iriam ter veículos que levariam para a escola e deixariam em casa. Contrataria mais voluntários para os postos de saúde e mais voluntários pra um melhor atendimento.

Mas não iria prometer muitas coisas sem saber se realmente iria cumprir ou não, pois muitos políticos chegam na sua casa prometem varias coisas, iludem o eleitor e quando ganha não faz nada do que

quando ganha não faz nada do que promete e ignora o eleitor e quem se firma por ter votado em corrupto que se eles enganam e não cumprem nada.

Por isso devemos estudar muito nossos candidatos para que não nos arrependamos depois.

“Fim”

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM9 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: Historia de Zolgueiro

Data: 03/09/2008.

1- Zolgueiro - Bom agora vou contar o que eu faria se fosse prefeito da cidade de Zolgueiro primeiro - construiria varias escolas e não deixaria as crianças na rua procurando necessidade.

2- Jovens - um grupo de jovens uma casa de orações para varios jovens.

3- adultos - construiria - casas populares para os que não tem.

4- idosos - grupos de idosos entre 50 e 100 anos de idade.

Bom agora vou contar o que eu faria se fosse prefeito eu construiria uma empresa um parque grande para as crianças na praça colocaria uma praça de esportes um aeroporto um hospital para aquelas doenças que,

Continua

no meio grandes segredos escritos, um
diário que tem 14 páginas com vários
parques dentro do diário, a maioria
deletras suas que não são colocadas
na maioria grandes fábricas e empresas
ajudaria as pessoas que não ca-
rentes que vivem em países dis-
tintos na sua se cobrindo com
fornas de papéis ou papéis de
carvão vários são policiais em toda
bairro da cidade para que pessoas de
várias cidades trabalhassem aqui bem nos
para que isto aconteça que eu seja
eleito e ganhe muito dinheiro pois
mas é fácil contribuir isto de graça
então até em mais 165 para ser
prefeito pois a mudança vai acontecer

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SM10 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: Um homem de Perseverança

Data: 05 de Setembro de 2008

Olá eu sou o docto Quaresma, e sou candidato a prefeito de Salgueiros, além de ser um dos candidatos a prefeito eu também sou um cidadão como vocês que estão me ouvindo, e eu como cidadão eu já tentava fazer coisas que ajudassem Salgueiros a crescer e se desenvolver; e também sei o que Salgueiros precisa para se desenvolver e ter cidadãos com um nível mais de educação, e ter menos pessoas necessitadas passando fome e sem um lugar para morar, por isso se eu for eleito a prefeito eu iria tentar não eu iria fazer com que a educação das novas crianças melhorasse, com que as pessoas que moram na rua tivessem um lugar onde morar que seja digno, e também ter o que comer em casa, mais o mais importante é que essas pessoas pensassem "isso comido que estou comendo é conquistado com o meu suor".

É isso e muito mais que o povo merece por que tem gente aí que daí durou para que

Continua

tenham sucesso na vida; e algumas até conse-
quem mais a maioria se contentam em traba-
lhar sendo apenas um mísero empregado
por que eles pensam assim "Mas ~~o~~ somos pobres
por que Deus quis então somos que nos
contentar com que somos", pessoas que moram
em favelas e meritos". E isso não é verdade Deus
quis nosso bem e nós só temos que nos
esforçar um pouco para chegar onde queremos.

Mais tem bem tem gente que já disse mais
quando aparece algum pequeno obstáculo dizente
antes mesmo de tentar ultrapassá-lo é
isso não pode acontecer; eu tiro por mim
mesmo, eu ero uma pessoa que se qualquer
obstáculo que aparecesse na minha frente con-
segui me fazer desiste; Até que um dia uma
pessoa muito especial para mim, me disse que
se eu nunca tentarei superar esses obstáculos
eu nunca seria nada na vida, e eu segui o
conselho dele e hoje eu estou aqui sou um

dos melhores doctors do Brasil, e gostaria de
ter o voto de vocês para me apoiar, a tentar
desenvolver Salgueiro e é por isso que estou aqui
nessa balauque.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF11 – 13 ANOS – ESCOLA C

Título: Recursos para a população.

Data: 05.09.08

Se me eleger como prefeita tomarei todas as providências para a melhoria da população realizarei na saúde, educação e saneamento básico para as famílias. Educação para todos, jovens, crianças e idosos terão direito a educação para enriquecimento de conhecimento problema que interfere no futuro das pessoas; ganho de conhecimento, caráter, ler tudo que nós seres humanos necessitamos.

Lutarei pela democracia direitos e deveres para todos, se expressar da forma desejada. Para aqueles pessoas que não tem renda fixa a "BOLSA FAMÍLIA" para ajudar na renda mensal.

Idosos, crianças, homossexuais, mulheres terão mais respeito na sociedade por serem exemplos de vida. Os idosos

Continua

por sua experiência de vida, as mulheres por se destacarem na sociedade e no mercado de trabalho, os jovens por serem bonitos, inteligentes que se no mundo ~~um~~ um dia serão melhores, os homossexuais por sua coragem de engrandecer no preconceito de gênero.

Todos os pessoas terão direito ao trabalho receberão seu salário e em determinada idade se aposentará realizando recebendo sua aposentadoria.

Essas são propostas que irei cumprir, que irão melhorar a vida de vocês Salgueiras e Jannomães seus e meus filhos em pessoas melhores; e que em suas vidas não haverá mais medo e da mentira.

É uma coisa eu lhes digo nunca percam a esperança, e sejam perseverantes em sua longa jornada da vida.

TEXTO 2 – SE EU FOSSE CANDIDATO(A) A PREFEITO(A) – SF12 – 14 ANOS – ESCOLA C

Título: Discurso de uma prefeita

Data: 05 de setembro de 2008

Minha cidade, como todas as outras, possui diversos problemas, os quais estão relacionados às áreas de educação, saúde, saneamento básico, infra-estrutura, economia e política.

Todos estes problemas estão de certa maneira interligados, isso porque ao se tentar resolver um deles temos que mexer com todos os outros e, para resolvê-los é necessário de alguém capaz de realizar esta tarefa, alguém que realmente ame e queira o bem de sua cidade e sua população. Sendo assim, eis a pergunta: "O quem estaria apto a resolver os nossos problemas e de nossa cidade?" É justamente para responder esta pergunta que estou aqui, como candidata a prefeita desta cidade eu pretendo em 4 anos de governo fazer o possível para resolver estes pro-

blemas. Remaneirei escolas, criarei mais postos de saúde, calçarei as ruas, haverá mais segurança, teremos novas praças de alimentação. Essas são algumas das muitas medidas que pretendo tomar para melhorar cada vez mais o convívio em sociedade, isso lógico se eu for eleita.